



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

CARLOS EDUARDO FERREIRA DA CRUZ

MUDANÇA DÊITICA E PERSUASÃO: A ORGANIZAÇÃO DÊITICA DO TEXTO
POR ALUNOS DO 6º ANO NA TRANSFORMAÇÃO DO DISCURSO
INFORMATIVO EM PERSUASIVO

FORTALEZA

2011

CARLOS EDUARDO FERREIRA DA CRUZ

***MUDANÇA DÉITICA E PERSUASÃO: A ORGANIZAÇÃO DÉITICA DO TEXTO
POR ALUNOS DO 6ºANO NA TRANSFORMAÇÃO DO DISCURSO
INFORMATIVO EM PERSUASIVO***

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helenice Araújo Costa

FORTALEZA

2011

C957m

Cruz, Carlos Eduardo Ferreira da

Mudança dêitica e persuasão: a organização dêitica do texto por alunos do 6º ano na transformação do discurso informativo em persuasivo / Carlos Eduardo Ferreira da Cruz — Fortaleza, 2011.

138 p.

Orientadora: Profª. Drª. Maria Helenice Araújo Costa.

Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

1. Dêixis. 2. Mudança dêitica. 3. Persuasão 4. Produção escrita I. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

CDD: 418

CARLOS EDUARDO FERREIRA DA CRUZ

***MUDANÇA DÊITICA E PERSUASÃO: A ORGANIZAÇÃO DÊITICA DO TEXTO
POR ALUNOS DO 6º ANO NA TRANSFORMAÇÃO DO DISCURSO
INFORMATIVO EM PERSUASIVO***

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Defesa em: 01/09/2011

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Helenice Araújo Costa (Orientadora)

Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (1ª examinadora)

Universidade Federal do Ceará

Prof. Dra. Laura Tey Iwakami (2ª examinadora)

Universidade Estadual do Ceará

AGRADECIMENTOS

A Deus, por Sua presença amorosa em minha existência, e por tudo que tenho e sou;

ao meu pai Edson Cruz, por ter levado a sério o compromisso de construir uma família e ter gastado tudo o que tinha em favor de todos nós. Pai, amo você;

à minha mãe Maria Cruz, por ser uma rocha a me apoiar nos momentos em que eu não vejo saída, por me ofertar até hoje a sua vida inteira, por trocar reinos por mim e por meus irmãos, por ser uma presença real de Deus em meu cotidiano. Mãe, também amo você;

às minhas irmãs e aos meus irmãos, por me incentivarem a ser uma pessoa melhor;

à minha amada noiva Suzany de Castro, por me animar nos dias de “solidão da tese”, por me iluminar nos dias gris e me fazer um homem feliz;

à orientadora deste trabalho, Prof. Dra. Maria Helenice Araújo Costa, por ter insistido na mudança de rota da pesquisa; por sua paciência em me (re)orientar quando eu vacilava e por sua atenta preocupação em me atender em todos os momentos da produção deste trabalho;

à turma do PosLA (UECE) 2009, em especial, aos meus amigos Marquinhos, Chico, Gilson e à minha amiga Aline, por suas preciosas informações;

às colegas de grupo de pesquisa Jariza, Érika e Poli, por terem se empenhado com carinho e atenção na revisão do texto: valeu, meninas!;

às professoras e aos professores do PosLA (UECE), especialmente, Dra. Iúta Lerche, Dra. Dilamar Araújo, Dra. Claudiana Alencar, Dr. Wilson Carvalho e Dr. Ruberval Ferreira;

às professoras Dra. Mônica Magalhães Cavalcante, Dra. Laura Tey Iwakami e ao professor Dr. Luciano Pontes, por aceitarem participar da banca examinadora.

RESUMO

Este trabalho investigou as estratégias empregadas por estudantes de língua portuguesa ao manipular a dêixis em um texto persuasivo. Tomando como base os pressupostos da Teoria da Mudança Dêítica (*Deictic Shift Theory – DST*) (ZUBIN, HEWITT, 1995; SEGAL, 1995) e, mais especificamente, o trabalho de Hosenfeld, Duchan e Higginbotham (1995), que estudou a marcação da mudança dêítica em textos de estudantes de Inglês como segunda língua, a presente pesquisa objetivou observar esse mesmo fenômeno em textos produzidos em língua materna por estudantes do 6º ano do ensino fundamental de uma escola de Fortaleza. Para tanto, realizou-se um experimento que constou de duas etapas. Na primeira delas, os alunos foram orientados a produzir um texto persuasivo tomando por base as informações veiculadas em um texto informativo. A hipótese adotada foi a de que os alunos, redatores ainda em formação, demonstrariam dificuldade na manipulação das formas linguísticas para marcar a nova organização dêítica do discurso. Analisados os 51 (cinquenta e um) textos produzidos nessa primeira etapa, procedeu-se à segunda etapa, uma entrevista com quatro dos autores dos textos. Durante a entrevista, esses quatro alunos foram questionados acerca da marcação da mudança dêítica em seus textos e, a partir desses questionamentos, foram incentivados a reformulá-los. Os resultados da análise dos dados mostram que, de um modo geral, os alunos dispensaram alguma atenção à invocação da audiência, expressando isso por meio do uso de dêiticos pessoais e/ou outras expressões referenciais, além de marcas dêíticas temporais e espaciais para situar o leitor na cena enunciativa. Por outro lado, revelaram também que esse conhecimento ainda não está consolidado, o que aponta para a necessidade de os alunos se exporem mais e de forma produtiva à leitura/produção de textos persuasivos, a fim de aperfeiçoarem sua escrita.

Palavras-chave: Dêixis. Mudança Dêítica. Persuasão. Produção escrita.

ABSTRACT

In this present work, we investigated the strategies used by Brazilian students to manipulate deictic elements in a persuasive text. We used the Deictic Shift Theory (DST) as our basis (ZUBIN, HEWITT, 1995; SEGAL, 1995), mainly focusing on the works of Hosenfeld, Duchan e Higginbothan (1995), searchers who have studied the occurrence of deictic shifting on texts produced by students of English as Second Language. In this sense, the present research aimed at investigating this phenomenon on texts produced by elementary school aged students (6th level) in a public school in Fortaleza, Ceará. In this research, we went through an experiment which was divided in two phases. In the first one, the students were asked to write a persuasive text taking the informational data from an informative text. The hypothesis was the students in the beginning level of writing proficiency would show difficulties to manipulate the new deictic elements to improve the new deictic organization of their texts, fifty one texts were observed in this phase. In the second stage, four students were interviewed, they were asked about the marks of deictic shifting in their texts and based on the comments they were motivated to rewrite theirs texts. The results which we came through revealed in a general sense that students were aware of the importance of the audience, what was demonstrated by the uses of personal deixis, referential expressions, time and space deictic marks to situate the reader in the context of enunciation scene. On the other hand, the data also revealed students' awareness on those elements is not consolidated, situation which points out the pupils' necessity to be exposed to reading/writing persuasive texts in order to develop their writing skills.

Key-words: Deixis. Deictic Shift. Persuasion. Textual Production.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Invocação da audiência.....	76
Quadro 2 – Especificação/Não especificação da audiência.....	80
Quadro 3 – Continuum de interatividade nos títulos.....	97

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	07
INTRODUÇÃO	10
1 QUADRO TEÓRICO	16
1.1 A abordagem sociocognitiva da linguagem à referência.....	16
1.2 Os processos referenciais e sua construção	21
1.3 Perspectivas clássicas do fenômeno da dêixis.....	24
1.4 Características da dêixis	29
1.5 Tipos de dêixis.....	31
1.5.1 Dêixis de pessoa	32
1.5.2 Dêixis de tempo.....	33
1.5.3 Dêixis de lugar.....	34
1.6 Desdobramentos do fenômeno dêitico	36
1.6.1 Dêixis Fictiva.....	37
1.6.2 Teoria da Mudança Dêitica.....	39
1.6.3 Dêixis e prática social: um novo olhar sobre o campo dêitico	44
2 DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA E METODOLOGIA.....	48
2.1 A sala de aula como espaço para a pesquisa	48
2.2 Pesquisa Piloto	51
2.3 Pesquisa Principal	54
2.3.1 Os sujeitos participantes	54
2.3.2 Instrumentos de investigação.....	55
2.3.3 Procedimentos de coleta e análise dos dados	56
2.3.4 Etapas executadas na pesquisa principal	57
3 A MUDANÇA DÊITICA NOS TEXTOS DOS ALUNOS.....	64
3.1 A organização dêitica pessoal: o papel da audiência.....	66
3.1.1 Textos sem invocação da audiência.....	67
3.1.2 Textos com invocação da audiência	69
3.1.3 Autorreferência do produtor	71
3.1.4 A referência ao leitor	73
3.1.5 Especificação/Não especificação da audiência.....	78
3.1.5.1 Especificação das séries escolares	81
3.1.5.2 Especificação dada a cada série escolar.....	83
3.1.5.3 Identificação equivocada da audiência	85
3.2 A organização dêitica temporal.....	86
3.2.1 Os dêiticos temporais usados pelos alunos.....	87
3.2.2 Particularidades do uso dos dêiticos temporais	88
3.3 A organização dêitica espacial.....	92
3.3.1 Os dêiticos espaciais usados pelos alunos	92
3.3.2 Particularidades do uso dos dêiticos espaciais	93
3.4 Os tipos de títulos encontrados nos textos	96
3.4.1 Análise dos títulos do Nível A.....	98
3.4.2 Análise dos títulos do Nível B.....	100
3.4.3 Análise dos títulos do Nível C.....	102

3.5 A reescrita dos textos pelos alunos	105
3.5.1 Análise do texto TA14.....	106
3.5.2 Análise do texto TA18.....	109
3.5.3 Análise do texto TA39.....	113
3.5.4 Análise do texto TA42.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	124
ANEXOS	129
ANEXO A – Notícia utilizada no estudo piloto e na pesquisa principal	130
ANEXO B – Texto dos alunos (TA)	131

INTRODUÇÃO

Tomando como base a ideia de que a real substância da língua é a interação verbal, concretizada por meio de enunciações (BAKHTIN, 2002), podemos admitir que o uso da palavra é sempre situado, ou seja, sempre dirigido a alguém, localizado num espaço estabelecido e num tempo determinado, e que, portanto, a atividade discursiva é, por natureza, dialógica e ideológica.

Na produção do discurso, os interlocutores ao mesmo tempo representam o mundo a sua volta e são representados, lançando mão de *objetos de discurso* (MONDADA; DUBOIS, 2003), também chamados de referentes, os quais, por sua vez, emergem no fluxo do discurso.

Tendo em vista a função que os referentes desempenham no discurso – como entidades construídas pelo texto e compreendidas, geralmente, por meio de expressões referenciais – podemos entender que a organização discursiva passa obrigatoriamente pela referência. Não há produção de sentido sem considerar o papel que os referentes desempenham em arranjar o texto. Essa ideia nos faz concluir que a referência é um processo fundamental e constitutivo da linguagem humana e que, portanto, constitui um tema que nunca se esgota, na medida em que se configura e reconfigura a cada nova interação.

Considerando o papel crucial e atual da referência (referenciação – nas palavras de MONDADA e DUBOIS, 2003), voltamos nosso olhar, nesta pesquisa, para essa temática. Tratamos da referência dêitica, mais precisamente do problema da mudança dêitica em textos de alunos do ensino fundamental.

Foram as dificuldades dos alunos em manipular as coordenadas referenciais dêiticas nos textos que nos motivaram a empreendermos este trabalho. Vale ressaltar que nossa atenção para o estudo da referência nos textos de nossos educandos deve-se, em grande parte, aos estudos, aos debates e às pesquisas que foram e estão sendo desenvolvidas pelo Grupo de Estudo em Linguística PROTEXTO (UFC), do qual fazemos parte.

Tendo em conta que os fenômenos da referenciação - e, especificamente, o funcionamento discursivo dos dêiticos - são pouco ou quase nada explorados na escola, (KOCH; ELIAS, 2006; ABRAÇADO, s/d), entendemos que abordar essa questão se tornaria importante porque, enquanto educadores de letramento (BAZERMAN, 2006), temos a responsabilidade de formar cidadãos cada vez mais preparados para transitar em diversas instâncias sociais em que o uso da leitura e da escrita se fazem presentes.

Nesse sentido, em nossa pesquisa, voltamos o olhar para a manipulação das perspectivas dêiticas em textos persuasivos produzidos a partir de um texto expositivo. Com isso, objetivamos perceber como os alunos organizam discursivamente as coordenadas dêiticas pessoal, espacial e temporal, isto é, como eles operariam a mudança do centro dêítico na retextualização, no caso específico da transformação de um texto predominantemente informativo em outro cujo propósito maior seria o de persuadir.

Nosso interesse pelo fenômeno da mudança dêítica surgiu após o contato com a leitura dos teóricos da mudança dêítica e, em especial, a partir do contato com a pesquisa de Carol Hosenfeld, Judith Duchan e Jeffery Higginbothan (1995) “Deixis in persuasive texts written by bilinguals of differing degrees of expertise” (Dêixis em textos persuasivos escritos por bilíngues de diferentes graus de proficiência¹). Esses autores constataram que a mudança dêítica não era considerada como um critério fundamental para a efetivação do discurso persuasivo; assim como também não era levada em conta por professores no momento de avaliar textos dessa natureza.

A partir desse fato, Carol Hosenfeld, Judith Duchan e Jeffery Higginbothan (1995) investigaram em textos persuasivos, produzidos por pessoas que tinham o inglês como segunda língua, as coordenadas dêiticas “eu/tu-aqui-agora”, que são os elementos constituintes da enunciação (CERVONI, 1989), classificadas, respectivamente, como dêíticos de pessoa, de tempo e de espaço. Como resultado, os estudiosos constataram que os sujeitos da pesquisa apresentaram, em seus textos, problemas na manipulação das perspectivas dêiticas. Principalmente no tocante ao domínio do dêítico pessoal, houve casos em que a referência ao interlocutor não ficou clara, o que, segundo os autores, comprometeu a efetividade da função retórica dos textos, que era persuadir. Desse modo, eles concluíram que a competência em manipular as coordenadas dêiticas é fundamental na construção do discurso persuasivo, na medida em que colabora para identificar/persuadir, “envolver”, no dizer de Biber (1988)², a audiência pretendida, situando-a no tempo e na situação comunicativa e precisando-a no espaço em que se dá a enunciação.

Nossa ideia partiu dessa preocupação com a manipulação dos dêíticos - pessoal, temporal e espacial - no discurso persuasivo. Porém, diferente dos autores, voltamos nosso

¹ A tradução livre dos textos em inglês é de autoria de Maria Helenice Araújo Costa, orientadora desta pesquisa, e de seus alunos da graduação e pós-graduação: Jariza Augusto Rodrigues dos Santos e Érika Assunção.

² Ver Biber (1988), que estabelece seis dimensões para caracterizar os gêneros ao longo de contínuos, entre elas a dimensão *Produção envolvida versus informacional*. Nos textos persuasivos predominaria o envolvimento. Ver também Costa (2000).

olhar para os textos dos alunos que estão em fase de desenvolvimento da língua escrita materna (6º ano), a fim de saber se eles teriam dificuldade ou não em manusear esses dêiticos em um processo de retextualização que vai de um texto expositivo a um injuntivo.

Tendo em vista a importância da Teoria da Mudança Dêitica para se compreender a organização do discurso, entendemos que o conhecimento de tal teoria é fundamental para aqueles e aquelas que lidam profissionalmente com texto/discurso³. Manipular adequadamente as expressões referenciais dêiticas seria, portanto, uma habilidade imprescindível que os alunos poderiam aprender com os professores, considerando-se que é papel da escola contribuir para o desenvolvimento da competência discursiva.

Um dos vários motivos pelos quais podemos considerar pertinente o estudo da dêixis é que “Mais de noventa por cento das unidades frásicas de uma língua natural apresenta unidades lexicais de função deíctica” (VIDAL, 1993 apud MARTINS, s.d.). Reforçando essa tese, Cavalcante (no prelo), apoiando-se em Lyons (1977), considera que o processo referencial em si envolve um componente dêitico porque as coordenadas espaço-temporais situam os enunciadores no co(n)texto sócio-histórico, facilitando a compreensão dos referentes pelos coenunciadores.

Para um melhor entendimento de nossa proposta, elencamos basicamente quatro razões que, a nosso ver, justificam a relevância desta pesquisa. A primeira dessas razões é a novidade que ela representa, tanto no campo dos estudos do texto como no âmbito do ensino de língua materna. Em termos de estudos de texto, alguns dos trabalhos recentes mais conhecidos (CAVALCANTE, 2000; CIULLA, 2002), apesar de discutirem algumas funções discursivas, tratam mais diretamente dos chamados dêiticos discursivos e se dedicam mais ao problema da classificação. Embora em Ciulla (2008) a autora aborda a função dos dêiticos na ficção, esse constitui apenas um item em sua pesquisa, que trata mais genericamente das funções referenciais em contos literários e não inclui em seus pressupostos teóricos nenhuma alusão à Teoria da Mudança Dêitica.

Quanto à presença de discussões envolvendo a dêixis na escola, podemos afirmar que esse é um assunto praticamente desconhecido, até mesmo por grande parte dos professores. É

³ A necessidade de pôr uma barra entre texto/discurso é de não dissociar esses dois componentes que são essenciais na dimensão discursiva. Para essa dimensão discursiva “contam aquele que fala, quem fala, discute-se o papel dos sujeitos dos enunciados, ocupa-se com o modo como o falar é objeto de certo tipo de interesse, regulado por circunstâncias, quais sejam, os fatores culturais, sociais, éticos, políticos.” (ARAÚJO, 2004, p. 199). Por isso Ciulla (2008) sustenta que a relação entre texto/discurso não é paralela, mas entrecruzada, interligada, já que o texto emana da dimensão discursiva. Desse modo, quando nos referirmos a discurso, estamos considerando essa dimensão em forma de texto.

o que podemos deduzir da reclamação da pesquisa de Abraçado (s/d) sobre a ausência de uma abordagem discursiva para os dêiticos nas gramáticas.

Uma segunda motivação, que seria, de certa forma, decorrente da primeira, seria a possibilidade de estudos dessa natureza funcionarem como ferramentas para facilitar a compreensão e a produção de textos. Assumindo, com os teóricos da mudança dêitica, a ideia de que os textos se estruturam a partir das projeções que se fazem das coordenadas dêiticas, podemos notar que um maior conhecimento dessa questão levará a um domínio maior da organização do discurso, tanto na compreensão quanto na produção.

E, uma vez que nossa pesquisa não se restringiu à análise de textos como produto, mas pretendeu também testar o uso dessa ferramenta no processo de produção textual, vimos a possibilidade de o estudo contribuir, em termos gerais, para melhorar o nível de exploração de textos em sala de aula, na medida em que oferece ao professor um exemplo de interação que, esperamos, se reverta em melhoria da qualidade dos textos.

Finalmente, podemos ainda considerar, a favor da validade desta pesquisa, a contribuição que, a nosso ver, ela poderá oferecer especificamente para o ensino da escrita persuasiva, uma vez que, ao discutirmos a produção escrita dos alunos, estaremos também enfocando a mudança dêitica voltada para o discurso injuntivo.

Tendo em conta essas observações, nossa pesquisa guiou-se pelas seguintes questões:

- Como se caracteriza a organização dêitica em textos persuasivos, produzidos a partir de um texto expositivo, por alunos do ensino fundamental?
- De que maneira os aprendizes especificam a audiência pretendida em seus textos?
- Que modificações os aprendizes introduzem em seus textos a partir da intervenção do professor no que diz respeito à organização dêitica?

Nossas hipóteses para as questões acima foram as de que:

- os textos persuasivos (anúncios) produzidos por alunos do 6º ano do ensino fundamental, a partir de informações encontradas em um texto expositivo (notícia), tenderiam a fugir ao modelo canônico de organização dêitica do texto persuasivo, caracterizado, segundo Carol Hosenfeld, Judith Duchan e Jeffery Higginbotham (1995), por uma marcação forte em direção à audiência (dêixis de pessoa), tendo a dêixis temporal e a dêixis espacial como reforço para convencer o interlocutor;

- os alunos empregariam formas variadas e difusas para indicar a audiência pretendida, uma vez que teriam dificuldade de operar a mudança dêitica;
- os alunos modificariam seus textos após a intervenção do professor-pesquisador, atentando para a marcação da mudança dêitica nos aspectos pessoal, temporal e espacial.

A fim de darmos conta desses questionamentos, estruturamos nossa dissertação em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais.

No capítulo 1, organizado em seis seções, descrevemos o quadro teórico que fundamenta nossa investigação. Na primeira seção, fazemos uma relação entre estudos sociocognitivos e a teoria da referenciação, na ideia de mostrarmos que a linguagem não é apenas um fenômeno cognitivo, mas também social. Na seguinte, falamos sobre os processos referenciais de modo geral e sua construção no discurso, especificando o fenômeno da dêixis. Na terceira seção, apresentamos a noção tradicional sobre o conceito de dêixis; e, na posterior, mostramos as características principais desse fenômeno. Dando continuidade à discussão de dêixis, mostramos, na quinta parte do capítulo, os três tipos de dêixis com os quais trabalhamos em nossa pesquisa, a saber: os dêiticos pessoal, temporal e espacial. Finalizando a discussão, apresentamos os desdobramentos teóricos sobre a dêixis (COSTA, 2010), que consistem na dêixis fictiva, na Teoria da Mudança Dêitica e na noção complexa de campo dêitico.

No segundo capítulo, dedicamo-nos a descrever os passos metodológicos que empreendemos no trabalho. Primeiramente, destacamos a sala de aula como um espaço significativo para a pesquisa; em seguida, apresentamos o estudo piloto que norteou nosso trabalho. Por fim, adentramos na pesquisa principal, mostrando os passos percorridos, bem como os procedimentos metodológicos empregados na geração dos dados.

No terceiro capítulo, organizado em cinco seções, analisamos, de modo geral, o papel da audiência nos textos produzidos pelos alunos. Na primeira seção, enfocando os dêiticos pessoais na construção persuasiva, mostramos como a audiência foi identificada (ou não) nos textos, chegamos, inclusive, a categorizar cada tipo de invocação da audiência. Na segunda e na terceira seção, analisamos de que maneira os dêiticos temporais e espaciais contribuem para o reforço do papel da audiência na persuasão do leitor do texto. Na seção seguinte, estabelecemos uma relação do título dado pelos alunos com as informações do texto, a fim de

comprovar o grau de interatividade e a correspondência entre o que foi posto no título e o que foi apresentado no corpo do texto. Fechando o capítulo, na quinta seção escolhemos quatro textos escritos pelos alunos que demonstraram dificuldades específicas em manipular as coordenadas dêiticas para serem refeitos mediante nossa interação com eles. Nesta análise, focamos nossa atenção no modo os educandos usaram as coordenadas dêiticas pessoal, temporal e espacial na primeira versão do texto; e, a partir dessa compreensão, questioná-los sobre alguns problemas encontrados, com o objetivo de fazê-los refletir sobre a importância desses dêiticos na construção do discurso persuasivo e de orientá-los na reescritura textual.

Finalizamos nossa dissertação com as considerações finais, em que registramos de modo geral os resultados encontrados, além de acenarmos para novas pesquisas que aprofundem o fenômeno por nós investigado.

1 QUADRO TEÓRICO

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos que servem de base para sustentar nossa investigação no que se refere ao fenômeno da mudança dêitica. A estrutura da nossa exposição se fundamenta na ideia de que a mudança dêitica está inserida em um contexto mais complexo, que compreende os estudos da cognição, os da referenciação e os que tratam de modo específico do fenômeno da dêixis.

O problema que investigamos tem a ver com a cognição - uma vez que trata da transformação de um discurso em outro (MARCUSCHI, 2002) - não do ponto de vista de cognição clássica, mas de uma concepção cognitiva que está dentro da sociocognição.

Tendo em vista que a Teoria da Mudança Dêitica, como veremos, leva em conta as ações de leitura e escrita como atos cognitivos, sobretudo aqueles estudos cognitivos que consideram os aspectos sociais como parte inseparável na produção e construção de sentidos, os chamados estudos de sociocognição, procuramos relacioná-los com a teoria da referenciação na ideia de mostrar a construção referencial como um processo in(e)stável das palavras e também como algo constitucional do discurso.

Atentando especificamente para o objeto de nossa investigação, tratamos em discutir o fenômeno da dêixis. Abordamos a perspectiva tradicional dos estudos sobre dêixis, conceituando ainda os três principais tipos de dêiticos (pessoal, temporal e espacial) alvos da pesquisa. Em seguida, apresentamos três teorias que julgamos contribuir para a compreensão da organização discursiva dos dêiticos: a abordagem da Dêixis Fictiva, a Teoria da Mudança Dêitica e a noção complexa de campo dêitico.

1.1 A abordagem sociocognitiva da linguagem à referenciação

De acordo com Koch (2005), duas concepções de cognição vão orientar os estudos da linguagem. A primeira, proveniente das teorias clássicas da Ciência Cognitiva, separa mente e corpo (interioridade e exterioridade). Para essa ciência, a cognição é vista como modelos de informação - daí ser modularista⁴ (COSTA, p. 2007) - representados por símbolos e passíveis de manipulação, não considerando os processos externos da mente. Como nos explica

⁴ A mente nessa concepção é considerada uma estrutura fixa organizada em módulos ou órgãos mentais, geneticamente determinadas. Pinker (1998) explica que cada módulo apresenta um projeto especializado capaz de atuar em um contexto específico.

Custódio Filho (2011, p.4) “A mente [...] seria uma máquina eficiente em representar o conhecimento a partir de regras lógicas aplicadas sobre o substrato linguístico.”

O cognitivismo clássico tenta explicar “como os conhecimentos que um indivíduo possui estão estruturados em sua mente e como eles são acionados para resolver problemas postos pelo ambiente.” (KOCH 2005, p. 13). O ambiente é considerado como elemento passivo na construção das informações, sendo uma simples fonte a ser considerada, para, em seguida, ser representado na mente dos indivíduos. Costa (2007) associa essa cognição com a tese representacionista da linguagem, que tem como princípio um mundo estabilizado, ou seja, dado *a priori*; a autora sugere a metáfora do computador para explicar como ocorre o processamento do cognitivismo clássico:

a mente corresponderia a um software, instalado no hardware que seria o cérebro. Haveria, desse modo, uma completa separação entre mente, corpo e mundo, o que leva à idéia de que “o nível cognitivo é autônomo”, puramente intelectual, baseado em crenças verdadeiras justificadas, independente de possíveis interferências de processos corporais e ambientais (COSTA, 2007, p. 55).

Sendo assim, a cultura e a vida em sociedade seriam apenas partes do ambiente e precisariam ser representadas na memória das pessoas com o objetivo de serem assimiladas, para que cada indivíduo agisse consoante as normas culturais e sociais. Como bem observa Koch (2005, p. 13), “A cultura é vista como um fenômeno em geral passivo, sobre o qual as mentes atuam.”

Várias ciências, dentre elas a Neurobiologia, a Antropologia e a própria Linguística, romperam com a concepção clássica de mente desligada do corpo (KOCH, 2005). Ao atentarem com acuidade para a relação mente-corpo, os estudiosos descobriram que grande parte dos processos cognitivos “têm por base mesma a percepção e capacidade de atuação física do mundo” (KOCH, 2005, p. 13).

Koch e Cunha-Lima (2005) explicam-nos que a visão de um *continuum* mente-corpo engloba os aspectos sociais, culturais e interacionais no entendimento do processamento cognitivo. Portanto, os processos cognitivos se realizam de modo coletivo, em sociedade, e não absolutamente nas pessoas, de forma homogênea e discreta.

Dentro desta perspectiva sociocognitivista, o modelo conexionista, consoante Costa (2007, p. 55), é capaz de “tomar a simulação computacional mais compatível com o pensamento humano”. Segunda a autora, os modelos conexionistas não atuam em série, ou seja, numa sequência linear, como a perspectiva modularista apregoa, mas agem em redes interligadas de forma paralela, por meio de várias interconexões, levando em conta o caráter *emergencial* do aprendizado. A autora destaca que

Não resta dúvida de que a visão conexionista, com seu processamento em paralelo resolve alguns dos problemas criados pelos modelos simbólicos, cujo processamento se faz de forma sequencial. Além de contar com a emergência de estados não determinados a priori assume que tais estados, que são globais, surgem de interconexões várias, o que nega a idéia de uma mente modular. Quando pensamos, por exemplo, na linguagem em uso compreendemos que a abordagem conexionista, por sua flexibilidade, proporcionaria, em tese, explicações mais adequadas para nossas escolhas lingüísticas que a visão simbólica.

Aceitar a ideia de que a mente e o corpo não estão separados é entender a mente como um fenômeno corporificado, ou seja, admitir que os mecanismos motores e perceptuais e as formas de raciocínio interagem continuamente, estabelecendo conexões diversas (VARELA, 1998; KOCH; CUNHA-LIMA, 2005). Logo, as atividades não ocorrem exclusivamente na mente das pessoas, mas, sobretudo, de modo dependente da interação das ações realizadas por elas; é o que acreditam Varela, Thompson e Rosch (1992) ao defenderem que a cognição resulta tanto das nossas ações quanto das nossas capacidades sensório-motoras.

Além de ser considerada um fenômeno corporificado, a cognição é também entendida como um fenômeno situado. Koch (2005, p. 14), comungando com Varela, Thompson e Rosch (2003), diz ser um grave equívoco buscar, apenas na mente, explicação para o comportamento inteligente e estratégias de construção de conhecimento.

Não há uma realidade *a priori*, pré-definida, em que as operações cognitivas estariam prontas e acabadas. A relação entre linguagem e cognição é bem mais íntima do que se pensava: assim como a realidade, o sentido não preexiste, mas é construído entre os interactantes. Segundo Koch (2005, p. 15), “a linguagem é tida como o principal mediador da interação entre as referências do mundo biológico e as referências do mundo sociocultural.”.

Desse modo, o texto passa a ser entendido numa perspectiva interacional, em que ele é o próprio lugar de interação, e os interlocutores passam a ser vistos como agentes sociais ativos, que o constroem e que são construídos por ele (KOCH, 2002 e 2005). Admitir que a linguagem seja uma atividade interativa é reconhecer que a construção do sentido se realiza por meio dos elementos lingüísticos, somada à mobilização de um vasto conjunto de saber no ato da interação comunicativa. Significa dizer que

na base da atividade lingüística está a interação e o compartilhar de conhecimentos e de atenção: os eventos lingüísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes. São, ao contrário, uma atividade que se faz com os outros, conjuntamente. (KOCH; CUNHA-LIMA, 2005, p. 283)

É nessa atividade coletiva que nossa visão de mundo é fabricada, construída (BLIKSTEIN, 1983); por sua vez, a linguagem, numa perspectiva sociocognitiva, constitui-se de acordo com as nossas experiências cognitivas e culturais que acumulamos na vida em sociedade, e com base nesse repertório cognitivo e cultural, construímos os referentes que servem para designar as coisas a nossa volta.

Segundo Custódio Filho (2011, p 114), a visão de linguagem sociocognitiva, defendida por nós, vai de encontro à ideia de que os referentes espelham a realidade tal e qual a vemos, pois segundo o autor

os usos linguísticos revelam não a realidade, mas, sim, uma percepção do real. Ou seja, a experiência que os sujeitos têm do real sofre obrigatoriamente elaborações e reelaborações cognitivas por parte desses sujeitos, que explicitam essas formulações por meio da linguagem.

Essas elaborações e reelaborações cognitivas por parte dos agentes sociais são constantes na interpretação textual, na construção de sentidos, sendo esses sentidos os mais variados possíveis, conforme explicita Custódio Filho (2011, p. 114):

Para a referenciação, a tese de que um fato/fenômeno/evento/sentimento etc. pode suscitar várias interpretações é muito preciosa. Na verdade, o processo de construção dos referentes implica que, no fundo, o papel das linguagens não é o de expressar fielmente uma realidade pronta e acabada, mas, sim, o de construir versões, elaborações dos eventos ocorridos, sabidos, experimentados.

Situando as discussões mais recentes em torno da referência, destacamos as pesquisadoras Mondada e Dubois (2003) como as primeiras a postularem um quadro para o estudo da referenciação. Ao pesquisarem trabalhos anteriores que tratam da relação linguagem-mundo, as autoras constataram uma forte crença na relação correspondente entre as coisas e as palavras, como se existisse uma realidade externa pré-definida, cujo ponto de vista

pressupõe que um mundo autônomo já discretizado em objetos ou “entidades” existe independentemente de qualquer sujeito que se refira a ele, e que as representações linguísticas são instruções que devem se ajustar adequadamente a este mundo (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 19).

Para essa concepção, “A noção de referência é, assim, reduzida à nomeação de entidades estáticas, predefinidas, que podem estar localizadas na mente do falante ou no mundo exterior, mas sempre fora do discurso.” (COSTA, 2007, p. 63). Ao refutarem o pensamento de que há “uma relação de correspondência entre as palavras e as coisas”, Mondada e Dubois (2003) admitem o caráter fluido do ato de referenciar, nomeado por elas de referenciação⁵, ao indicarem o caráter volátil, dinâmico da ação de elaborar referentes.

Essa mudança do nome de referência para referenciação não acontece à toa, pois é nas práticas sociais de linguagem que se constroem os referentes/objetos de discurso e não simplesmente na reprodução de entidades dadas *a priori*, como destaca Araújo (2004, p. 212):

Não há um cordão mágico ligando palavras às coisas, nenhuma necessidade intrínseca quer no mundo dos objetos (que as culturas categorizam), quer no modo como se chega a esse mundo (não é pela consciência preclara e distinta, mas por indivíduos situados, que se comportam em relação uns com os outros e com as coisas).

⁵ Ao optarmos pela noção de referenciação de Mondada e Dubois (2003), tomamos os termos “referente” e “objeto de discurso” como sinônimos.

Levando em consideração a dimensão intersubjetiva das atividades linguísticas e cognitivas, Mondada e Dubois (2003) mostram que mudança e instabilidade não são problemas, mas algo constitutivo e próprio da língua. Com relação à instabilidade entre palavras e coisas, as autoras mostram que as categorias variam diacrônica e sincronicamente nos mais diversos discursos, e defendem que não é mais preciso centrar-se na correção ou não do rótulo, mas descrever os procedimentos de referenciação que precisam da pragmática da enunciação para ser entendidos:

o discurso aponta explicitamente para a não-correspondência entre as palavras e as coisas, e a referenciação emerge da exibição desta distância, da demonstração da inadequação das categorias lexicais disponíveis – a melhor adequação sendo construída por meio de sua transformação discursiva (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 33.)

É interessante perceber que a instabilidade não se resume a um caso de variação individual que poderia ser resolvida com uma “aprendizagem convencional de ‘valores de verdade’” (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 35), mas perceber, como defendem as autoras, que ela está intimamente ligada à dimensão intersubjetiva da linguagem. Desse modo, é possível entender que a construção dos objetos de discurso é também colaborativa, na medida em que os enunciados são coconstruídos na interação pelos atores sociais⁶, como nos diz Custódio Filho (2011, p. 117):

a referenciação é um processo resultante da negociação entre sujeitos. Isso quer dizer que a construção dos referentes, enquanto atividade constitutivamente discursiva, decorre da ação de sujeitos em interação, que trabalham de forma colaborativa.

Por ter como marca a indicialidade, a linguagem não permite uma descrição única e estabilizada do mundo, necessitando a todo instante de um contexto para a sua realização; logo, sempre teremos descrições incompletas do mundo, porém não se justifica dizer que as descrições são confusas, pois

os sujeitos possuem estruturas cognitivas, notadamente memoriais, que permitem dar uma estabilidade a seu mundo, assim como procedimentos sistemáticos para organizar a coconstrução dos objetos de discurso (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 40).

Portanto, de acordo com o que discutimos acima, só é possível pensar a referenciação como um processo pragmático-discursivo forjado na vivência, nas experiências dos/entre (os) interactantes, em cujas práticas sociais os objetos de discurso são construídos para darem explicações públicas sobre/do mundo. E esse processo de referenciação manifesta-se linguisticamente em expressões referenciais, e é sobre este aspecto que falaremos a seguir.

⁶ Ao postularmos que os referentes são construídos pelos interactantes na e pela linguagem, não há como reconhecer as concepções passivas de emissor e receptor (CUSTÓDIO-FILHO, 2011).

1.2 Os processos referenciais e sua construção

Ao tomarmos a referenciação como um fenômeno sociocognitivo, elaborado por interlocutores num determinado período histórico-social, temos o entendimento de que é no discurso que as expressões linguísticas, denominadas de expressões referenciais⁷, são materializadas.

Essas expressões, como explica Koch (2004, p. 61), “são escolhas do sujeito em função de um querer-dizer.” E esse querer-dizer (re)constrói objetos de discurso, ou seja, a referência, que “é resultado da fusão que emerge da ação dos falantes entre si e sobre os objetos do mundo, constituindo, assim, a dimensão discursiva – sem a qual, a nosso ver, não é possível pensar a referenciação.” (CIULLA, 2008, p. 23).

Vale destacar que esses objetos de discurso

[...] não se confundem com a realidade extralinguística, mas reconstruem-na no próprio processo de interação. Ou seja: a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural. (KOCH, 2005, p. 61).

Desse modo, não podemos considerar a referenciação apenas como um processo social, mas também como uma atividade cognitiva, porque os conhecimentos compartilhados são fundamentais no processamento textual.

A referenciação, como dissemos, é o ato de construir objeto de discurso/referentes, apreendidos por expressões linguísticas ou não. Desse modo, as expressões referenciais, forjadas na dinâmica do processo de interação, apontam para o mecanismo de estruturação do texto.

Normalmente, costumam-se dividir os processos referenciais em três tipos, de acordo com o contexto a ser considerado para a identificação dos referentes: introdução referencial, anáfora e dêixis. Essa divisão vem sendo questionada pelos estudos mais atuais da referência⁸, entre aos quais podemos citar Ariel (1996) e Costa (2007).

Ariel (1996) questiona a clássica divisão entre anáfora e dêixis, considerando insuficiente levar em conta apenas a origem físico-geográfica das informações para recuperar os referentes no discurso. Conforme sustenta a autora, a conexão entre os vários contextos

⁷ Convém ressaltar que, consoante Cavalcante (no prelo), a construção não está, necessariamente, atrelada ao uso de expressões nominais. Para a autora “O referente, ou objeto de discurso, é uma entidade que emerge da própria interação e nem sempre se explicita por uma expressão referencial, quer se introduzindo no discurso, quer apenas se mantendo nele sem muitas alterações, ou quer se mantendo, mas se recategorizando”.

⁸ Ver, por exemplo, Costa (2007a), que corrobora os postulados de Ariel (1996; 2001).

promovem a criação ou a recuperação dos referentes. Ainda segundo a autora, as formas não são especializadas para designar entidades provenientes de “lugares” específicos; o que importa é o grau de acessibilidade que o falante julga que um determinado referente ocupa na mente de seu interlocutor. Na esteira de Ariel, Costa (2007), por sua vez, argumenta que é impossível precisar a distinção entre anáfora indireta e introdução referencial, tendo em vista que o universo textual/discursivo vai bem mais além do que a superficialidade linguística.

A referência dêitica, objeto de nossa investigação, só pode ser compreendida ao considerarem as coordenadas do ato enunciativo, que são formadas por eu (pessoa que fala); tu/você (pessoa para quem se fala); aqui (lugar de onde se fala) e agora (momento em que se fala).

Desse modo, consideramos a dêixis como um processo referencial basilar na organização discursiva, pois não há como usar a língua sem levar em conta os aspectos dêiticos. Cervoni (1989), apoiando-se em Benveniste (1995), torna mais clara essa tese, ao argumentar que a enunciação acontece graças à presença de um locutor e de um alocutário, situados num tempo e num espaço determinados. Para o autor, “Os dêiticos, cuja série mais representativa é *eu, tu, aqui, agora*, são as palavras que designam, dentro do enunciado, os elementos constitutivos de toda enunciação” (CERVONI, 1989, p. 23). Portanto, concluímos que não há enunciação sem os elementos dêiticos, porque eles “fazem partes dos signos que remetem à sua enunciação” (CERVONI, 1989, p. 23), e essa enunciação é sempre sustentada por um contexto.

Conforme Fonseca (1996), a dêixis exerce um papel importante no discurso que é a sui-referencialidade, isto é, a capacidade de alguém referir-se a si mesmo na enunciação. E, Segundo Carvalho (1973, p. 664-665 apud FONSECA, 1996, p. 438), para que a

a dêixis funcione [...] é imprescindível que exista um termo ou ponto de referência [...]: esse termo ou baliza referencial é a pessoa do próprio sujeito que fala, no momento em que fala e em que, apontando ou chamando a atenção para si próprio, se designa como EU.

As expressões dêiticas são compreendidas a partir das coordenadas (EU/TU-AQUI-AGORA) dadas pelo enunciador e compartilhadas no espaço e no tempo com o coenunciador. Suponhamos que duas amigas conversam ao telefone:

(01) - Ana, eu quero que você venha pra cá hoje.

- Pra cá onde?

- Pra cá.

A dificuldade de a interlocutora Ana depreender as expressões destacadas se deve à falta de sinalização das coordenadas que emerge do ato de fala do enunciador, ou seja, o enunciador precisa explicitar de onde parte a sua fala. Desse modo, podemos dizer que o

advérbio “cá” é um dêítico por exigir a localização espacial de onde emana o enunciado. Por fim, é a presença das coordenadas do falante que instituem o fenômeno da dêixis na língua (EU/TU-AQUI-AGORA). Falaremos mais sobre esse fenômeno, foco de nossa pesquisa, na seção a seguir.

Após essa breve explanação das principais expressões referenciais, é preciso destacar que esses fenômenos não são mutuamente excludentes, pelo contrário, conforme previne Costa (2007), assumir o texto/discurso como uma realidade para além da materialidade linguística é também rejeitar a tradicional trilogia que separa os processos referenciais em categorias fechadas: introdução referencial, anáfora e dêixis. Para Costa (2010), a concepção de linguagem é crucial para o entendimento da linguagem numa perspectiva mais plástica, dinâmica e multimodal do texto, dessa forma, argumenta a autora que:

somos obrigados a abandonar a costumeira quantificação de ocorrências das formas dêíticas, distribuídas nas tradicionais categorias, em favor de uma análise mais qualitativa, centrada nos efeitos de sentido gerados pelo uso de determinadas formas dêíticas no texto. E, nessa perspectiva, somos também levados a perceber que outros elementos, além das expressões dêíticas convencionais, podem também funcionar como índices das coordenadas dêíticas, atuando na organização do discurso e criando novos efeitos de sentido.

Um bom exemplo para confirmar esse pensamento de que a linguagem não é estática e representacionista é o texto a seguir, retirado de Cavalcante (no prelo, b):

(02)O melhor emprego que Lula arranhou foi o de operário numa metalúrgica, onde se fabricam carros. Foi lá que ele começou a se destacar⁹.

A palavra “lá” acumula duas funções textual-discursivas, uma anafórica, ao retomar no cotexto a expressão “uma metalúrgica”; e outra dêítica, ao presumir que o local de onde fala o enunciador é distante daquele dito no texto.

É importante esclarecer que, ao fazermos todas essas considerações, não estamos estabelecendo o problema das classificações como centro de nosso estudo; nosso propósito é apenas dar a perceber a importância da dêixis. Para um melhor entendimento deste fenômeno, apresentaremos na próxima seção uma visão geral dos estudos sobre a dêixis.

⁹ Nota do caderno *Clubinho*, do jornal “O Povo”, 28/12/02.

1.3 Perspectivas clássicas do fenômeno da dêixis

Importado da língua grega, o termo dêixis, etimologicamente, tem o sentido de apontar, mostrar, indicar. Segundo Fonseca (1996), o aspecto corporal e individual do dizer – no caso, a voz – é uma ação que torna patente a não separação entre dizer e fazer. E é essa ação de mostrar que faz que a dêixis seja capaz de estabelecer um espaço e/ou tempo a um enunciado em relação ao interlocutor.

É com o fenômeno da dêixis, conforme Levinson (2007), que se evidencia mais claramente a relação entre língua e contexto. Ao ativar semanticamente elementos presentes na interação verbal que são recuperados no contexto pelos coenunciadores, a dêixis, como diz Fonseca (1996), gramaticaliza a inseparabilidade entre a linguagem e o contexto. Na mesma esteira, Hanks (2008, p. 205) destaca a relação da dêixis com o contexto, ao dizer que “A dêixis ocupa uma posição central no estudo do contexto porque ela é a forma mais simples, mais óbvia em que o cenário da produção discursiva é incorporado à própria estrutura da língua”. Portanto, podemos afirmar que a dêixis resulta da relação que se estabelece entre uma expressão linguística e um componente da situação enunciativa.

É com Bühler (1982) que o estudo da dêixis passa a ser encarado como um conceito chave para entender a linguagem. O autor foi o primeiro a defender que as expressões dêíticas fazem parte de um campo dêítico da linguagem, isto é, a ideia de que, quando alguém fala, o ponto zero – a *origo* – é estabelecido por esse sujeito situando-o em um espaço e em um tempo na enunciação.

Bühler desenvolve a hipótese de que a linguagem atua em dois campos que se articulam: um campo simbólico (Symbolfeld) e um campo mostrativo (Zeigfeld). O autor se centra neste último para explicitar duas implicações teóricas significativas: a de campo mostrativo e a de marco de referência egocêntrico (FONSECA, 1989, 1996).

A ideia de campo¹⁰ mostrativo implica a existência de um centro de irradiação de referência (“origo”¹¹) que tem origem no sujeito e nas suas coordenadas espácio-temporal (“ego-hic-nunc”¹²). Desse modo, a localização de determinado objeto de discurso dentro do campo mostrativo é possível graças ao centro constituído pelo enunciator e pelas coordenadas dêíticas de espaço e de tempo.

¹⁰ A expressão “campo” é trazida da psicologia por Bühler (1982).

¹¹ De origem grega: “origem”.

¹² De origem grega: “eu-aqui-agora”.

Conforme Fonseca (1989, 1996), Bühler (1982) percebe um desdobramento advindo da ideia de campo mostrativo, não apenas limitado ao *campo mostrativo situacional*. A autora observa que Bühler postula mais dois campos mostrativos semelhantes ao mostrativo situacional utilizado pela linguagem que são o *campo mostrativo textual* e o *campo mostrativo imaginário*.

Cada campo¹³ de mostraçãõ equivale a três: *ad oculos* (situacional), *anáfora* (textual) e *am Phantasma* (imaginário). De acordo com Fonseca (1989), Bühler define a dêixis *ad oculos* como a mostraçãõ verbal dos objetos situados no campo mostrativo, em que os interlocutores compartilham do ambiente sensível. Essa percepçãõ pode ser feita através da visãõ, da audiçãõ e de outras sensações¹⁴. O enunciado abaixo ilustra o que dissemos, pois a compreensãõ dos dêiticos é efetuada graças ao compartilhamento do contexto da situaçãõ, conforme é ilustrado em (03).

(3) Sou *eu* o pai *deste* menino. (FONSECA, 1996, p. 439).

A *anáfora* origina-se da mostraçãõ linguística efetivada na transposiçãõ da dêixis *ad oculus* para o espaço do texto. O contexto verbal, também denominado de (co)texto, é campo perceptivo comum entre os interactantes, que têm a dimensãõ espacial do texto como base para localizaçãõ das informações.

Por causa dessa elasticidade atribuída ao conceito de dêixis, Fonseca (1996) aponta que tal conceito passa da mostraçãõ para um aspecto bem mais amplo, que é o da referenciaçãõ. Fonseca (1996) ressalta ainda o papel da dêixis textual na coesãõ do texto, demonstrando ser o uso de expressões dêiticas uma marca formal que auxilia na sua organizaçãõ. Observemos em (04) esse papel coesivo da dêixis:

(04) Tu não sabes o que queres e *isso* é o verdadeiro problema. (FONSECA, 1996, p. 439).

Podemos perceber que o dêitico “*isso*” se refere à expressãõ anterior “Tu não sabes o que queres”¹⁵ resumindo tudo o que foi dito antes.

Por fim, temos a última modalidade de dêixis, chamada de *am phantasma*. Segundo Fonseca (1989, p. 125), esse fenômeno discursivo tem “possibilidade de apontar, usando os dêiticos, para seres, objectos ou acontecimentos situados num campo mostrativo imaginário,

¹³ Fonseca (1996) categoriza essas três modalidades de dêixis da seguinte forma: indicial (*ad oculos*), textual (anáfora) e transposta ou projetada (*am phantasma*).

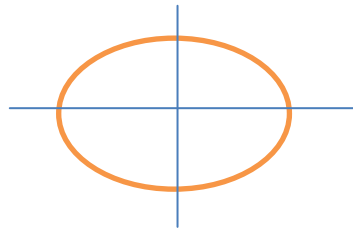
¹⁴ Fonseca (1989, p. 122) ilustra essa observaçãõ, mostrando que o uso da forma dêitica *assim* “permite apontar para movimentos corporais, atitudes e sensações de várias ordens, fazendo apelo a outros sentidos além da vista e da audiçãõ”.

¹⁵ Fonseca (1996) afirma que a função dos dêiticos textuais no espaço textual ocorre através de anáfora ou catáfora.

isto é, evocado pela memória ou (re)construído pela imaginação”. Ainda conforme a autora (1996), há uma evidência mental compartilhada entre os interlocutores, a partir da qual o enunciador, valendo-se de informações de sua memória - que supõe ser em comum com a do coenunciador -, constrói uma nova “realidade”, diferente daquela em que estão situados no momento, projetando o coenunciador em nova cena enunciativa. Por ser este um conceito caro em nossa pesquisa, reservamos um espaço (subseção 1.5.1) para discuti-lo melhor.

Ainda falando sobre o campo mostrativo, Fonseca (1989, p. 119) nota que ele emerge da enunciação: “O campo mostrativo assim definido é de natureza linguística, já que se desenha a partir de um sistema de coordenadas instituído por cada acto de enunciação e só por ele”. Dessa forma, o fenômeno da dêixis é essencial na compreensão da linguagem humana por instituir, segundo Bühler (1982), a orientação (inter)subjativa, capaz de possibilitar a interação verbal (FONSECA, 1989).

Como vimos, a partir dessa *origo* (centro de irradiação/marca egocêntrica) é criado um campo de coordenadas perpendiculares, ou seja, um campo dêítico, que vai atuar como uma peça fundamental para a compreensão do discurso. Para uma melhor compreensão do que seja o campo dêítico, segue abaixo uma figura que o representa. De acordo com Jarvella e Klein (1982 apud GALBRAINT, 1995, p. 21), o campo dêítico é formado por um sistema de eixos perpendiculares, em que a *origo* se encontra na ponta de origem das coordenadas:



Para Bühler, ao usar expressões dêíticas, o falante leva em conta a localização do seu corpo no espaço visual. O autor esclarece que: “Uma pessoa também percebe seu corpo em relação a sua orientação visual e a usa de maneira dêítica. A sua representação (consciente, experimentada) da percepção corporal é feita em relação ao espaço visual.” (BÜHLER, 1982, p. 6).

Cavalcante (no prelo) destaca que, “para construir o referente dessas expressões, seria preciso analisá-las como que dentro de um outro campo, um campo dêítico, pois elas exigiriam o conhecimento do lugar ou do tempo em que se encontra o enunciador”. Para Bühler, no campo dêítico não é possível haver uma representação convencional; somente indícios da situação comunicativa permitem fazer a identificação do objeto, e é por isso que o

autor entende que os dêiticos são elementos linguísticos vazios. Como bem argumenta Cervoni (1989, p. 23),

É impossível atribuir um referente preciso a essas palavras se não conhecermos (enquanto interlocutor ou testemunha, ou ainda através das informações independentes da própria interlocução) os actantes e o âmbito espaço-temporal da enunciação.

Quem também endossa essa discussão é Benveniste (1989, p. 69), ao dizer que o falante se apropria da língua por meio de “referências pessoais”; o autor observa que, se se estiver “fora do discurso efetivo, o pronome não é senão uma forma vazia, que não pode ser ligada nem a um objeto nem a um conceito”. E arremata: “Ele [o pronome] recebe sua realidade e sua substância somente do discurso.”¹⁶.

Já Lahud (1979) diverge de Bühler (1982) ao defender que é preciso haver uma correlação simbólica associada à indicação. Segundo Lahud, mesmo que o referente seja indeterminado, o dêitico relacionado a esse referente é bem determinado e convencionalizado socialmente. A fim de melhor distinguir os dêiticos de outros signos, Lahud (1972), apoiando-se em Pierce, toma o conceito de dêixis como símbolo-índice.

Para Pierce, os dêiticos têm uma dupla estrutura por combinar duas funções específicas; eles não têm apenas um significado convencional (símbolos), como outros signos linguísticos, que são dicionarizados, classificados gramaticalmente como, por exemplo, “*eu* tem como significação geral única e constante a de designar o remetente da mensagem, *tu*, o destinatário” (CERVONI, 1989, p. 24). Conforme essa ideia, seria um erro considerar os dêiticos como formas meramente vazias de significação “que recebem em cada um de seus empregos uma significação diferente”. Para Pierce, os dêiticos também funcionam como índices por possuírem seu sentido determinado na relação com os objetos que representam. Tendo o gesto como “índice por excelência”, Pierce destaca que o “gesto só se torna signo se está numa relação de fato com um objeto.” (CERVONI, 1989, p. 24).

Estreitando os laços entre linguagem e experiência humana - tendo os elementos dêiticos como forte indicador dessa relação -, Benveniste pôs em destaque a subjetividade da linguagem (1995, p. 286), ao dizer que “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”. Ele ainda salienta o relevante desempenho que o sujeito exerce na enunciação; conforme o autor, a subjetividade “é a capacidade do locutor para se propor como

¹⁶ Embora a noção de discurso de Benveniste (1989) seja vista como um tanto limitada, mais ligada à produção da fala numa situação, percebemos já uma preocupação do autor em situar a linguagem em práticas reais de uso da língua. Foi pensando dessa maneira, como veremos mais a frente (capítulo 2), que propusemos aos alunos de nossa pesquisa a produção de texto com funcionalidade social, em que o texto/discurso é construído de modo situado no contexto escolar.

‘sujeito¹⁷’. É a partir desse conceito de subjetividade, isto é, da inscrição do sujeito na língua, que Fonseca (1996) aponta a gênese da interação da linguagem, pois a existência de um locutor implica necessariamente a presença de um interlocutor.

Para Benveniste, a dêixis se caracteriza na relação entre indicador de pessoa, lugar ou tempo e situação enunciativa. Nessa perspectiva, são os pronomes pessoais *eu, tu/você* que se inserem na subjetividade da língua, fazendo que a noção de pessoa seja concebida como uma relação recíproca entre *eu-tu*. Para o autor, quando a pessoa que fala

se declara locutor e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda enunciação é, explícita, ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário. (BENVENISTE, 1989, p. 84).

No que diz respeito ao pronome de terceira pessoa *ele*, Benveniste (1995) afirma que esse pronome é uma ‘não-pessoa’. Por ser excluído da dimensão subjetiva da língua, o pronome *ele* não tem o poder de exercer um papel ativo na enunciação, fazendo-se em objeto de fala, designando uma função representativa, por meio dos pronomes *eu* e *tu*.

Ainda que Benveniste (1995, p. 293) mencione o fenômeno da subjetividade na comunicação linguística ao dizer que ela só é possível graças à “condição de *intersubjetividade*” assumida pelo sujeito falante, percebemos que o autor se centra muito mais no sujeito da enunciação do que na interação entre os interlocutores.

Maximizando a noção de subjetividade de Benveniste (1995), tomamos o conceito de intersubjetividade de Lyons (1982 apud CAVALCANTE, 2000). Para Lyons, é precisamente na interação comunicativa entre os atores sociais num contexto situado que a enunciação acontece plenamente. Fonseca (1996) segue esse raciocínio dizendo que a referenciação é construída tendo por base o ato de enunciação, logo, a subjetividade envolve necessariamente a intersubjetividade. Cavalcante (no prelo, a) segue esse raciocínio ao afirmar que “existem, na verdade, ligações intersubjetivas entre os usos da língua e as ações do enunciador e dos possíveis coenunciadores em seu contexto sócio-histórico (trata-se de enunciação numa concepção discursiva mais ampla).”.

Desse modo, consideramos que a (inter)subjetividade da língua não se centra apenas nas atitudes, crenças e ações do enunciador, mas, acima de tudo, na *interação* entre os interactantes na situação comunicativa, levando em conta o cenário interpessoal da comunicação face a face e o entorno sociocultural. Para uma melhor compreensão do fenômeno dêitico, expomos na próxima seção algumas de suas características.

¹⁷ Vale lembrar que o sujeito na visão de Benveniste é idealizado, como explica Costa (2007, p. 47-48), esse sujeito “é alguém que, de modo absoluto, manipula o aparelho formal da língua como instrumento para atingir seus objetivos comunicativos.”

1.4 Características da dêixis

Conforme Ciulla (2002), a dêixis pode ser descrita por duas características:

- a condição de (inter)subjativa da linguagem, proporcionada pela interação entre os sujeitos inseridos em um contexto situacional;
- a indicação de ostensão, isto é, limitar no tempo e no espaço o objeto referido, consoante o posicionamento do enunciador no ato comunicacional.

Todavia, ainda, segundo Ciulla (2002, p. 29), há várias maneiras de revelar o traço de ostensão e de referir o sujeito do discurso. A autora alerta para um dado relevante sobre o aspecto formal do fenômeno dêitico, que é o de que “nem sempre as palavras dêiticas caracterizam uma expressão dêitica, embora toda expressão dêitica porte, necessariamente um elemento dêitico¹⁸” (CIULLA, 2002, p. 29).

Também foram relevantes para nossa investigação as ideias de Levinson (2007). Ele chama atenção sobre a importância de distinguir os diferentes tipos de uso da expressão dêitica. Dando continuidade às ideias de Fillmore (1971 apud LEVINSON, 2007), o autor propõe três tipos de uso dêitico, entre os quais, destacamos dois: o gestual e o simbólico. Segundo o autor, o uso dos dêiticos gestuais “só podem ser interpretados com referência a um monitoramento áudio-visual-tátil e, em geral, físico do acontecimento discursivo” (LEVINSON, 2007, p. 78), ou seja, os gestos têm que ser fisicamente percebidos, como bem exemplifica o autor:

(05) *Ele não é o duque; ele é. Ele é o mordomo.* (LEVINSON, 2007, p. 78).

Nesse caso, os pronomes funcionam com alguma indicação física do referente, como a indicação do olhar. No exemplo (06), percebemos que a voz é que marca o gesto, representado na escrita pela grafia em itálico e em letra maiúscula:

(06) Não faça isso *agora*, mas **AGORA!** (LEVINSON, 2007, p. 79).

Diferentemente dos usos gestuais, que precisam do gerenciamento físico, os usos simbólicos dos dêiticos exigem para sua compreensão “apenas o conhecimento (específico) dos parâmetros espaço-temporais básicos do conhecimento discursivo (mas também, ocasionalmente, parâmetros de papel dos participantes, de discurso e sociais).” (LEVINSON,

¹⁸ O caso a seguir pode exemplificar o uso não dêitico de uma forma dêitica: imaginemos a situação em que duas pessoas discutem sobre um determinado tema; uma delas, retrucando o que a outra falou, adverte: “*Agora*, você não quer entender bem o que eu digo. Já repeti um milhão de vezes”. Percebemos que a palavra *agora*, nesse contexto, é empregada para salientar o que é dito, funcionando mais como um operador argumentativo do que propriamente como uma oposição ao tempo. Desse modo, concluímos que ocorre, nesse caso, um baixo grau de deiticidade..

2007, p. 79), ou melhor, basta saber a localização geral para que o enunciado seja interpretado com sucesso pelos interlocutores, como vemos no exemplo (07):

(07) *Esta cidade é realmente bonita.* (LEVINSON, 2007, p. 79).

Em outras situações, é possível estabelecer o ano a que se faz referência sabendo apenas quando a interação ocorre. No exemplo logo a seguir, vemos que o pronome aponta o presente ano em que o interlocutor fala:

(08) Não podemos arcar com férias *este ano*. (LEVINSON, 2007, p. 79).

Ao perceber que algumas palavras se assemelham com as formas dêiticas, por apresentarem certa inicialidade; Levinson (2007), resolve, então, distinguir os dois tipos de usos dêiticos: um dêítico e outro não. Para um melhor entendimento dessa questão, seguem alguns dos exemplos dados pelo autor. O item *a)* indica os usos gestuais; o item *b)* refere-se aos usos simbólicos; por fim, o item *c)* indica os usos não dêiticos:

Grupo 1 (LEVINSON, 2007, p. 80)

- a) *Este* dedo dói.
- b) *Esta* cidade fede.
- c) Conheci *esse* cara esquisito outro dia.

Grupo 2 (LEVINSON, 2007, p. 80)

- a) Não aperte *agora*, mas *agora*!
- b) Vamos *agora* e não amanhã.
- c) *Agora*, não foi o que eu disse.

Grupo 3 (LEVINSON, 2007, p. 80)

- a) *Essa* não, idiota, *esta*.
- b) *Essa* vista é bela.
- c) Oh, eu fiz *isso* e *aquilo*.

Como podemos observar, os referentes do item *a)*, nos três grupos, para serem entendidos, precisam do monitoramento perceptual físico. O uso dos pronomes *Este* e *Essa* requer o olhar para detectar o referente para qual dedo dói e qual objeto é exigido pelo falante. Com relação à palavra *agora*, Ciulla (2002, p. 30) explica que a ação só seria possível “se tivéssemos acesso simultâneo à voz do emissor ao pronunciar o primeiro e o segundo ‘agora’, o que seria feito, muito provavelmente, com entonações diferentes”.

Por não ser preciso o gerenciamento dos sinais extralinguísticos, os usos dêiticos simbólicos requerem apenas do interlocutor a sua posição no espaço e no tempo. No exemplo do item *b)* do grupo 1, vemos que o referente é reconhecido com a identificação de quem fala e para quem fala. No item *b)* do grupo 2, é preciso saber em que momento acontece a

enunciação para precisar o *agora* e o *amanhã*. Localizar no espaço a posição do enunciador é fundamental para a compreensão de qual vista é bela.

Podemos afirmar que o uso indeterminado do pronome *esse* do item *c)* do grupo 1 faz perder o caráter dêitico da expressão¹⁹. No item *c)* do grupo 2, vemos que o termo *agora* funciona apenas como ênfase para o que é proferido. Com relação às palavras *isso* e *aquilo* do item *c)* do grupo 3, elas expressam somente uma vaga ideia para ação descrita, uma vez que não direcionam para nenhuma coisa ou lugar específico.

Levinson (2007) continua a fazer uma distinção entre o uso dos não dêiticos, tomando por base a dêixis do discurso. O autor elenca entre os usos dos não dêiticos: os usos anafóricos e os usos não anafóricos. Já vimos os usos não anafóricos no item *c)* dos grupos 1, 2 e 3. Com relação ao uso anafórico, o autor diz que tal fenômeno ocorre “quando um termo elege como referente a mesma unidade (ou classe de objetos) que algum termo anterior selecionou no discurso.” (LEVINSON, 2007, p. 81 e 82); o autor admite a possibilidade de um mesmo elemento acumular a função de dêixis e anáfora concomitantemente, como no exemplo (09):

(09) Eu nasci em Londres e vivo *lá* desde então (LEVINSON, 2007, p. 82).

Na frase acima, vemos que o termo *lá*, além de recuperar a informação *Londres*, também revela um aspecto dêitico ao situar no espaço a pessoa que fala.

Com o objetivo de caracterizar os tipos de dêixis em estudo, na próxima seção, apresentamos os dêiticos pessoal, temporal e espacial, uma vez que foram esses aspectos analisados nos textos produzidos pelos alunos.

1.5 Tipos de dêixis

Tradicionalmente, segundo Cavalcante (no prelo, a), a classificação dos dêiticos incorpora-se nos sujeitos e no entorno espacial e temporal em que acontece a enunciação. Esses elementos dêiticos se referem à situação no ato de produção do enunciado, de modo particular, às coordenadas de pessoa, lugar e tempo, resultando em três tipos de dêixis:

¹⁹ Ainda que Levinson (2007) considere o pronome “esse” como um uso não-dêitico, apesar desse pronome não fazer referência precisa a uma segunda pessoa, entendemos que, nesse contexto, o pronome “esse” remete a uma pessoa próxima dos falantes/ouvintes numa situação comunicativa.

peçoal, temporal e espacial²⁰. Como diz Fonseca (1996), essa tríade é parte das coordenadas da enunciação EU/TU-AQUI-AGORA.

1.5.1 Dêixis pessoal

Representada principalmente pelos dêiticos *eu*, *tu* e *você*, a dêixis de pessoa é responsável pelo reconhecimento dos interactantes na enunciação. Esses dêiticos não têm como referência individual alguém, mas o seu estatuto de agente no ato da enunciação (FONSECA, 1996). De modo particular, o dêitico “eu” é responsável pela inscrição do sujeito no discurso, gerando, desse modo, a linguagem:

em toda língua e a todo momento, aquele que fala se apropria desse *eu*, este *eu* que, no inventário das formas da língua, não é senão um dado lexical semelhante a qualquer outro mas que, posto em ação no discurso, aí introduz a presença da pessoa sem a qual a linguagem é possível. Desde que o pronome *eu* aparece num enunciado, evocando – explicitamente ou não – o pronome *tu* para se opor conjuntamente a *ele*, uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento linguístico que a funda. (BENVENISTE, 1989, 69). (grifos do autor).

Falando sobre o papel dos pronomes pessoais EU e TU na subjetividade da linguagem, Benveniste (1995) afirma que ela se dá no momento em que os interlocutores participam do ato enunciativo. E essa inscrição do sujeito na língua, através dos dêiticos pessoais é, para Benveniste (1995), a forma primária de dêixis, uma vez que a partir dela emergem as outras formas dêíticas.

Além dos pronomes pessoais, os pronomes possessivos também funcionam como dêiticos de pessoa. Um aspecto muito importante a considerar, na dêixis de pessoa, é que, conforme o posicionamento de quem fala no discurso, o centro dêítico mudará a localização originando um novo campo dêítico. Esse aspecto do funcionamento da dêixis é fundamental para entender nossa proposta de pesquisa.

Destacando o papel da dêixis pessoal, Fonseca (1996, p. 439) afirma que esse fenômeno também se encontra presente em outras formas de dêixis, por demandar uma referência relativa aos interlocutores na enunciação. Podemos observar essa “multiplicidade funcional” no exemplo (10):

(10) Onde *você* estava em 1964? Essa é a questão chave para definir quem é quem na democracia brasileira²¹.

²⁰ Nos limitaremos a esses três tipos de dêixis pois são eles o alvo de nossa pesquisa, para mais informações sobre os outros tipos de dêixis ver Levinson (2007), Cavalcante (no prelo).

²¹ Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/onde-voce-estava-em-1964>. Acesso em: 09 de fev. 2010.

De acordo com o texto, o dêitico “você” não precisa exatamente quem é a pessoa, mas pode se referir a qualquer uma que tenha vivido esse período da história brasileira.

Os dêiticos pessoais em nossa pesquisa têm um papel fundamental, visto que, assim como Hosenfeld, Duchan e Higginbothan (1995, p. 407), defendemos que é essencial saber manipular as perspectivas dêiticas pessoais de modo a invocar a audiência e especificá-la, especialmente, no discurso persuasivo.

1.5.2 Dêixis de tempo

A dêixis de tempo, assim como os outros tipos, baseia-se na orientação do sujeito no ato enunciativo (agora). Os dêiticos temporais, ao serem utilizados na enunciação, tornam-se responsáveis por marcar temporalmente a referência com o fim de situar os falantes.

Relacionando a questão temporal com a inscrição do sujeito na língua (subjetividade), Benveniste (1989, p. 70) destaca que “Das formas linguísticas reveladoras de experiência subjetiva, nenhuma é tão rica quanto aquelas que exprimem o *tempo*, [...]”. Para o autor (1989, p. 74) “É pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo [...]”.

Mostrando a relevância de se compreender o tempo, o linguista francês esclarece que a linguagem dispõe do tempo presente para marcar as oposições entre o passado e o futuro, e defende que “o único tempo inerente à língua é o presente axial do discurso” (BENVENISTE, 1989, 76).

Para Fonseca (1996), o tempo por nós apreendido pela linguagem é de natureza dêitica, ou seja, as noções de presente, passado e futuro variam de acordo com o momento da enunciação. Logo, essa noção de tempo é relativa.

Fonseca (1996) afirma que é necessária uma identificação pragmática do momento da enunciação para que haja uma adequada interpretação semântica de advérbios de tempo (hoje, amanhã, ontem) ou de tempos verbais (começou, começa, começará). A autora ainda destaca que é através da função dos dêiticos verbais que se fará uma correta descrição e explicação do sistema verbal de uma língua.

Os dêiticos de tempo, como bem afirma Cavalcante (no prelo, a), “São os que situam o ponto de origem do falante (e seu interlocutor) no momento em que a mensagem é enunciada.” Consoante a autora, há palavras que, apesar de revelarem aspectos temporais, nem sempre funcionam como expressões dêiticas. Elas serão dêiticas “somente se, a fim de o referente temporal ser identificado, for preciso conhecer o tempo em que se encontra o falante.” É o que vemos no exemplo no exemplo (11), extraído de Cavalcante (no prelo, b):

(11) A bióloga Mayana Zatz é uma das maiores especialistas em células-tronco do país, com quase 300 trabalhos científicos publicados. Nascida em Israel, mora no Brasil desde os 7 anos. Atualmente, ela é pró-reitora de pesquisa e coordenadora do Centro de Estudos do Genoma Humano da Universidade de São Paulo. (Entrevista - Veja, 5/3/2008).

Para Cavalcante, a expressão “desde os sete anos” é uma anáfora e não um dêitico temporal, porque ela parte do ponto de referência que é a idade da bióloga, tornando-se, por isso, autônoma do momento da entrevista. Já a palavra “atualmente” só pode ser entendida se tomarmos o momento da enunciação, por isso ela se comporta como um dêitico de tempo.

O dêitico não só se manifesta em expressões adverbiais circunstanciais ou em conectores com marcas temporais, mas também por meio da flexão verbal, de modo particular nas desinências modo-temporais. Em nossa pesquisa, vamos observar a ocorrência desses dois modos de manifestação do fenômeno dêitico nos textos dos educandos.

Levinson (2007) argumenta que na dêixis de lugar está subtendida uma noção temporal, tendo em vista que toda localização dêitica implica o momento da enunciação. Logo, a dêixis temporal é, na opinião do autor, mais relevante que a dêixis de lugar. Contrariando esse ponto de vista, Lyons (1977) afirma que a dêixis de lugar gera a ideia de tempo, quando empregada como metáfora. A conclusão a que chega Lyons, contrariando Levinson, é a de que a dêixis de lugar é mais substancial do que a dêixis temporal.

Opinando sobre essa a relação entre os dêiticos de tempo e de espaço, Cavalcante (2000) argumenta que cada domínio produz metáfora para o outro, tendo em vista que, para identificar cada elemento urge uma referência espacial e temporal, e dependendo da intenção discursiva dos interlocutores, um ou outro será mais focalizado.

De nossa parte, não há interesse em determinar qual a dimensão mais importante. Como o que nos interessa é o papel discursivo da dêixis, os usos no texto são de fato o foco da nossa atenção. Em nossa pesquisa os dêiticos temporais são importantes para percebermos de que modo eles foram empregados no discurso persuasivo, de quais estratégias os alunos se valem para manifestar sua persuasão através da dêixis de tempo.

1.5.3 Dêixis de lugar

Também chamado de dêixis espacial ou local, esse uso dêitico gramaticaliza a noção de lugar - o “aqui” – na enunciação (FONSECA, 1996). Os dêiticos de lugar apresentam-se em forma de pronomes demonstrativos, advérbios e também de alguns verbos que indicam movimento/direção (levar, trazer, ir, vir) ao “aqui” da cena enunciativa.

Segundo Levinson (2007, p. 97), a dêixis de lugar refere-se “à especificação de localizações relativamente aos pontos de ancoragem” na cena enunciativa. Para sabermos a

que local se referem os dêiticos de lugar, é necessário conhecer o ponto de origem do interlocutor. Como afirma Cavalcante (2000, p. 48), “só se falará de dêixis de lugar quando uma expressão tiver como referencial a orientação espacial do enunciador, ou do destinatário em relação a ele, no tempo de formulação”.

Benveniste (1989, p. 69 e 70) destaca que “os demonstrativos organizam o espaço a partir de um ponto central, que é o Ego”, também chamado Centro Dêitico (SEGAL, 1995). Ainda segundo Benveniste, as coordenadas espaciais são importantes porque situam os interactantes em qualquer campo, “uma vez que aquele que o organiza está ele-próprio designado como centro e ponto de referência.”

Para Cavalcante (no prelo, a), não é por denotarem a ideia de lugar que as expressões serão obrigatoriamente consideradas dêiticos de espaço. Em (12) e (13), mostramos o exemplo que a autora usa para comprovar essa afirmação.

(12) *Respostas cretinas para perguntas idiotas*

Mulher entrando em uma agropecuária:

- Tem veneno pra rato?

-Tem! Vai levar? - pergunta o balconista.

- Não, vou trazer os ratos pra comerem aqui!!!

(13) No restaurante, o rapaz apanhando o talão de cheques e uma caneta.

- Vai pagar com cheque?

- Não, vou fazer um poema pra você nesta folhinha.

Para Cavalcante, o termo “aqui” no texto (11) é considerado dêitico porque não só leva em conta o local onde os enunciadores estão situados, mas também porque indica um lugar preciso. Já a expressão “no restaurante” (12), apesar de se referir a um lugar, não se caracteriza com um dêitico espacial porque apresenta um grau de independência da posição do locutor.

Para nossa pesquisa, os dêiticos espaciais são importantes, porque, a partir da observação de sua presença ou não nos textos dos alunos, podemos analisar se há o propósito de persuadir o leitor a “vir” para o espaço escolar.

Para concluir a presente seção, trazemos um anúncio - que é texto muito comum em nosso cotidiano - para ilustrar o funcionamento dos dêiticos. O texto abaixo foi fotografado por nós com a devida autorização do dono do depósito de construção. Nossa intenção foi de investigar qual o conhecimento que o usuário da língua – dono do depósito – tinha sobre os usos das expressões dêiticas.



Analisando os dêiticos presentes no texto, podemos observar que o leitor do texto é identificado por meio do dêitico pessoal “você”. Com relação à dêixis espacial, vemos que ela é marcada textualmente pelos termos “aqui” e “ali”. E no que diz respeito à dêixis temporal, constatamos que ela está implicada na desinência verbal do verbo “compre” indicando o momento presente, que, podemos entender, teria a duração da própria permanência do anúncio pintado no muro da loja.

O que mais nos chamou atenção foi a oposição entre os dêiticos espaciais “aqui” e “ali”. Ao indagarmos o dono do depósito sobre o porquê de tal contraste, ele disse que o “aqui” se referia ao seu depósito, enquanto que o “ali” apontava para outro depósito próximo ao dele, isto é, para o seu concorrente. Vale lembrar que pelo menos uma outra leitura seria possível, considerando tratar-se de um texto publicitário: dependendo do conhecimento que o leitor tenha do bairro, pode entender o “ali” como referindo-se a um lugar menos definido, que corresponderia a qualquer outra loja de material de construção das imediações.

Seja qual for a interpretação que possa ser dada ao uso desse par de expressões dêiticas “aqui/ali”, é importante notar que, mais do que apontar para espaços físicos, a oposição que se estabelece a partir do uso dessas duas formas gera um forte efeito argumentativo. Voltaremos a falar sobre esse aspecto da dêixis na seção ---, quando discutirmos a noção de campo dêitico de Hanks. Diante disso, percebemos que os dêiticos funcionam nesse caso com uma função discursiva para opor dois.

1.6 Desdobramento do fenômeno dêitico

Nesta seção, discutimos três abordagens que são um desdobramento da teoria dêitica clássica de Bühler (1982): os estudos sobre a dêixis fictiva (FONSECA, 1989, 1996), a chamada Teoria da Mudança Dêitica (DUCHAN; BRUDER; HEWITT, 1995) e a visão de campo dêitico como uma noção complexa (HANKS, 2008). A primeira, apoiada na concepção de dêixis *am phantasma*, renomeada de dêixis transposta (projetada), enfatiza a capacidade da linguagem em criar outros contextos referenciais com base na projeção dêitica;

a segunda, bem semelhante à primeira, destaca essa mesma capacidade de projeção, mas, de modo específico, em narrativas ficcionais, cujo centro dêitico se altera para uma nova realidade discursiva; e, finalmente, a terceira, amplia a noção de campo dêitico baseando-se na teoria antropológica de prática social.

1.6.1 A dêixis fictiva

Bühler (1982), de acordo com Fonseca (1996), contribui de modo significativo para o entendimento do conceito de mostração verbal, que tem como implicações o entendimento do campo mostrativo e a referência egocêntrica. Consoante Fonseca (1996), o campo mostrativo se delinea em torno de um centro (a *origo*) formado pelo sujeito e pelas coordenadas espaciais e temporais.

Falando do campo mostrativo, Fonseca (1996) chama atenção para a natureza linguística que ele tem, uma vez que só através de um ato de fala é que o campo passa a existir. Como vimos, Bühler (1982) mostrou que o campo dêitico se realiza de três modos: no contexto situacional imediato, *ad óculos*; no contexto discursivo estruturado, *anáfora*; e na transposição de uma situação real para uma imaginativa, ou seja, de um marco de referência presente atual para um marco de referência ausente (fictivo), *deixis at phantasma* (FONSECA, 1989).

Discutindo a *deixis at phantasma*, Bühler (1982) destaca que o indivíduo se desprende do aqui e agora da situação imediata e ingressa em outro mundo conceitual e orientacional criado por ele, só conseguindo situar-se em outro ambiente graças à sua localização no espaço físico imaginário. Para o autor, essa mostração linguística potencializa a linguagem a fabricar o seu próprio contexto referencial, contexto esse não mais visto como separado do discurso, mas altamente integrado/interligado a este:

A relação de dependência que liga o discurso ao seu contexto é uma relação reversível: se a linguagem é dependente do contexto, também se pode dizer que o contexto é dependente da linguagem na medida em que é por ela criado. Trata-se, pois, de uma relação de interdependência. Uma relação dinâmica e dinamizadora: o discurso e o contexto não são objectos estáveis, são processos entre os quais se estabelece uma interação construtiva (FONSECA, 1989, p. 210). (grifos do autor).

Algo muito importante a destacar, segundo Fonseca (1996), é que esse desprendimento (transposição) do aqui situacional de que Bühler fala não se restringe apenas à criação literária, mas também a situações comuns de fala presentes em nosso cotidiano, como ensinar a alguém um caminho para se chegar a um lugar ou falar da posição que os móveis podem ter ao projetar uma decoração. Portanto, como conclui Fonseca, a transposição da dêixis não é uma ação linguística somente do discurso literário, mas de todo e qualquer

discurso. Bühler (1982) fala que essa transposição ocorre em uma mostração *in absentia*, ou seja, a mostração se faz na ausência situacional física. Os dêiticos é que vão situar os referentes no ambiente mental criado. A essa evocação mental (BÜHLER, 1982), cujo espaço é distinto do *aqui* da situação física, Fonseca (1989, p. 221) chama de transposição fictiva, visto que “o sujeito se transpõe fictivamente” ao espaço.

Como vimos na *deixis at phantasma*, o falante/escritor constrói discursivamente uma determinada situação diferente daquela em que ele e o interlocutor estão imersos, sugerindo a este uma transposição para outra situação fabricada, em que o contexto é partilhado pela memória comum. Fonseca (1989), portanto, destaca que a mostração na *dêixis am phantasma* é empregada para ultrapassar/superar as contingências do fenômeno dêitico criando, assim, novos mundos. Para uma melhor compreensão do que diz Fonseca desse fenômeno (1996), vejamos o seguinte exemplo:

- (14) Na Rotunda da Boa Vista, estás a ver *aquela* casa verde, *à direita*, depois de saíres do correio? É *aí*.

O exemplo acima elucidado como é construído um campo mostrativo imaginário, todavia essa mostração não se dá de forma indicial, ou seja, no ato da fala, o compartilhamento do entorno físico/espacial entre os interactantes não ocorre de forma síncrona. O que há é uma projecção dêitica por parte do falante ao evocar um espaço mentalmente partilhado por ele e pelo seu interlocutor, cabendo a este fazer mentalmente uma transposição dêitica para o ambiente fornecido pelo falante, para, depois de construída essa ambiente interpretar as expressões dêiticas. No exemplo (14), o dêitico “*aí*” agiria como uma seta, indicando o espaço que o ouvinte já teria construído em seu pensamento ao lembrar-se da casa verde (COSTA, 2010).

Algo importante a ser destacado é que a opção de Fonseca (1989, 1996) pelo termo fictivo objetiva desfazer o equívoco entre o fenômeno em si e a ficção, pois, como já alertamos, a *dêixis am phantasma* não se restringe ao discurso literário. Vejamos o que diz a autora (1994 apud COUTINHO, 2008, p. 96) sobre o termo fictivo:

Uso o termo *fictivo* para referir, marcando uma distinção em relação a *ficcional*, este sentido mais amplo que implica todo tipo de projecção das coordenadas enunciativas quer essa projecção se associe ou não à efetiva “invenção de situações reais”. Uma caracterização ampla que coloca a noção de ficção como denominador comum a um conjunto aberto de operações de transposição referencial, em que desempenha papel fundamental o funcionamento dos *deicticos*. (grifos do autor)

Nossa intenção de tornar mais claro o conceito de *dêixis fictiva* é a de defender, assim Fonseca (1989, 1996) e Coutinho (2008), que a projecção de coordenadas dêiticas na enunciação não se apresenta apenas no discurso ficcional, como o narrativo, mas também em

textos que apresentam outros tipos de sequências discursivas, como a expositiva (COUTINHO, 2008) e a injuntiva, esta última, relacionada mais diretamente ao nosso trabalho, tendo em vista a tarefa de retextualização que os sujeitos desenvolveram.

1.6.2 A Teoria da Mudança Dêítica

A Teoria da Mudança Dêítica (*Deictic Shift Theory – DST*) se desenvolveu com os estudos sobre a narrativa, de modo particular, sobre a importância da dêixis na compreensão do texto narrativo fictício. Veremos nesta subseção que o fenômeno da mudança dêítica em narrativas abre a possibilidade para reconhecermos que ela também ocorre em outras sequências textuais, como, por exemplo, em textos injuntivos. Começaremos nossa exposição mostrando os fundamentos dessa teoria, seus principais conceitos, sua aproximação com a Dêixis Fictiva e alguns exemplos para uma melhor compreensão desse fenômeno.

Um dos principais teóricos da Teoria da Mudança Dêítica, Segal (1995), mostra que leitores e escritores de narrativas às vezes se imaginam em um mundo onde não estão realmente presentes e acabam experimentando essa realidade a partir de uma posição tomada dentro do mundo narrado. A tomada de tal posição acontece em decorrência da mudança dêítica, o que demanda a compreensão de certas particularidades do texto narrativo (LI, 1990 apud SEGAL, 1995).

Segal (1995, p.14) aponta que o ato imaginativo operado por leitores e produtores de narrativas já foi abordado, há mais de 2000 anos, por Aristóteles. Amparando-se no conceito de *mimesis* elaborado pelo filósofo, que o entende como “imitação, ou representação, ou experiência daquilo que não está literalmente presente”, Segal e outros teóricos da *DST* defendem que esse ato imaginativo tem sérias implicações interpretativas e computacionais.

Para Segal (1995), uma metáfora que ajuda a entender a teoria da mudança dêítica é a do leitor entrando numa história. Segundo o autor, sentir-se parte do mundo ficcional, experimentá-lo de um determinado ponto da história, ou seja, de uma determinada posição cognitiva, é algo comum para quem interpreta e/ou produz narrativa; daí compreendermos o envolvimento e a identificação dos leitores/escritores com a narrativa.

Ao se depararem com textos fictícios, muitos leitores, segundo explica o autor, mergulham na história, centram-se nela e provam-na vicariamente, chegando a se alegrar em bons momentos e até a chorar quando coisas ruins acontecem. Tudo isso dá fundamento para a *DST* defender que a interpretação textual vai depender da posição cognitiva que o leitor assume ao ler uma narrativa (SEGAL, 1995).

Essa posição, ou localização no mundo da narrativa, conforme Segal (1995), “funciona como o centro a partir de onde as sentenças são interpretadas”; e são particularmente os termos dêiticos *aqui/agora*, que situam esse lugar, ou seja, o centro dêítico (*Deictic Center - DC*). Segundo o autor, a Teoria da Mudança Dêítica sustenta que “o centro dêítico geralmente muda da situação ambiental em que o texto é encontrado, para um lugar dentro de um modelo mental que representa o mundo do discurso.” (SEGAL, 1995, p. 15).

Em função dessa ideia de modelo mental, Levinson (2007), como falamos anteriormente, ressalta que o fenômeno da dêixis se organiza de modo egocêntrico; isso quer dizer que o emprego dos termos dêiticos, ancorados numa situação comunicativa física ou imaginativa (BÜHLER, 1982; FONSECA, 1989), estabelece um centro dêítico (CD), formado por uma pessoa que produz um enunciado, em um determinado tempo/espço da produção discursiva.

Para a Teoria da Mudança Dêítica, narrador e ouvinte mudam o seu centro dêítico de uma situação exterior para uma representação dêítica interna à narrativa, tendo um tempo e um espaço no mundo ficcional, ou até no espaço construído pela subjetividade de um personagem da trama (SEGAL, 1995). Ainda conforme Segal, é o centro dêítico que garante a coerência do texto, mesmo quando ela não é representada no léxico e na semântica.

Um aspecto muito importante a ser destacado, sobre o narrador, é que ele é o responsável por localizar o falante em determinada perspectiva dêítica; o leitor/ouvinte não dispõe de meios que lhe permitam fugir desse centro e , então, fazer a compreensão da narrativa (ZUBIN; HEWITT, 1995). É por esse motivo que o entendimento e a localização do centro dêítico é importante para que o leitor/ouvinte faça as interpretações adequadas, como bem explica Segal (1995, p. 16): “Se um *DC* foi estabelecido, o leitor pode localizar corretamente aqueles aspectos da história onde eles se encontram. [É válido destacar que] O *DC* não fica estático dentro da história, mas muda assim como os desdobramentos da história”.

Como podemos perceber, o centro dêítico é um conceito fundamental na Teoria da Mudança Dêítica. Ele é concebido como a estrutura básica que contém os componentes dêiticos de uma situação. Como já vimos, foi Bühler (1982) quem primeiro reconheceu esses componentes, os quais se organizam tendo como centro a *origo*: “eu”, “aqui” e “agora” (ego, hic, nunc).

Zubin & Hewitt (1995, p. 130) reforçam as ideias de Bühler ao dizerem que o centro dêitico é a compreensão do ‘mundo da história’. Esse ‘mundo da história’ está subentendido na história narrada e é o responsável por proporcionar as coordenadas de tempo e espaço. Os autores afirmam que as narrativas só têm êxito porque os leitores levam o seu conhecimento de mundo e de “outros mundos possíveis para dentro da história atual”, ou seja, a construção dêitica da narrativa só é possível graças à experiência que o leitor possui no aqui/agora/eu/você do mundo real. Ampliando a noção de dêixis, os autores argumentam que a dêixis passa a ser vista não mais como apenas um componente da linguagem narrativa, mas como uma “conjuntura estruturante central a partir da qual surge a narrativa”.

Lançando mão de narrativas orais, Zubin e Hewitt (1995) explicam como ocorre a mudança dêitica na linguagem narrativa, ou seja, a transposição (BÜLHER, 1982) fictiva (FONSECA, 1989). No início, o narrador começa situando os personagens, o lugar e o tempo em que se passa a história. Nessa estrutura dêitica da situação de fala, *eu* é o narrador; *você* é o público ouvinte; *aqui* é o ambiente em que o narrador e a plateia se encontram; e *agora* é o momento da interação entre narrador e o público. Após essa interação estabelecida com a plateia (audiência), a “ilusão central da narrativa toma conta. O narrador parece desaparecer dentro do contexto, e o mundo da história, contendo seu próprio centro dêitico [não mais aquele da situação de fala], destaca-se.” (ZUBIN; HEWITT, 1995, p. 131). Os autores esclarecem que essa mudança acontece porque há uma *reorientação* da marcação linguística da dêixis.

Encontramos um exemplo de trabalho prático que aborda a questão da mudança dêitica a pesquisa que Costa (2000) desenvolveu com um grupo de crianças estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental (2^a, 3^a e 4^a). Partindo da leitura de uma história em quadrinhos com os alunos, a pesquisadora pediu-lhes a eles que transformassem em narrativa a história lida. Costa esclarece que a mudança dêitica nesse caso foi operada em sentido inverso da que é proposta por Segal (1995), Galbraith (1995) e Zubin e Hewitt (1995). Ela explica que, para o aluno conseguir esse objetivo,

terá de mudar a localização da origo (do *aqui, agora, eu* dos personagens para o *aqui, agora, eu* de um narrador), olhando de fora os eventos que são mostrados na seqüência de quadros. A partir dessa perspectiva, ele precisa selecionar, além das informações, os recursos necessários para marcar linguisticamente essa mudança, de modo que o leitor possa entender seu discurso como história. O quem, o onde, o quando e o que, por exemplo, que nos quadrinhos são muitas vezes referidos pelos personagens como eu, aqui, hoje, isto ou pelo simples gesto de apontar, precisam ter seus referentes explicitados linguisticamente, para que o leitor possa localizá-los no mundo da história (COSTA, 2000, p. 43-44).

Como podemos ver no exemplo a seguir (COSTA, 2000, p. 73), o aluno recontextualizou a história, alterando a localização da *origo*; agora, na voz de um narrador, ele situa a personagem num ambiente (praça, bancos), utiliza verbos no passado para contar o que aconteceu, deduz o que a personagem pensou.

- (15) Um dia a Mônica estava caminhando pela a praça
e viu dois banco
e pensou que um estava com cola ou tinta fresca
(Carlos Gabriel – 9 anos – 2ª série)

Vimos até aqui os fundamentos da Teoria da Mudança Dêitica (*DST*), tendo o centro dêitico (*DC*) como um conceito de base para a compreensão desse fenômeno. Para mostrar e comprovar essa mudança, os proponentes dessa teoria recorreram quase exclusivamente ao texto narrativo. No entanto, de um modo geral, como já defendemos, a dêixis (o centro dêitico) está subjacente a toda e qualquer organização discursiva, não somente em textos narrativos, pois todo discurso pressupõe um EU que diz algo a algum TU, em um determinado espaço e em um momento específico.

Encontramos na pesquisa de Hosenfeld, Duchan e Higginbothan (1995) uma amostra de que a organização da estrutura dêitica em textos persuasivos é diferente da que ocorre em textos narrativos. Para apresentar como se configura a dêixis em textos persuasivos, os autores exemplificam o fenômeno com uma frase bem comum para muitos, em particular para os estadunidenses (Tio Sam quer você!):



A imagem do Tio Sam²² apontando para os jovens - que são o alvo de seu²³ interesse -, somada às palavras (Eu quero você para as forças armadas do EUA - recrutamento na próxima estação), tem propósito não somente de convencê-los sobre as “vantagens” de fazer parte do exército, mas, acima de tudo, de fazê-los assumir o ato concreto de entrar no serviço

²² De acordo com a enciclopédia livre Wikipédia: “Tio Sam é a personificação nacional dos Estados Unidos da América e um dos símbolos nacionais mais famosos do mundo. O nome *Tio Sam* foi usado primeiramente durante a Guerra anglo-americana de 1812, mas só foi desenhado em 1852.”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tio_Sam>. Acesso em: 17 abr. 2010.

²³ Vale esclarecer que o interesse seria da instituição (o exército dos Estados Unidos), que usa a figura do Tio Sam (muito apelativa, porque representativa do estado) para recrutar os jovens.

militar. Poderíamos, assim, dizer que essa é uma mensagem centrada no efeito perlocucionário, o ato concreto de alistamento que viria em resposta ao chamado. Para os autores, bem diferente do texto narrativo que objetiva entreter, o texto persuasivo volta-se para “convencer alguém a concordar com uma posição assumida pelo escritor e frequentemente, como resultado, com o ato em uma forma particular.” (HOSENFELD, DUCHAN e HIGGINBOTHAN, 1995, p. 407).

Esse exemplo de escrita persuasiva adota o ponto de vista do Tio Sam, que da sua perspectiva dêitica se refere ao ‘você’ da audiência. Destacando a imagem, os autores afirmam que “O reforço da dêixis é o dedo apontado do Tio Sam, estabelecendo contato dêitico direto com sua audiência.” (HOSENFELD, DUCHAN e HIGGINBOTHAN, 1995, p. 407).

Ao tentarem demonstrar a pertinência de seu estudo, Hosenfeld, Duchan e Higginbothan (1995) observam que alguns estudiosos não têm considerado os elementos dêiticos como centrais em textos persuasivos²⁴ e, normalmente, têm focado, em textos dessa natureza, apenas questões como a organização dos argumentos, a relação causa/efeito. Criticando esse enfoque voltado para apenas para a organização lógica do discurso, os três autores defendem que manipular adequadamente as perspectivas dêiticas em textos persuasivos é fundamental para que tais textos se efetivem, isto é, produzam o efeito perlocucionário desejado. Para eles,

um texto persuasivo que falha ao tornar clara sua audiência pretendida, ou um que muda de um destinatário para outro sem explicação, pode falhar em seu objetivo de persuasão. Da mesma forma, um texto escrito por alguém proficiente poderá mostrar controle suficiente da dêixis para melhor servir os objetivos persuasivos. (HOSENFELD, DUCHAN e HIGGINBOTHAN, 1995, p. 408).

Uma crítica que pode ser dirigida aos autores é quanto à associação que eles fazem entre persuasão e interação direta. Considerando que o diálogo bakhtiniano (ou a interação) é constitutivo do discurso, não podemos admitir que a função persuasiva esteja necessariamente atrelada a uma forma composicional injuntiva.

Por outro lado, convém ressaltar que os autores não parecem negar a importância de aspectos como as relações de causa e efeito; apenas optam por investigar a mudança dêitica, tendo em vista ser este um problema que consideram negligenciado pelos estudos correntes.

²⁴ Os autores Hosenfeld, Duchan e Higginbothan (1995) afirmam que o texto persuasivo é algumas vezes chamado de argumentativo.

Foram essas observações apresentadas por esses pesquisadores que nos motivaram a empreender nossa investigação. Tendo em vista o que os dados da pesquisa de Hosenfeld, Duchan e Higginbothan (1995) e ainda mais o que nos mostraram o projeto piloto têm a nos oferecer, decidimos investigar mais a fundo o modo como os estudantes organizam a estrutura dêitica em textos persuasivos e, assim, tentar preencher uma lacuna nos estudos de produção textual.

1.6.3 Dêixis e prática social: um novo olhar sobre o campo dêitico

Preocupado em estudar a língua de forma situada, considerando os aspectos sociais, interacionais, linguísticos e cognitivos, Hanks (2008, p. 205) procura mostrar que o estudo do fenômeno dêitico é fundamental não só para o entendimento da língua, como também dos sujeitos e da sociedade: “Se a língua é fundamental para a sociabilidade humana, a dêixis é fundamental para a língua por sua capacidade de constituir tanto os sujeitos quanto os objetos”.

Desse modo, Hanks (2008, p. 205) procura enfatizar que sua abordagem da língua é assentada na teoria da prática “precisamente nas *relações* entre a ação verbal, o sistema linguístico e outros sistemas semióticos, e as ideias de senso comum que os falantes têm sobre a língua e sobre o mundo social do qual ela é parte.” (grifo do autor). Pensando assim, podemos entender que a dêixis é um fenômeno que se incorpora à estrutura da língua, passando a construir os objetos de discurso - os sujeitos da enunciação e o mundo ao seu entorno.

Para Hanks (2008, p. 206), a prática dêitica se fundamenta no conceito de campo, cuja formação é originada de três campos inter-relacionados. O primeiro deles é o campo semântico, “que denota qualquer conjunto estruturado de expressões que conjuntamente subdividem um espaço de significado coerente.” O autor explicita que determinadas expressões que categorizam tipos de cores ou tipos de família, por exemplo, “podem ser tratadas como um campo semântico na medida em que definem um espaço de oposições relacionado a formas linguísticas contrastantes”, ou seja, branco é diferente de preto, pai é diferente de mãe etc. O foco dessa questão, como sustenta o autor, é que o significado de um termo deriva de seu contraste com um outro termo no mesmo campo.

A segunda noção de campo, citado por Hanks (2008), é a proposta de Bühler (1982); este autor desenvolveu sua teoria sobre a linguagem tendo como base um campo duplo de atuação da língua: o simbólico (*symbolfeld*) e o mostrativo (*zeigfeld*). O campo simbólico é constituído por palavras, por signos diversos e pelas definições que estes representam; já o

campo mostrativo é formado por um sistema de coordenadas instituídas pelo sujeito falante no ato da enunciação (EU-AQUI-AGORA). O primeiro, segundo Hanks (2008, 207), é, em parte, focado na “oposição entre formas linguísticas”, por isso a escolha dos dêiticos por Bühler; o segundo, por sua vez, é voltado para a percepção sensório-motora dos falantes e tem por função “orientar a atenção subjetiva dos interactantes” para que haja o entendimento dos referentes na enunciação. No exemplo “Ele vem para cá”, urge uma orientação semântica e outra gestual/orientacional do enunciado²⁵.

A terceira concepção proposta por Hanks é, finalmente, a teoria da prática social, a qual postula uma noção de campo que vai além das sugeridas anteriormente. Partindo da concepção de Bourdieu sobre campo, Hanks (2008, p. 207) considera que “um campo é um espaço de posições e de tomadas de posições no qual os agentes (individuais ou coletivos) se engajam e através do qual inúmeras formas de valor ou de ‘capital’ circulam.”. Como podemos ver, a complexidade desse campo vai além da semântica e da fenomenologia presentes nos campos anteriores.

De modo específico, “um campo discursivo ou comunicativo pode ser entendido como um tipo particular de contexto ao qual a prática está incorporada” (HANKS, 2008, p. 207), por isso podemos determinar vários campos de atuação na e pela linguagem, como o campo acadêmico, religioso, jurídico, político, e, em nosso caso específico, o campo escolar.

Palavras como: aqui, lá, isto, aquilo, eu, você, nós e eles, segundo Hanks (2008), fazem parte de um só campo, nomeado de campo dêitico. É nesse contexto que o autor propõe sua noção de campo dêitico composto, segundo ele, pelas

(1) posições dos agentes comunicativos relativamente aos enquadres de participação que eles ocupam (isto é, quem ocupa as posições de Falante, Destinatário e outras, tal como definido pela língua e pelas práticas comunicativas de seus falantes), (2) posições ocupadas pelos objetos de referência, (3) múltiplas dimensões por meio das quais os agentes têm acesso às posições. (p, 209).

Fazer uma referência dêitica, de acordo Hanks, é ocupar uma posição dentro do campo dêitico; e por consequência, ser objeto de referência é tomar uma posição dentro desse campo. Resulta, daí, segundo ele, uma relação social entre agentes e objetos, que, embora seja comum com a abordagem de Bühler, distingue-se desta por integrar o campo simbólico com o campo mostrativo incorporado a outros campos sociais mais amplos. É que, conforme Hanks, a prática “destaca a incorporação da língua”; logo não enfatiza o sujeito individual, como fez

²⁵ É importante lembrar que Bühler (1982), como vimos, não limita as coordenadas dêiticas ao entorno físico, mas vai além dele, como preconizou com dêixis *am phantasma*.

Bühler; mas pelo contrário, a prática privilegia um campo social não restrito ao lugar e nem ao momento da enunciação (HANKS, 2008, p. 209).

Hanks ainda argumenta que o campo dêitico distingue-se dos campos sociológicos “mais prototípicos”, por não ser delimitado como os campos literários, jurídicos, artísticos, políticos etc. Ele pode até sê-lo em algum cenário específico “em que agentes reais na prática dêitica acumulam valor da mesma forma que a posição do Falante pode ser dominante e a posição Objeto subordinada”, mas, como explica Hanks, algumas dessas especificações são causadas não pela dêixis em si, mas pelo campo social em que ela está incorporada, e é por meio dessa incorporação que “as relações sociais de poder, de delimitação dos campos, de conflito e valor estão amalgamadas ao campo dêitico” (HANKS, 2008, p. 210).

Ao tomar a dêixis como “recurso semiótico geral”, Hanks defende que ela se relaciona a campos sociais extensos graças à incorporação. A incorporação, segundo o autor, é a conversão de posições abstratas de “Falante, Destinatário, Objeto, e o espaço de vida dos enunciados, em posições às quais o poder, o conflito, o acesso restrito e outros traços dos campos sociais se vinculam” (HANKS, 2008, p. 213).

A palavra “aqui” faz parte de modo generalizado do campo dêitico, porém, quando inserido em um campo específico, como o sociopolítico, o termo ganha um novo significado, ou seja, o campo dêitico incorpora-se ao campo sociopolítico. É importante enfatizar que essa incorporação dá uma nova vida às expressões dêiticas, como bem nos explica Hanks (2008, p. 214):

O campo dêitico é mais do que um mero contexto, assim entendido como um entorno externo no interior do qual um enunciado pode acontecer. Por meio da incorporação, o significado e a força das expressões dêiticas são, na verdade, redesenhadas pelo campo ao qual eles se articulam.

No exemplo a seguir, procuramos mostrar como ocorre a incorporação da dêixis, em que a questão espacial excede a limitação local do campo dêitico. Eduardo Guimarães²⁶, em seu artigo intitulado “O Irã é aqui”²⁷, estabelece um paralelo entre o protesto no Irã contra o tratamento dado pelo governo do PSDB aos professores do estado de São Paulo. Eduardo Guimarães, ao mostrar que o que ocorre no Irã acontece da mesma maneira em outros países “da região governados por ditadores amigos dos Estados Unidos”, critica o site “O Globo” por, segundo ele, manipular os fatos. O dêitico “aqui” no título do texto, como bem observado

²⁶ Eduardo Guimarães é um articulista que escreve com frequência em seu blog <http://www.blogcidadania.com.br/>.

²⁷ Disponível em: <http://www.blogcidadania.com.br/2011/02/o-ira-e-aqui/> Acesso em: 16 fev. 2010.

em outro texto por Costa (2010), também opera uma intertextualidade com a canção “Haiti”, de Caetano Veloso e Gilberto Gil: “O Haiti é aqui/ O Haiti não é aqui”, que estabelece comparação dos problemas brasileiros com os haitianos. Logo, para interpretar o texto, o leitor tem que estar ciente dos problemas vividos nos países em questão e, a partir desses dados, ativar conhecimentos para calcular os efeitos de sentido possíveis. É por isso que Costa (2010) defende que todo texto é um hipertexto, na medida em que várias conexões sociocognitivas são ativadas e processadas para se chegar à produção de sentidos.

Em nosso estudo, é importante assumir essa concepção complexa de campo dêitico porque nos possibilita entender que “o processo dêitico não é um fenômeno predeterminado pelas formas, muito menos algo que se repete a cada uso de uma mesma estrutura”, como alerta Costa (2010), mas algo bem mais amplo, como sustenta Hanks (2008), não limitado ao entorno (AQUI-AGORA-EU) compartilhado numa conversação face-a-face entre interlocutores.

Como vimos nesta última seção deste primeiro capítulo, esses três desdobramentos da dêixis, conjugados, a nosso ver, podem dar conta do fenômeno textual que investigamos. Embora cada teoria tenha um olhar específico para a dêixis, percebemos que há pontos comuns, favorecendo a compreensão da organização discursiva das coordenadas dêiticas nos textos persuasivos escritos pelos alunos.

2 DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA E METODOLOGIA

Aspecto relevante a ser considerado não só na coleta e na interpretação dos dados, mas também em todas as etapas de uma investigação, é a metodologia. Podemos dizer que é a escolha metodológica que orienta os passos de uma pesquisa. Em vista disso, para a execução da pesquisa principal²⁸, decidimos realizar um estudo piloto com alunos de uma escola pública de Caucaia, a fim de nos orientarmos sobre o modo como operaríamos o experimento em sala de aula. Este estudo nos proporcionou dados que nos levaram a questões relevantes e que, conseqüentemente, nortearam nossa investigação sobre o fenômeno da dêixis na pesquisa principal.

Nas seções que seguem, fazemos de início um breve panorama da pesquisa em sala de aula e das metodologias que com frequência são empregadas nesse ambiente. No que diz respeito às metodologias, procuramos dar ênfase ao denominado paradigma interpretativista, uma vez que ele se coaduna com a abordagem qualitativa, na qual se insere nossa pesquisa. Em seguida, relatamos o estudo piloto que, como explicamos anteriormente, foi empreendido por nós em uma escola pública no município de Caucaia. Ao tratar desse estudo primeiro, destacamos os resultados encontrados e suas implicações para a pesquisa principal. Finalizando o capítulo, comentamos a natureza da nossa pesquisa e descrevemos os sujeitos participantes e os instrumentos metodológicos utilizados; além disso, falamos ainda sobre os procedimentos de coleta e análise dos dados, bem como sobre os dados e as etapas desenvolvidas na pesquisa principal.

2.1 A sala de aula como espaço para a pesquisa

Por ser o local de realização da nossa pesquisa, consideramos importante falar um pouco sobre sala de aula, haja vista ser este um valioso espaço para a construção do conhecimento, para a descoberta.

Consoante Bortoni-Ricardo (2008), a educação de um modo geral, particularmente o processo ensino-aprendizagem, tem sido alvo frequente de pesquisa. Uma das explicações da autora para esse fato é a tentativa de romper com a falsa dicotomia TEORIA x PRÁTICA, o

²⁸ Como foi realizada uma experiência piloto, preferimos chamar a pesquisa decorrente de principal, já que essa última foi a que serviu efetivamente para as reflexões nucleares deste trabalho.

que nos leva a entender que a larga distância entre teoria e prática pode ser amenizada com a pesquisa em sala de aula. Porém, não podemos ver as pesquisas nesse ambiente como uma prática de resolução cabal de todos os problemas da educação, pois, como afirma McKay (2006, p. 1), a “pesquisa contribui mais para a efetividade do ensino, não por oferecer respostas definitivas para questões pedagógicas, mas por fornecer novas percepções no processo de ensino-aprendizagem”. Portanto, mais do que respostas prontas e acabadas, a pesquisa em sala de aula nos leva à compreensão de que esse espaço é um lugar de ensaio, de constante construção e entendimento dos diversos fenômenos que alunos e professores se propõem a descobrir dia a dia.

Sabemos também que as pesquisas em sala de aula não são algo novo. Conforme Coura Sobrinho e Silva (1998), as pesquisas em sala de aula surgiram por volta da década de 50, tendo como objetivo avaliar o desempenho dos professores; já na década de 60, a finalidade era pesquisar a validade dos métodos do ensino. Nos tempos atuais, os pesquisadores têm se voltado para investigar o processo de interação entre os participantes da sala de aula e a forma como estes adquirem o conhecimento coletivamente, como bem informam os autores:

A sala de aula passou a ser vista como um lugar onde se estuda o processo de aprendizagem através do insumo oferecido pelo professor, através das falas dos alunos e através da interação como formas de propiciar a aprendizagem. (COURA SOBRINHO; SILVA, 1998, p. 53).

Por estar inserida no campo da pesquisa social, a pesquisa em sala de aula pode se valer de um dos dois paradigmas: o positivismo ou o interpretativismo. Bortoni-Ricardo (2008) nos explica que a primeira dessas orientações veio importada das ciências exatas e que, por valorizar a quantificação e a generalização dos dados, requer como princípios a convicção sensível dos sentidos, a certeza metódica e a antinomia entre sujeito e objeto.

No que tange ao segundo paradigma, aqueles que buscam desenvolver uma pesquisa qualitativa entendem que “não há como observar o mundo independente das práticas sociais e significados vigentes” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32), pois consideram que a capacidade de entendimento do fenômeno se desenvolve com base em seus próprios significados, haja vista o pesquisador ser um ator ativo no processo da investigação. Longe de buscar uma objetividade a qualquer custo, a visão interpretativista pressupõe que é a intersubjetividade

que possibilita chegarmos mais próximo da realidade que é constituída pelos atores sociais - ao contrapormos os significados construídos pelos participantes do mundo social. O foco é, então, colocado em aspectos processuais do mundo social em vez do foco em um produto padronizado (MOITA LOPES, 1994, p. 332).

A escolha da sala de aula como o *locus* para a coleta de dados desta pesquisa ocorreu em função de nossa filiação ao paradigma interpretativista. Consideramos, por um lado, que o interpretativismo é a orientação metodológica mais indicada para dar conta dos procedimentos operacionais da nossa pesquisa, uma vez que “é entendida como um modo particular de organizar a experiência humana por meio do discurso, sendo, portanto, uma construção social.”; por outro, pensamos que o ambiente da sala de aula é o que mais favorece a relação intersubjetiva postulada pelos teóricos desse paradigma, os quais consideram que “A intersubjetividade tenta dar conta dos significados possíveis sobre a sala de aula e é um critério para estabelecer a validade da interpretação por parte do pesquisador” (MOITA-LOPES, 1994, p. 334).

Ao termos o objetivo de perceber como os alunos organizam os dêiticos em textos persuasivos, optamos pela pesquisa exploratório-descritivista por julgarmos ser esta capaz de propiciar a quem investiga a oportunidade de fazer uma relação dos dados de forma qualitativa (DÖRNYEI, 2007; BORTONI-RICARDO, 2008; MARCUSCHI, 2010). E, considerando o caráter dos dados com os quais tratamos, supomos que a pesquisa descritiva nos dá ferramentas para que possamos conhecê-los e interpretá-los com mais cautela.

Como é sabido, a pesquisa descritiva está preocupada em narrar de que modo o fenômeno observado acontece. Conforme afirma Rudio (1998, p. 71), “ela está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los”, além de buscar conhecer a natureza, a composição e os processos que o constituem ou se realizam no fenômeno investigado.

É por essas características que resolvemos empregar esse método, considerando que ele nos possibilitaria perfazer o caminho traçado por nós durante toda a pesquisa, seja na ação em sala de aula, seja nas análises dos textos, seja ainda nas entrevistas com os alunos.

2.2 Pesquisa Piloto

Os dados para nosso estudo piloto foram coletados no dia 08 de abril de 2010 em uma escola pública de ensino fundamental, localizada no município de Caucaia. Participaram dois grupos de estudantes: um do 7º ano, com 30 alunos, e outro 8º ano, com 21 alunos. A professora regente da sala nos deu permissão de realizar a pesquisa após a autorização pela diretora.

2.2.1 A aplicação do experimento

Ao entrar em sala de aula, comunicamos aos educandos o nosso interesse de fazer um estudo piloto com eles, esclarecendo que haveria sigilo quanto às informações e às pessoas participantes. De imediato, obtivemos uma resposta positiva da turma e um considerável grau de interesse dos alunos em colaborar com a pesquisa.

Iniciamos o experimento com a entrega da notícia²⁹ extraída do sítio da UOL acerca da Olimpíada de Língua Portuguesa. Ela traz explicações sobre a Olimpíada informando o início das inscrições, o público que pode participar, a forma de participar do certame, as premiações, dentre outros dados.

Fizemos uma leitura participativa do texto de modo bem dialogado, ativando os conhecimentos prévios que os alunos tinham sobre olimpíadas e, de modo particular, sobre a Olimpíada de Língua Portuguesa promovida pelo MEC. Com essa leitura, tivemos o propósito de provocar a curiosidade dos alunos e despertá-los para a produção textual que viria em seguida.

Terminada a leitura, pedimos que eles produzissem, com base na notícia lida, um anúncio divulgando a Olimpíada de Língua Portuguesa, com o intuito de convidar os alunos do 6º ao 9º ano do fundamental e do 1º ao 3º ano do ensino médio a participarem do certame. Durante a produção do texto, fomos chamados apenas duas vezes para sanar dúvidas quanto à atividade proposta.

Recolhidos os textos, passamos a analisá-los considerando o fenômeno da marcação da mudança dêitica. Essa análise apontou alguns dados interessantes. Em relação à invocação

²⁹ Encontra-se em anexo.

da audiência, dos 30 textos do 7º ano, 23 apresentaram marcação da mudança dêitica, o que nos levou a concluir que os redatores dispensaram alguma atenção à alteração do campo dêitico. Já o mesmo não ocorreu no 8º ano; dos 21 textos escritos, apenas 9 apresentaram a invocação ao leitor³⁰. Apesar de esses textos invocarem a audiência, constatamos que ela foi referida de forma difusa e não especificada, o que levou à não precisão da identidade do leitor. No que diz respeito à dêixis de tempo e de espaço, constatamos que nem sempre houve marcações definidas, o que gerou, em muitos casos, a incompreensão das informações.

Para ficar mais claro o que dissemos, seguem alguns exemplos por nós examinados:

(16) Olimpíada da Língua Portuguesa

Olá, coleguinhas! Vocês sabem da notícia que estão falando por aí? É a Olimpíada de Língua Portuguesa. Você que está interessado nessa língua [e] quer participar, venha agora e peça às professoras para lhe escrever. Aproveite essa olimpíada de português e venha correndo. E ainda, se você passar em todas as etapas, você tem direito a ganhar muitos brindes e coisas legais, tá. Venha agora participar. (7º ano)

O anúncio acima mostra-se bastante atrativo. A estratégia retórica empregada pelo aluno de começar com uma pergunta torna o texto mais instigante e curioso. O estudante marca bem a audiência do seu texto, nomeando-a de forma bem cativante: “coleguinhas”. É interessante notar que o aluno, apoiando-se em “coleguinhas”, emprega o ‘vocês’ (na primeira linha) e, depois, especificando aquele que de fato tem interesse, passa a utilizar o “você” no decorrer do texto. Outro ponto interessante a ser destacado é o uso dos verbos: enquanto descreve a cena enunciativa, o aluno emprega verbos no presente do indicativo; quando busca persuadir o leitor a participar da olimpíada, ele usa os verbos no modo imperativo, próprio dos textos injuntivos, como, por exemplo, “venha” e “aproveite”.

No que tange à perspectiva dêitica temporal, encontramos o emprego do ‘agora’; percebemos que o aluno se preocupa em mostrar ao leitor a exatidão que a inscrição do concurso oferece e/ou exige. A marcação dêitica espacial está implícita na desinência verbal “venha”, que chama o leitor a vir para a escola, pois lá é o espaço discursivo onde os interlocutores se encontram.

³⁰ Este foi um dado intrigante. Considerando a tese de Hosenfeld, Duchan e Higginbothan (1995) sobre a relação entre a marcação da mudança dêitica e a efetividade do discurso persuasivo, seria razoável esperarmos que os alunos do 8º ano se mostrassem mais atentos a essa questão que os do 7º, demonstrando, assim, maior grau de proficiência do que estes últimos.

Olimpíada da Língua Portuguesa

(17) A Olimpíada da Língua Portuguesa acontecerá na escola no dia 22/03/2010, manhã às 7h30, tarde às 13h30. Os prêmios para os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros, os 152 finalistas, medalhas e aparelho de som. Os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras. Participem. (8º ano).

No anúncio produzido pelo estudante, percebemos de imediato a ausência de marcação da dêixis pessoal. A audiência não aparece no início do texto e só é efetivada implicitamente ao final com o emprego do verbo ‘participem’; dá para supor que o aluno, sabendo que só poderiam participar do evento estudantes, resolve não especificar quem seriam aqueles que realmente participariam. O problema é que, conforme é informado no texto fonte, somente os alunos a partir do 5º ano poderiam concorrer ao prêmio. Porém o modo como a informação é veiculada no anúncio dá a entender que qualquer aluno da escola poderia fazer parte do certame. Sendo assim, notamos que a não especificação da audiência fragilizou o texto em termos de fidelidade ao propósito comunicativo, tendo em vista que, de acordo com Hosenfeld, Duchan e Higginbothan (1995), no discurso persuasivo, a audiência desempenha um papel essencial em sua efetivação. Supomos que a preocupação em interagir com o leitor tenha desviado a atenção do escrevente em especificar os dados da notícia, uma vez que o propósito do convencimento concorria, de certa forma, com o propósito de informar. Embora pareça contraditório, mas isso pode ser inclusive debitado à dificuldade cognitiva natural dos alunos de atender a várias demandas ao mesmo tempo.

Com relação à dêixis temporal e à dêixis espacial, constatamos que não houve marcação da mudança dêitica, o que foi evidenciado com as repetições dos mesmos dados da notícia.

Esse estudo piloto nos propiciou observar alguns problemas que, provavelmente, encontraríamos na pesquisa principal, o que, em grande parte, foi confirmado. No tocante à dêixis pessoal, observamos que em alguns dos textos houve ausência total de invocação do interlocutor; em outros, a invocação equivocada do interlocutor e, finalmente, em um terceiro grupo, a invocação de uma audiência genérica, sem a especificação do interlocutor.

No que diz respeito às coordenadas temporais e espaciais, vimos que na maioria dos casos não ocorreu a marcação explícita dessas perspectivas, o que dificultou e/ou comprometeu, em alguns momentos, a compreensão do texto.

2.3 Pesquisa Principal

Constatamos com o estudo piloto que a marcação da mudança dêitica nos textos dos alunos foi, na maior parte dos casos, fragilizada. Levando em conta essa comprovação, além de repetir os mesmos passos no estudo piloto, decidimos, na pesquisa principal, motivar quatro alunos que apresentaram problemas e/ou dificuldades na manipulação da mudança dêitica a reescreverem seus textos.

2.3.1 Os sujeitos participantes

O grupo de alunos participantes da pesquisa faz parte da nossa sala de aula³¹. Optamos por esse público porque acreditamos que uma relação mais próxima entre as partes envolvidas no processo facilita a construção do conhecimento e dá mais subsídios para possíveis reflexões de pesquisa, de modo peculiar para a nossa investigação, que envolveu a produção de um texto e uma discussão posterior que provocasse a reformulação desse texto a partir dos aspectos discutidos

Outro fator que motivou nossa escolha foi o fato de os alunos serem de uma escola pública. Essa escolha teve caráter político. Uma vez que o contingente de alunos da escola pública representa a maior parte dos estudantes brasileiros, saber um pouco mais sobre o processo de escrita desses alunos – em nosso caso particular, sobre o modo como esses alunos manipulam os dêiticos para organizarem seu discurso - contribui, de certa forma, para avançar em busca de um trabalho mais eficaz na produção de texto nas aulas de língua portuguesa.

O contexto do experimento foi ainda um dos fatores que nos auxiliaram na execução da atividade proposta. O fato de os sujeitos atuarem no seu próprio espaço de convivência diária, tendo como condutor da pesquisa alguém do cotidiano escolar, foi um ponto importante, na medida em que proporcionou aos sujeitos uma situação mais natural.

Os alunos pesquisados, que cursavam o 6º ano do ensino fundamental de uma escola do município de Fortaleza, foram divididos em duas turmas. Em média, totalizavam 63

³¹ Cumpre-nos aqui esclarecer que, logo depois de desenvolvermos o projeto piloto, assumimos a função de professor de Língua Portuguesa em duas escolas do município de Fortaleza. Programamos, então, o experimento principal da pesquisa tendo como contexto nossa própria sala de aula em uma dessas escolas.

alunos, tendo 31 alunos por sala de aula. A faixa etária dos educandos girava em torno de 10 a 14 anos.

2.3.2 Instrumentos de investigação

Fundamental para a coleta dos dados foi o uso de instrumentos que dessem conta do fenômeno pesquisado. Na tentativa de construir um instrumental que julgamos adequado, pensamos em três ferramentas para nos auxiliar em nossa investigação: a videogravação, as notas de campo e a entrevista; essas duas últimas não foram empregadas no estudo piloto.

Com a gravação audiovisual das aulas, tivemos o intuito de captar com mais precisão o ocorrido, porque esse instrumento possibilita mais exatidão na coleta dos dados. De acordo com Belei *et al.* (2008, p. 189), “A principal vantagem deste método é que outros pesquisadores ou colaboradores (juízes) também podem fazer uso do material coletado”. De nossa parte, percebemos que essa ferramenta funciona principalmente auxiliando a memória do pesquisador, quando este necessita recuperar algum detalhe que porventura lhe tenha passado despercebido; nessa perspectiva, apresenta relevância na análise dos dados. No dia da realização da pesquisa, convidamos uma pessoa para filmar a aula, já que era impossível ministrar a aula e fazer a gravação ao mesmo tempo.

Utilizamos também as notas de campo, que se caracterizam de duas maneiras: descritiva e reflexiva. Descritiva, porque se preocupam em relatar o ambiente, o comportamento e as ações dos envolvidos no processo; reflexiva, porque destacam as observações pontuadas pelo pesquisador durante a pesquisa. Essa ferramenta nos foi bastante útil, não somente por nos favorecer um olhar dos registros da pesquisa em si, mas também por nos dar condições de refletir sobre as ações e as reações nossas e dos alunos durante o processo da pesquisa.

A entrevista foi um instrumento essencial para colher os dados com mais precisão³², a fim de percebermos os detalhes que muitas vezes as notas de campo não conseguiram captar. O tipo de entrevista usado por nós é conhecido como semi-estruturada, pois é “direcionada por um roteiro previamente elaborado, composto geralmente por questões abertas” (BELEI *et*

³² A entrevista foi registrada em um gravador.

al., 2008, p. 189). Pensamos nesse modelo de entrevista, porque foi com base na leitura dos textos que estruturamos nossa entrevista com os alunos, que, vale destacar, foi conduzida de modo fluente e bem interativo. Perguntas do tipo: “Por que você usou a palavra ‘você’ no título do texto?”; “por que você empregou o ‘você’?”, por exemplo, foram com frequência utilizadas na conversação.

2.3.3 Procedimentos de coleta e análise dos dados

A atividade de produção textual que pedimos aos alunos, cujo resultado faz parte do *corpus* para a análise, emergiu de uma situação vivenciada pelos educandos. Seguindo a atenta observação de Costa (2010), a linguagem, concebida como interlocução/dialógica, exige uma aprendizagem cuja cognição seja situada, isto é, que os conteúdos sejam incorporados nas práticas sociais concretas e estabelecidos conjuntamente entre professor-aluno. A língua, nessa visão, é experimentada através da *ação* entre os interlocutores, como argumenta a autora:

Assumir o uso da língua como interlocução parece requerer, também, assumir o princípio de que a cognição é incorporada e situada. Ao invés de impor o ensino antecipado de um “pacote” de regras, o trabalho pedagógico com a língua, para seguir uma orientação mais compatível com essa concepção de linguagem, deve promover atividades sociais autênticas, durante as quais os gêneros poderão fluir mais naturalmente. Como consequência, os alunos serão impulsionados a usá-los de modo adequado, o que resultará em um maior envolvimento com a tarefa e em uma aprendizagem mais efetiva (p. 164).

Uma vez que optamos por realizar a pesquisa no ambiente natural da sala de aula, cuidamos para que esse ambiente se configurasse verdadeiramente natural, pois, já que buscamos compreender a função discursiva dos dêiticos na linguagem em ação, seria preciso considerar que as “funções não aparecem claramente senão quando se estuda no exercício da linguagem e na produção do discurso” (BENVENISTE, 1989, p. 68).

Desse modo, assumimos o pressuposto de que as atividades de compreensão e produção de textos devem instigar os alunos a viver (n)os textos, (n)os gêneros, ao invés de obrigá-los a falar sobre esses gêneros e a produzir exemplares de forma descontextualizada, a partir de regras pré-estabelecidas.

Julgamos que desse modo a escrita ganha de fato uma dimensão social (BAZERMAN, 2006) e dá aos aprendizes a capacidade de entender que a linguagem não é “frivolidade”, não

é “mera perfumaria” (RAJAGOPALAN, 2007, p. 11), mas uma forma de dizer-fazer (AUSTIN, 1990), uma forma de ação-intervenção no mundo (FAIRCLOUGH, 2001), como bem podemos depreender a partir das palavras de Bazerman (2006, p. 19)

Uma visão social da escrita, contudo, pode nos ajudar a desenvolver uma pedagogia que ensine aos alunos que os gêneros são não somente formas textuais, mas também *formas de vida e de ação*. Eles encontrarão sua *agência* não na concorrência com os textos autoritários da escola, mas na contribuição para o diálogo da sala de aula, na promoção de projetos locais, no *engajamento* da vida de suas comunidades. (grifo nosso).

Tendo em vista esses pressupostos, a atividade realizada em sala teve como motivação um fato social “verdadeiro”, que foi a participação dos alunos na Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro³³. Esse concurso é realizado em parceria do Ministério da Educação com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), e pretendia alcançar mais de 300 mil professores no ano de 2010. Mais de nove milhões de alunos da rede pública de ensino foram incentivados a participar, pois, além da aprendizagem proporcionada, professores e alunos finalistas serão premiados.

Detalharemos a seguir, os passos do nosso experimento que foi dividido em etapas³⁴ para uma melhor compreensão:

2.3.4 Etapas executadas na pesquisa principal

1ª etapa: o contato inicial

O primeiro procedimento foi o contato com o núcleo gestor da escola, para que os gestores autorizassem a pesquisa que seria efetivada na instituição. De imediato, a direção da escola aprovou a realização da pesquisa e deu todo o apoio necessário para o desenvolvimento desta.

³³ Esse concurso incentiva a produção de vários gêneros textuais. Os gêneros são selecionados conforme o ano cursado: os alunos de 5º e do 6º anos produzem o gênero poema; os alunos de 7º e 8º anos participam do gênero memória; os de 9º ano do ensino fundamental, os de classes de aceleração equivalentes e os de 1º ano do ensino médio desenvolvem o gênero crônica; e os educandos de 2º e 3º anos do ensino médio confeccionam o gênero artigo de opinião.

³⁴ Vale ressaltar que algumas dessas etapas foram cumpridas em nosso estudo piloto.

Depois do contato com o núcleo gestor da escola, falamos com os alunos, a fim de obter o consentimento deles e, em seguida, fizemos o contato com os pais e/ou os responsáveis pelos educandos, para que permitissem a participação destes na pesquisa. Depois da anuência das partes envolvidas, realizamos os procedimentos éticos em pesquisa de acordo com as orientações dadas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) - instituição que abriga esta pesquisa. Uma das ações nesse processo, que queremos destacar, foi a assinatura de dois termos de consentimento, um para os pais dos educandos e outro termo específico para estes.

2ª etapa: o contato com a turma e a produção do texto

Nosso contato com as turmas aconteceu no dia 22 de junho de 2010. As duas turmas do 6º ano do ensino fundamental eram bem numerosas, somando um total de mais ou menos noventa alunos. Porém, no dia da aplicação do experimento faltou boa parte deles, resultando no total de 63 alunos.

O clima da sala, no dia da pesquisa, de certa forma foi alterado - o que não é surpresa para esse tipo de pesquisa - pela presença de alguém que gravaria a aula e da caixa de som para facilitar a captação deste. Como nota de campo, registramos:

Os alunos, hoje, estão mais eufóricos com a presença de uma “estranha” e de uma caixa de som. É tudo novidade para eles, alguns querem se engraçar para a jovem que está com a câmera na mão, outros desejam falar ao microfone. Acho que vai ser difícil acalmá-los. Mas penso que pode ser também motivador, espero.

Acalmados os ânimos dos alunos, passamos para a aplicação do experimento. Pedimos, então, a cada aluno que produzisse um texto persuasivo, tendo como base a leitura de uma notícia, com a finalidade de convocar/chamar/convidar os demais alunos a participarem da Olimpíada de Língua Portuguesa, mostrando as vantagens e as oportunidades que o concurso oferece.

Para isso, fizemos a leitura da notícia que trata da Olimpíada de Português. A leitura se deu de modo dialogado, exploramos o texto por completo, estimulando a participação ativa e interativa de todos em sala. O objetivo da leitura foi fazer com que os alunos compreendessem bem o texto para que eles pudessem manuseá-lo com eficiência no momento de utilizar as informações para empregá-las na sua produção do anúncio. de utilizar as informações para empregá-las na sua produção do anúncio. Isso lhes permitiria centrar mais a

atenção na elaboração do novo texto, uma vez que, supostamente, eles já teriam disponíveis na memória as principais informações oferecidas pelo texto fonte.

Em vez de impor uma proposta típica de redação de vestibular, estimulamos os alunos mostrando que através da escrita podemos influenciar, mobilizar, convocar pessoas a tomarem posições acerca do mundo a nossa volta. No caso da produção que eles iam fazer em sala, mostramos que um texto de interesse da comunidade escolar tinha a possibilidade de motivar os estudantes a participarem do certame e, dependendo do empenho deles, poderiam ser até contemplados com a premiação.

Ao traçar esse planejamento, tínhamos o objetivo de fazer com que a atividade proposta tivesse um caráter pragmático-discursivo e não funcionasse como um mero exercício escolar (COSTA, 2000), pois consideramos a escrita como uma prática social que tem autores situados num contexto específico, que produzem textos marcados pela sua historicidade (POSSENTI, 2009).

Foi considerando esse caráter situado e histórico da escrita que decidimos selecionar quatro textos para serem veiculados na escola em que os alunos estudavam e em outra onde trabalhamos³⁵³⁶. Tendo em conta a aproximação do dia da conclusão da etapa escolar da Olimpíada de Língua Portuguesa, pedimos aos demais membros do corpo docente da escola pesquisada para escolherem quatro textos que eles julgavam ser os mais interessantes e criativos.

Após a seleção dos quatro textos, foram realizadas as correções indicadas pelos professores, e, em seguida, foi solicitado aos alunos autores dos textos escolhidos a divulgação do certame em todas as salas de aula da escola. Esse ato foi algo marcante, porque os alunos demonstraram estar satisfeitos com o resultado do trabalho empreendido, ou seja, não escreveram por escrever, mas usaram a escrita para agir socialmente, “uma vez que escrever não é algo isolado, mas a realização textual de um amplo espectro de interações humanas”. (BAZERMAN, 2006, p. 57).

³⁵ Vale lembrar que a possibilidade de os textos circularem em outras escolas foi informada aos alunos sujeitos da pesquisa no momento em que discutimos com eles a proposta de escrita.

³⁶ Conforme já foi esclarecido (ver nota na nota 31), durante o período em que desenvolvíamos esta pesquisa passamos a atuar como professor de Língua Portuguesa em duas escolas do município de Fortaleza. Embora no experimento tenhamos restringido a produção escrita aos alunos de uma dessas escolas, tentamos envolver, pelo menos como leitores (interlocutores), também nossos alunos da outra escola. Para nós, essa foi uma maneira de desenvolver a interação entre os dois grupos e, assim, tornar as atividades mais situadas, menos artificiais.

Vale destacar algo que nos chamou a atenção no dia da produção dos textos em sala. Dos 63 alunos que participaram da produção do anúncio, 12 não conseguiram escrever. Algo revelador para nós foram algumas das perguntas e comentários de uns poucos alunos³⁷, que, ao alegarem não saber escrever um anúncio - preocupados com alguma sanção –, perguntaram se perderiam ponto por não realizar a produção escrita. De imediato falamos que não, até porque a produção do texto fazia parte de uma *ação* que os alunos estariam promovendo na escola e fora dela; esclarecemos que eles deveriam encarar aquela atividade como uma forma de intervir no mundo através da linguagem (RAJAGOPALAN, 2010; BAZERMAN, 2006). Após mais algumas intervenções, pudemos perceber que alguns alunos se motivaram a escrever o texto, porém nem todos tiveram a vontade de se engajar no processo. Sobre esse momento, escrevemos como nota de campo a seguinte observação:

A produção escrita de tão artificial que se tornou na escola é intermediada pelo capital simbólico do “ponto”, sem ele, parece que nada é feito. O costume da não realização de ações concretas pela escola no ambiente escolar e na comunidade, muitas vezes faz perder de vista não só os objetivos do ensino, mas também o da construção e produção do conhecimento.

Deixamos para o fim desta subseção um aspecto fundamental que desejamos esclarecer em nosso trabalho. Não faz parte dos objetivos da nossa pesquisa saber se o texto produzido pelo aluno se enquadra ou não no gênero anúncio, uma vez que não está em pauta a análise da estrutura e das características desse gênero. O alvo de nossa investigação se atém precisamente a mostrar como o aluno, em seu texto, desprende-se de um discurso mais expositivo/informativo e se desloca para um outro mais injuntivo/persuasivo e, a partir desse deslocamento, de que maneira ele opera a mudança do campo dêitico reorganizando as coordenadas dêiticas pessoal-temporal-espacial com o propósito de persuadir o seu leitor a aderir à sua proposta enunciativa que, neste caso, é a participação na Olimpíada da Língua Portuguesa.

Tendo em vista esse argumento, defendemos que o discurso persuasivo, pelo menos na perspectiva canônica pela qual é visto por Carol Hosenfeld, Judith Duchan e Jeffery Higginbothan (1995), apresenta diluído em seu interior a sequência injuntiva, pois, segundo

³⁷ Esse fato acima nos chamou atenção porque nos preocupamos em partir de uma situação real a ser vivenciada pelos alunos, a fim de evitar uma produção escrita dirigida a um leitor não situado, também conhecido como “leitor universal”. Therezo (2008, p. 14) define leitor universal como “qualquer pessoa, mesmo distante, no tempo e no espaço, que se interesse pelo escrito”. Para nós, trabalhar com essa perspectiva de leitor é problemático porque artificializa a atividade de produção escrita na escola, fazendo os alunos se acostumarem a escrever para alguém potencial, ou para o professor emitir uma nota, não produzindo, de fato, textos para interlocutores imersos em uma situação real, situada.

Bronckart (1999, p. 237), nessa sequência “o agente produtor visa **a fazer agir** o destinatário de um certo modo ou em uma determinada direção.” (grifos do autor). O autor cita como uma das características essenciais dessa sequência a “presença de formas verbais no imperativo ou no infinitivo”, marcas essas tão vistas nos textos que os alunos produziram em nosso experimento.

Todavia, como bem observou Moreira (2009), Bronckart (1999) apresentou uma visão muito limitada, ao considerar como fazendo parte da sequência injuntiva apenas textos instrucionais, como a receita, por exemplo. Consoante Moreira (2009, p. 49), a sequência injuntiva vai além disso, não se restringe somente a textos instrucionais. A autora argumenta que “devem fazer parte da classe de textos que se estruturam de acordo com a referida sequência todo e qualquer texto que imprima a um determinado locutor uma atitude de invocação”. Logo, o texto que propusemos que os alunos produzissem, com o intuito de persuadir, invocar, chamar, convidar alguém a fazer parte da Olimpíada, teria como uma de suas características canônicas a sequência injuntiva.

3ª etapa: a observação

Durante a produção textual, não fizemos nenhuma intervenção; apenas demos informações sobre o concurso, esclareceremos dúvidas quanto à forma e elucidamos outras questões básicas.

A maior parte dos alunos se empenhou com afinco durante todo o processo; poucos foram os que tiveram dúvidas. Entretanto, entre esses alunos que tiveram dúvidas, alguns sentiram dificuldade de entender o que foi proposto. Para resolver esse problema, tivemos então que explicar novamente a atividade. Sugerimos-lhes que relesem a notícia para recordarem informações importantes e que, somente após a releitura, retornassem à escritura do texto.

4ª etapa: a análise e escolha dos textos

Nossa análise teve como eixos norteadores os três seguintes aspectos dêiticos: pessoa, tempo e espaço. Conforme já foi informado, nosso objetivo foi investigar a organização dêitica dos textos produzidos, atentando para as estratégias que os aprendizes usaram para marcar a mudança dêitica de pessoa, de tempo e de espaço, ao produzirem textos injuntivos. Tendo em vista que o foco de nossa investigação não trata especificamente dos aspectos

grafofônicos e/ou morfossintáticos dos textos produzidos, fizemos a correção das inadequações relacionadas e esses aspectos para facilitar o entendimento do texto.

Com relação à dêixis de pessoa, buscamos identificar as formas como as pessoas são referidas e como a audiência foi identificada; sobre a dêixis de espaço, descrevemos como o(s) lugar(es) do locutor e do interlocutor são mencionados ou sugeridos; por fim, no que concerne à dêixis de tempo, centramos nossa atenção na escolha de verbos de movimento, bem como no(s) tempo(s) em que os verbos em geral são empregado(s).

Após a análise, escolhemos quatro textos que consideramos mais emblemáticos, ou seja, aqueles que mais apresentaram ocorrências específicas sobre a organização discursiva dos dêiticos, de modo especial, aqueles em que a audiência não foi marcada de forma canônica.

5ª etapa: a entrevista

Os alunos que tiveram os textos selecionados em função de problemas relacionados à manipulação da dêixis foram convidados a ser entrevistados. Nossa primeira atitude, no início da conversa com cada aluno entrevistado, foi ler o texto produzido por ele. Lemos depois a notícia e, em seguida, fizemos a releitura do texto do aluno. Nosso intuito era de fazê-lo relembrar o que já havia lido e escrito.

Algumas perguntas feitas durante a interação surgiram com base no que os alunos haviam escrito, e outras surgiam no decorrer do processo. Para desenvolvermos essa parte do experimento, inspiramo-nos em Costa (2000), que discutiu com crianças aspectos relacionados à mudança dêitica decorrentes da transformação de quadrinhos em narrativas. Já que o nosso foco não era o processo e nem a organização conversacional, a transcrição das falas da entrevista ocorreu de modo “livre”. No entanto, lançamos mão de alguns recursos empregados pela Análise da Conversação (MARCUSCHI, 1991), como podemos ver abaixo:

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Pausas breves	Vírgulas
Inserção de informação não explicitada	[]
Transcrição editada	[...] ou ...
Pausa	+

Neste breve capítulo, oferecemos as informações que julgamos importantes para a compreensão do percurso que percorremos durante o desenvolvimento deste trabalho.

No capítulo seguinte, procedemos à análise dos dados gerados a partir das duas etapas do experimento: a escrita do texto e a entrevista. Na primeira parte do capítulo, discutimos a marcação da mudança dêitica nos textos; na segunda parte, relatamos a interação que desenvolvemos com quatro dos redatores em torno dos usos dêiticos em seus respectivos textos.

3 A MUDANÇA DÊITICA NOS TEXTOS DOS ALUNOS

Levando em conta que os sujeitos de nossa pesquisa - alunos do 6º ano do ensino fundamental - são escritores com pouca experiência, nossa investigação pretendeu verificar como, em um processo de retextualização, esses alunos operam a mudança dêitica, organizando as coordenadas pessoal, temporal e espacial em um anúncio, usando para isso, como texto de apoio, uma notícia.

Conforme Marcuschi (2002), essa atividade de transformação de um gênero em outro, denominada retextualização, embora pareça, num primeiro momento, ter cunho puramente escolar é bastante comum em nossa prática cotidiana. A complexidade da prática de retextualização é o que nos fez atentar para o fenômeno da mudança dêitica nos textos dos alunos, pois, para escrever um texto tendo por base outro, o aluno deve compreender o texto de apoio. Como diz Marcuschi (2002, p. 47), “antes de qualquer atividade de transformação textual, ocorre uma atividade cognitiva denominada compreensão”, um processo que, conforme explica o autor, é ativo e criativo e vai muito além da superfície textual.

Embora o fenômeno da retextualização não seja o foco de nossa investigação, essa atividade de transformar um texto expositivo em injuntivo – que é parte do nosso experimento – favorece, para nós, um olhar mais atento sobre o processo de compreensão leitora e, mais ainda, uma percepção sobre o modo como as coordenadas dêiticas pessoais, temporais e espaciais são manipuladas pelos educandos aprendizes.

Desse modo, buscamos perceber se:

- a) a audiência (a presença do interlocutor) nos textos dos alunos é invocada de forma direta ou não; e, em caso positivo, se essa audiência é devidamente identificada nos textos ou se o enunciador apenas se dirige a um auditório difuso;
- b) os dêiticos espaciais e temporais estão associados à presença de marcas de pessoa no discurso, reforçando a manutenção da audiência;
- c) os textos que marcam ou não a audiência apresentam títulos que se relacionam com o que foi dito no anúncio, marcando a mudança dêitica;

d) os alunos, sujeitos da pesquisa, reformulam seus textos a partir da interação com o professor, atentando para a mudança dêitica que ocorreu na retextualização de um gênero para outro.

Para uma melhor compreensão dos aspectos acima elencados, estruturamos a análise e a discussão dos dados da seguinte forma: nas quatro primeiras seções, centramos a investigação nos textos dos alunos; na última, enfocamos a entrevista com quatro redatores que foram convidados a reescrever os seus textos por terem apresentado problemas e/ou dificuldades na manipulação das perspectivas dêiticas.

Na seção 3.1, abordamos o modo como a audiência é tratada nos textos dos alunos, apresentando como em alguns casos ela é desconsiderada e em outros referida de forma difusa. Para sistematizar os dados descobertos, categorizamos cada tipo de invocação à audiência. Ainda nesta seção, mostramos a identificação da identidade do redator e da audiência, além de expormos os casos em que a audiência é referida equivocadamente; e por fim, analisamos a maneira como a audiência foi especificada em cada texto.

Na seção 3.2, passamos a analisar o emprego da coordenada dêitica temporal nos textos que invocam a audiência com objetivo de persuadi-la, identificando semelhanças e diferenças nas formas encontradas nos textos. Na seção seguinte, focalizamos a organização da dêixis de espaço nos anúncios, na tentativa de compreender como os dêiticos espaciais funcionam na construção do discurso persuasivo. E, para finalizar o primeiro bloco das análises, na seção 3.4, investigamos os títulos dos anúncios, a fim de identificar o grau de interatividade que eles estabeleciam com o leitor, além de fazermos um confronto entre o título e o que estava escrito no corpo do texto, no intuito de sabermos se há ou não uma correspondência entre as partes.

Na seção 3.5 - segunda parte de nossa análise - voltamos nossa atenção para a entrevista que realizamos com quatro dos alunos que apresentaram, em seus textos, problemas de manipulação das coordenadas dêiticas pessoal, temporal e espacial. Nossa intenção, com essa abordagem, é indagar esses alunos a respeito de suas construções e referências espaciais, temporais e pessoais, uma vez que estas apresentaram problemas, e, a partir dessa reflexão, levá-los a proceder à reescrita de seus textos.

3.1 A organização dêitica pessoal nos textos: o papel da audiência

Como já dissemos, de acordo Hosenfeld, Duchan e Higginbothan (1995), a audiência em textos persuasivos é com frequência desconsiderada por não se levar em conta o papel central que os dêiticos exercem na construção do discurso. Decorreria daí que alguns textos de cunho persuasivo não atenderiam a seu propósito comunicativo porque a audiência pretendida seria posta de lado, não seria marcada no texto. Nesses casos, explicam os autores, o enfoque recai sobre as questões de padrões organizacionais da argumentação lógica, como: causa e consequência, dedução e indução, dentre outras.³⁸

Queremos destacar que não é nossa intenção criticar essas orientações que têm como foco a organização lógica do texto. Como já referimos anteriormente, nosso propósito é discutir esse outro aspecto do discurso persuasivo (a organização dêitica) que julgamos também importante, tanto por se apresentar como novo³⁹ como por nos parecer um aspecto importante a ser considerado na compreensão leitura e na produção escrita. Foi tendo em vista essa observação dos autores que nos voltamos para analisar os textos de nossos alunos aprendizes, com a finalidade de perceber se estes fariam a identificação da audiência em seus textos e, mais ainda, se esses mesmos alunos manteriam em seus textos a interatividade, valendo-se, para isso, dos dêiticos pessoais, temporais e espaciais para marcar mais claramente a audiência.

Computamos os resultados dos textos que invocaram diretamente a audiência (37 textos/73%) e os que não a invocaram, (14 textos/27%). Em mais da metade dos textos, a audiência foi invocada diretamente através de uma manifestação linguística. Isso mostra que a maior parte dos alunos demonstrou algum nível de atenção à mudança do campo dêitico, ou seja, eles associaram a persuasão ao recurso da invocação direta do leitor.

Antes de nos concentrarmos nos textos dos alunos que marcaram a audiência, julgamos pertinente analisar alguns desses textos em que a audiência foi desconsiderada, para tentarmos entender os processos que teriam gerado produtos diferentes quanto a esse aspecto.

³⁸ Podemos ver orientações nessa direção de argumentação lógica em obras como: Ferreira (2010); Therezo (2008); Perelman, Olbrechts-Tyteca (2005); Serafini (1998).

³⁹ Conforme constatam Hosenfeld, Duchan e Higginbothan (1995), trata-se de uma questão aparentemente ainda não estudada.

3.1.1 Textos sem invocação da audiência

Nos textos⁴⁰ que não invocaram diretamente a audiência houve uma grande exposição das informações sem que, no entanto, fosse proporcionada uma interação com o auditório. Não se verificou a marcação da mudança do campo dêitico, uma vez que boa parte das informações da notícia⁴¹ foi transposta no anúncio.

Como consequência dessa “não retextualização”, não ocorreu mudança alguma das perspectivas dêiticas pessoal, temporal e espacial em certos textos. A seguir, analisamos o exemplo (18) que se enquadra nesse perfil por nós traçado:

(18) Vamos brincar como entrevista

A Olimpíada de Língua Portuguesa tem várias novidades. A pasta espera receber inscrições de 9 mil alunos e de 300 mil professores. A expectativa é que 80 mil escolas participem. Alunos e professores participarão de todas as etapas escolares, municipais, estaduais e regionais e da nacional. Neste ano foi criado o gênero “Crônica” para os estudantes do 9º ano do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio, os alunos de 5º e 6º anos participam no gênero “Poema”. Os [alunos] de 7º e 8º anos desenvolvem texto de gênero “Memórias”, e os [alunos] de 2º a 3º anos do ensino médio trabalham com o gênero “Artigo de Opinião”. (TA4)

Apesar de trazer uma marca de definição da audiência presente no título (você), invocada pelo verbo “Vamos”; percebemos que, pela sequência textual, o texto enfoca mais o caráter informativo do que propriamente o persuasivo. O aluno apenas se preocupou em expor o conteúdo da notícia. Em nenhum momento, vemos a tentativa de interação com o leitor – a não ser de modo equivocado no título⁴² - a fim de persuadi-lo a participar da olimpíada. No início do texto, ele fala em “várias novidades”, mas sem apresentá-las por completo. O restante do texto se restringe a repetir as informações da notícia.

Vemos, de fato, a dificuldade do aluno em operar a retextualização da notícia em um anúncio e, conseqüentemente, em projetar as perspectivas dêiticas em uma nova cena

⁴⁰ Em nossa análise, sistematizamos os textos dos alunos da seguinte forma: TA= Texto do Aluno, seguido da sequência numérica (TA1= Texto do Aluno 1, TA2= Texto do Aluno 2, TA3= Texto do Aluno 3,...). Esses textos encontram-se em anexo.

⁴¹ Na notícia a audiência é simplesmente descrita, e não invocada, como ocorre com frequência em textos persuasivos.

⁴² Cremos que a aluna não soube gerenciar as informações que foram dadas antes da produção escrita. Ao explicarmos o que os alunos iriam passar durante a pesquisa, falamos sobre todo o processo que seria desenvolvido, dentre eles, o da entrevista que ocorreria logo após a produção escrita; daí concluirmos que, equivocadamente, a redatora pôs em seu título a palavra “entrevista”.

enunciativa (COUTINHO, 2008). Preocupado em fazer um anúncio atrativo e interessante, o aluno até tenta escrever algo que fuja ao que está dito na notícia, como fica demonstrado no título do texto, que sugere aos interlocutores uma brincadeira, algo divertido a ser feito: “Vamos brincar como entrevista”, e evidencia a novidade que a olimpíada traz para os que participarem dela: “A Olimpíada de Língua Portuguesa tem várias novidades”. Porém, a partir daí, nada mais o aluno consegue dizer. Apenas repete as mesmas informações da notícia, o que demonstra sua dificuldade em adequar em um novo cenário enunciativo o conteúdo de um texto ao outro.

Essa dificuldade é comum a grande parte dos alunos. Os exemplos (19) e (20) denunciam esse problema:

(19) Língua Portuguesa

A partir de terça-feira, a segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa de 2010 recebe inscrições, terça-feira 2 de março, na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. As adesões de secretarias de educação e inscrições de professores poderão ser feitas até 14 de maio pela internet. (TA2).

O aluno que produziu o texto (19), assim como o autor do texto (18), nada conseguiu dizer fora daquilo que constava na notícia. É importante destacar que não constam sequer marcas de sua inscrição no texto como autor, ou seja, como aquele “EU” que convida alguém, “TU”, a fazer parte do concurso, não havendo, conseqüentemente, a reciprocidade dialógica referida por Benveniste (1995) e por Bakhtin (2002). Ao considerarmos os pronomes pessoais como um ponto essencial revelador “da subjetividade da língua” (BENVENISTE, 1995), percebemos que a ausência dessa classe de palavras no texto do aluno, de certa forma, enfraquece a persuasão e a interação com os leitores.

Possenti (2009, p. 110) comenta que a questão da subjetividade é imprescindível na qualidade dos textos, conferindo a eles o que chama de indícios de autoria, que, para o autor, são marcas que só são possíveis por meio “da ordem do discurso”, ou seja, da imersão real do sujeito nas práticas textual-discursivas do cotidiano. A inscrição de que falamos podemos vislumbrar, em parte, no texto (20):

(20) Importante

A segunda edição da olimpíada da língua portuguesa de 2010. Quem participa entre 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental e 1º, 2º, 3º anos do ensino médio. Os alunos do 6º ano participam [com o gênero] “Poema”. Eu gostei, teve numa hora que eu não queria fazer, mas quando eu soube que era importante, eu me interessei fazer a segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa. (TA4).

No texto (20), encontramos o produtor se colocando como sujeito do processo. O emprego do pronome pessoal, mais os verbos na primeira pessoa mostram que ele, o sujeito, se inscreve no ato enunciativo (BENVENISTE, 1989, 1995), embora ainda revele alguma dificuldade de estruturação no novo texto. No que concerne à invocação à audiência, o aluno só o faz de modo indireto, apresentando um testemunho pessoal.

Os textos analisados acima constituem uma parte do total de 27% que não invocaram a audiência, pelo menos não do modo esperado. De modo geral, eles se mostraram praticamente como meros repetidores das informações da notícia. Por não adequarem seu discurso ao novo contexto enunciativo, os alunos se mostraram como redatores pouco proficientes, ao não se colocarem como leitores de seu próprio texto (COSTA, 2000). Podemos supor que o costume corriqueiro de exercício/tarefa escolar, tão presente em nossas salas de aulas, tenha influenciado os alunos a não encarar a produção do texto como algo situado, como algo que realmente pode interferir na sua vida e na das pessoas ao seu redor.

Na seção a seguir, discutiremos os textos que invocaram a audiência, verificando se em todos os casos ocorreu a mudança de campo dêitica esperada.

3.1.2 Textos com invocação da audiência

A audiência invocada nos anúncios diz respeito ao interlocutor, ao “você” do texto que foi expresso através de um vocativo. Dessa forma, o leitor foi estimulado a se identificar com o aluno especificado no anúncio.

Ao invocar, nos textos, diretamente a atenção do interlocutor por meio de um vocativo, os alunos buscaram, mais explicitamente, provocar em seus leitores um efeito perlocucionário⁴³, na medida em que chamaram de imediato a atenção de um público específico, como vemos no exemplo (21):

(21) Vamos brincar com a língua portuguesa

Esse título foi criado para que você venha brincar com as palavras, você terá que construir vários textos: crônicas, poemas, memórias. Cada um destas séries 5^a, 6^a, 7^a, 8^a, 9^a. Uma dessas pessoas será escolhida para as etapas escolares, municipais,

⁴³ O ato perlocucionário, conforme a Teoria dos Atos de Fala, proposto por Austin (1990), consiste no efeito que o discurso provoca sobre o interlocutor.

estaduais. Você terá que passar por todas as etapas. Será selecionado um semifinalista, um desses finalistas poderá ser você. Você [poderá] ganhar um microcomputador e uma impressora.

Se você quer participar, venha logo porque a próxima será só em 2011. Venha participar. Vamos brincar com a língua portuguesa. Venha logo, [a Olimpíada de Língua Portuguesa] está esperando você. (TA13)

Ao usar sete vezes o dêitico pessoal “você”, o produtor do texto demonstra ter uma grande preocupação em marcar bem a sua audiência⁴⁴. Essa marca faz que haja uma maior interação entre autor-texto-leitor (KOCH; ELIAS, 2006), na medida em que este último é invocado com bastante frequência em razão da função retórica do texto: levá-lo a participar do certame. Essa repetição do pronome de 2ª pessoa, de acordo com Biber (1989), é própria de textos que apresentam um alto grau de interatividade entre os interlocutores. Também percebemos, nesse texto, a habilidade que o autor teve em compreender o texto fonte, assim como a competência de transpor essas informações, mobilizando as perspectivas dêiticas pessoal, temporal e espacial, adaptadas à nova cena enunciativa.

Com relação ao dêitico pessoal, nesse texto, já vimos que o aluno invoca logo no título o seu interlocutor através do pronome pessoal “você”: “Esse título foi criado para que *você* venha brincar com as palavras”. No que diz respeito à dêixis temporal e à dêixis espacial⁴⁵, o aluno se mostra preocupado em situar o evento comunicativo direcionando seu leitor à escola⁴⁶ que é o espaço por eles compartilhado socialmente: “Se você quer participar, venha logo porque a próxima será só em 2011”.

Entretanto, percebemos que nem sempre a invocação ao interlocutor coincidiu com a competência na retextualização do texto e na habilidade em manipular adequadamente as coordenadas dêiticas temporais e espaciais. No exemplo (22), embora tenha evocado a audiência - neste caso, os “Alunos” - o produtor do texto não retextualizou as informações da notícia.

(22) Olimpíadas de Língua Portuguesa

Alunos, a partir desta terça-feira (2) o concurso será lançado na terça-feira, 2 de março. A pasta espera receber inscrições de 9 milhões de alunos e 300 mil

⁴⁴ A nosso ver, essa excessiva repetição da audiência causa problemas em termos estilísticos e normativos ao texto.

⁴⁵ Trataremos dos dêiticos temporais e espaciais numa seção específica logo a seguir.

⁴⁶ Consideramos que o espaço escolar está implicado no verbo diretivo “ir” pelo fato de os alunos compartilharem o mesmo campo social de que o campo dêitico faz parte (HANKS, 2008).

professores. A expectativa é que 80 mil escolas participem. É necessário que as redes de ensino façam sua adesão ao concurso. (TA40).

A mera repetição, isto é, a transcrição literal de boa parte das informações da notícia, como o dado “desta terça-feira (2)”, aponta não só para a não adequação da coordenada dêitica temporal, mas também para a não atenção à nova cena enunciativa.

De modo geral, a invocação direta ao leitor prevaleceu na maioria dos textos. Pudemos constatar isso com a marcação da mudança dêitica em 73% dos textos. Essa constatação nos indica que muitos alunos atentaram para a readequação das perspectivas dêiticas na nova cena enunciativa criada.

3.1.3 A autorreferência do redator

Assim como em Hosenfeld, Duchan e Higginbothan (1995), encontramos nos textos dos alunos uma especificidade no que tange à referência dêitica às pessoas da audiência. Algo interessante foi a maneira variada como os alunos se referiam a si mesmos, ou seja, como eles se identificaram nos textos. Basicamente, os alunos se valeram de duas formas: eu e nós, como podemos ver em (23) e em (24).

- (23) Como fazer para que outras pessoas participem
A Olimpíada de Português é um tipo de olimpíada que fica em primeiro e segundo e terceiro ganha prêmios, mas muitos. O Ministério da Educação quer pelo menos 9 milhões de alunos e 300 mil professores participem. Se você participar, *igual eu*, você tem chance de ganhar prêmios, mas todas as crianças, crianças ou pré-adolescentes só pode participar quem estiver estudando nas seguintes séries: 5^a, 6^a, 7^a, 8^a, 9^a do ensino fundamental e 1^a, 2^a, 3^a do ensino médio. Mas para cada um tem seu tema tipo 5^o e 6^o anos participam do gênero “poema”; 7^o e 8^o anos desenvolve textos do gênero memória “memórias”; e os de 2^o e 3^o anos do ensino médio trabalha com o gênero “artigo de opinião”. Mas foi criado o gênero “crônica” para alunos do 9^o ano do ensino fundamental e do

No texto acima, o autor situa o leitor como “você”, “Se você participar igual eu, você tem chance de ganhar”. Seu recurso persuasivo consiste em se mostrar como participante do concurso (faça “igual eu”), para que o leitor saiba que ele também está envolvido no processo; essa seria, assim, uma forma de conquistá-lo. Vale observar que o uso de “eu” em lugar de “mim” confere à expressão em foco um caráter mais coloquial. Isso parece intensificar a aproximação pretendida, na medida em que corresponde à fala natural do autor, ao uso do seu

dialeto⁴⁷. Como já falamos, podemos associar essa forma ao caráter de envolvimento, que, de acordo com Biber (1989), é próprio dos gêneros que demandam maior interatividade entre os interlocutores, como seria o caso do tipo de anúncio que foi solicitado que os alunos produzissem.

No texto (24), a audiência está implicada na desinência verbal “Venha” (Você) e “Vamos” (Nós). Para incentivar seu leitor a vir participar do concurso, o autor se coloca como participante da olimpíada no final do texto, conforme também indica a desinência verbal em “Vamos participar!”:

(24)

O anúncio

Venha, venha, alunos, vamos participar da Olimpíada da Língua Portuguesa. O tema para todas as categorias é “O lugar onde vivo”.

Participa os alunos do 5º, 6º, 7º, e 8º anos. Os alunos serão premiados com medalhas, livros, aparelhos de som e microcomputadores e impressoras.

Vamos participar alunos e professores.

Vamos participar!

FIM... (TA34)

Agora vejamos no exemplo (25) que o aluno inicia sua “conversa” com o leitor estabelecendo uma interação por meio da interjeição “Oi”. Em seguida, se identifica e se mostra como alguém que já participou do certame (embora ainda não o tenha feito⁴⁸) e, após isso, convoca o leitor também a participar da Olimpíada de Língua Portuguesa: “Agora chegou a sua vez, participe conosco. Venha participar...”. Nesse texto, os dêiticos estão presentes de forma indireta, o pronome possessivo “sua” se referindo ao interlocutor e a desinência do verbo no modo imperativo na 3ª pessoa do singular, acusam a presença do dêitico “você”.

(25)

Recadinho legal

Oi, meu nome é X, eu participei da O.L.P.

Agora chegou sua vez, participe conosco. Venha concorrer vários presentes com O.L.P. Ok. Valeu pela sua atenção. (TA37);

⁴⁷ A nosso ver, o uso do dialeto é um aspecto importante para denotar envolvimento, uma das características própria dos textos marcadamente interativos.

⁴⁸ Isso parece demonstrar que o autor se distingue conscientemente do enunciador, manipulando as escolhas lexicais a serviço do propósito comunicativo. Consideramos, assim, esse uso parte de uma estratégia retórica bastante desenvolvida.

Um dos casos mais interessantes por nós analisado é o do texto que constitui o exemplo (26):

(26)

IMPORTANTE

Caros alunos dos anos escolares 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos. Está começando mais uma edição da Olimpíada da Língua Portuguesa e eu e o Ministério da Educação esperamos que todos vocês participem dessa olimpíada. As inscrições começaram no dia 02 de março e irão até o dia 14 de maio. As inscrições poderão ser feitas também pela internet. Nós iremos passar por 5 etapas que serão: escolares, municipais, estaduais e regionais e a última etapa que será a etapa nacional. Serão selecionados 500 textos semifinalistas na etapa estadual, 152 na regional e 20 na nacional. Serão premiados alunos e professores.

Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalha e livros, os 152 escolhidos na fase regional receberão medalhas e aparelhos de som e os 20 vencedores na fase nacional receberão medalhas microcomputadores e impressoras.

Obrigada pela sua atenção! (TA1).

A fim de persuadir o leitor e, conseqüentemente, motivá-lo a fazer parte da olimpíada, o escritor do texto marca a audiência com as expressões “Caros amigos” e com o dêitico “você”. Ele se coloca não só como participante da OLP, mas também como se fosse responsável pela realização do evento. É o que constatamos com a seguinte informação “eu e o Ministério da Educação esperamos que todos vocês participem”. Logo em seguida, já se coloca no processo ao marcar sua identidade com o “nós”.

A marcação da identidade do produtor por meio dos pronomes de primeira pessoa “eu” e “nós”, além de indicar mudança dêitica, revela a atenção dada pelos redatores em fugir da mera exposição das informações para uma atitude mais interativa, na busca de persuadir e envolver o leitor.

3.1.4 A referência ao leitor

Algo que nos chamou bastante atenção, no que tange à referência à audiência, foram as várias expressões referenciais que os produtores usaram para identificar o leitor. Convém lembrar que Carol Hosenfeld, Judith Duchan e Jeffery Higginbothan (1995), autores que inspiraram esta pesquisa, consideram a forma de identificação da audiência como uma importante categoria na marcação do propósito persuasivo dos textos. Sobre essa questão, observemos os exemplos (27) a (30):

(27)

Você está sendo convidado a participar da Olimpíada da Língua Portuguesa. (TA51);

- (28) *Caros alunos*, venham participar da O.L.P (Olimpíada da Língua Portuguesa. (TA50);
- (29) *Você, é você* mesmo do 6º, 7º, 8º anos. (TA24);
- (30) A expectativa é que 80 mil escolas participem. Então *participe*. (TA39).

Como vimos acima, os alunos invocaram a audiência de forma bem variada. Identificamos, nessa função, quatro tipos de expressões referenciais: a primeira delas foi o uso do pronome pessoal (Você), um termo de natureza dêitica; a segunda foi a expressão identificadora dos alunos da escola (Caros alunos, galera, dentre outros) mais a referência mista de pronome pessoal seguido de um especificador; a terceira, finalmente, foi a desinência verbal referindo-se ao aluno-leitor (“Venha, participe!”). Vejamos os exemplos (31) a (34), que reforçam o que afirmamos:

- (31) Eu vou fazer um anuncio para *você* conhecer a Olimpíadas da Língua Portuguesa de 2010. (TA26);
- (32) Olá, *alunos do 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos*, venham participar da Olimpíada da Língua Portuguesa. (TA19);
- (33) A olimpíada da língua portuguesa chama *vocês alunos da 5ª, 6ª e 7ª séries do ensino fundamental*, para participar da 2ª edição da olimpíada da língua portuguesa. (TA47);
- (34) Agora chegou sua vez, *participe* conosco. (TA37);

Com relação ao dêitico “você”, os alunos o empregaram com bastante frequência, talvez por ser este um indicador de audiência “mais familiar e direto”, como dizem os autores Hosenfeld, Duchan e Higginbothan (1995, p. 414). Em nossa contagem, o dêitico pessoal “você(s)” teve o maior número de ocorrências na invocação direta da audiência: foi usado em 21 dos 34 textos. Podemos observar esse uso nos exemplos (35) a (37):

- (35) Eu vou fazer um anuncio para *você* conhecer a Olimpíadas da Língua Portuguesa de 2010. (TA26);
- (36) *Você* está sendo convidado(a) para a segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa. (TA 49);
- (37) *Você* está sendo convidado a participar da Olimpíada da Língua Portuguesa. (TA50).

Em alguns casos o dêitico “você” apareceu não no início, mas no meio ou no final, retomando a expressão invocada inicialmente, o que mostramos com os exemplos (38) a (40):

- (38) *Caros alunos dos anos escolares 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos.* Está começando mais uma edição da Olimpíada da Língua Portuguesa e eu e o Ministério da Educação esperamos que todos *vocês* participem dessa olimpíada. (TA1);
- (39) *Olá, alunos do 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos,* venham participar da Olimpíada da Língua Portuguesa. Como é o concurso. Serão selecionados 500 textos semifinalistas na etapa estadual, 152 na regional e 20 na estadual. [...] Podem participar professores e alunos. Venha participar da Olimpíada de Língua Portuguesa. *Você* poderá ganhar muitos prêmios legais. (TA19);
- (40) *Caros alunos,* venham participar da O.L.P (Olimpíada da Língua Portuguesa). Estamos chamando vocês pra participar. Essa olimpíada só acontece de dois em dois anos. Venham caros alunos, Poderá participar somente alunos do 6º, 7º, 8º [anos]. *Você* pode ganhar prêmios, livros, computadores, impressoras e aparelhos de som. Venham conosco, caros alunos. (TA50).

O segundo tipo constatado - expressões nominais utilizadas pelos alunos para invocarem os leitores a participarem da olimpíada - ocorreu com bastante frequência, perdendo apenas na contagem para a forma dêitica “você” e perfazendo um total de 25 tipos de expressões referencias, conforme mostram os exemplos (41) a (48):

- (41) *Alunos de todo Brasil,* a partir desta terça-feira (2) o concurso será lançado na Academia Brasileira de Letras. (TA10);
- (42) *Atenção, professores e alunos do Colégio Ademar Nunes Batista,* que estamos fazendo o concurso de olimpíada da língua portuguesa. (TA23);
- (43) *Estamos convidando a todos do 6º, 7º, 8º* para participarem da O.L.P. (TA41);
- (44) *Alunos dos 6º, 7º, 8º,* participem da olimpíada de língua portuguesa. (TA48).
- (45) *Atenção, atenção. Você, é você mesmo do 6º, 7º, 8º anos.* Você sabia que na sua escola está tendo a O. L. P? (TA32);
- (46) *Ei, você. Você mesmo aluno do 6º, 7º e 8º anos.* (TA30);
- (47) *Você, aluno do 6º, 7º, 8º,* participem da segunda edição da olimpíada da língua portuguesa de 2010. (TA46);
- (48) *A olimpíada da língua portuguesa chama vocês, alunos da 5ª, 6ª e 7ª séries do ensino fundamental,* para participar da 2ª edição da olimpíada da língua portuguesa. (TA47).

O problema identificado por nós nessas especificações feitas pelos alunos em seus textos foi que elas não contemplaram todas as séries escolares participantes do concurso, apenas se referindo de modo geral ao aluno com a segunda pessoa “você”. Todavia, é importante ressaltar que a ausência de menção às séries pode estar associada à preocupação dos redatores em interagir com o leitor, recorrendo, em muitos casos, à repetição não-gratuita, mas estilístico/retórica para enfatizar o seu propósito comunicativo de persuasão. É válido voltar a lembrar que isso estaria em consonância com a constatação de Biber (1989) de que alguns gêneros textuais que provocam nos interlocutores um alto grau de envolvimento apresentam

em suas características formais o uso frequente do pronome de primeira e segunda pessoas (tu/você).

Por último, encontramos em seis textos a identificação da audiência apenas por meio da desinência verbal. Não houve a presença explícita do vocativo, mas este se faz presente de modo implícito, por meio das desinências verbais, como podemos observar nos exemplos (49), (50) e (51). Nesses textos, há um “você” implicado na desinência verbal. O verbo no imperativo acusa essa invocação que o enunciador faz ao seu interlocutor, como vemos nos exemplos a seguir:

- (49) A segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa já começou, a partir desta terça-feira, as inscrições já estão abertas, então, não *perca* seu tempo e *se escreva*, a expectativa é que 80 mil participem. (TA16);
- (50) A expectativa é que 80 mil escolas participem. Então participe. Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros; os 152 finalista medalhas e aparelhos de som. Os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras. *Se inscrevam*. (TA25);
- (51) Agora chegou sua vez, *participe conosco*. *Venha* concorrer vários presentes com O.L.P. Ok. Valeu pela sua atenção. (TA37).

Podemos sintetizar o que acabamos de ver, nos dados acima, dizendo que a referência ao leitor do texto, por meio de quatro maneiras de expressões referencias, revela que os redatores atentaram para a marcação dêitica pessoal, uma vez que buscaram invocar o público-alvo.

Vejamos, no quadro abaixo, como ficaram distribuídos os dados encontrados por nós nos textos dos alunos.

Invocação da Audiência		
Invocação da audiência por meio do pronome pessoal “Você”: <i>21 ocorrências</i>	Invocação da audiência por meio de uma expressão: <i>25 ocorrências</i>	Invocação da audiência por meio de uma desinência verbal: <i>6 ocorrências</i>
1. TA1. Vocês 2. TA13. Você 3. TA15. Vocês 4. TA17. Você	1. TA1. Caros alunos dos anos escolares 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos. 2. TA10. Alunos de todo Brasil/Alunos	1. TA3. “Vamos brincar como entrevista”; 2. TA6. “Vamos brincar com as letras”; 3. TA16. “não perca seu

5. TA19. Você	3. TA15. Caros alunos	tempo e se inscreva”;
6. TA26. Você	4. TA19. Alunos do 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos	4. TA25. “Então participe”;
7. TA28. Vocês	5. TA23. Professores e alunos do Colégio Ademar Nunes Batista	5. TA27 “Venha participar da OLP”.
8. TA29. Você	6. TA24. Galera	6. TA37. “participe conosco”.
9. TA30. Você	7. TA28. Vocês do 6º, 7º, 8º	
10. TA32. Você	8. TA30. Você mesmo aluno do 6º, 7º e 8º anos	
11. TA38. Você	9. TA31. Alunos do Ademar Batista	
12. TA39. Você	10. TA32. Você mesmo aluno do 6º, 7º e 8º anos.	
13. TA42. Vocês	11. TA34. Alunos	
14. TA43. Vocês	12. TA35. Alunos das séries 6º, 7º, 8º da Escola Nunes Batista	
15. TA44. Você	13. TA36. Alunos do Colégio Ademar Nunes Batista do 6º, 7º, 8º anos.	
16. TA46. Você	14. TA39. Alunos de todos os colégios e das escolas públicas	
17. TA47. Vocês	15. TA40. Alunos	
18. TA48. Vocês	16. TA41. Todos do 6º, 7º, 8º	
19. TA49. Você	17. TA42. Gente	
20. TA50. Você	18. TA43. Vocês alunos do 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos	
21. TA51. Você	19. TA45. Alunos do 5º, 6º, 7º, 8º do ensino fundamental	
	20. TA46. Você aluno do 6º, 7º, 8º	
	21. TA47. Vocês alunos da 5ª, 6ª e 7ª séries do ensino fundamental	
	22. TA48. Alunos do 6º, 7º, 8º	

	23. TA50. Caros alunos	
	24. TA51. Alunos e alunas de (5º, 6º, 7º e 8º)	

Quadro 1: Invocação da audiência

Percebemos que a ocorrência de termos e expressões para referir a audiência foi elevada. Isso nos mostra que, de alguma maneira, os alunos tiveram o cuidado de se voltar para o leitor na tentativa de estabelecer um diálogo, uma interação. O mesmo não aconteceu na pesquisa de Hosenfeld, Duchan e Higginbothan (1995). Nesse trabalho, os autores atestam que talvez por estarem escrevendo numa segunda língua, os sujeitos da pesquisa não conseguiram manipular com eficiência as coordenadas dêiticas, fazendo-se necessário o trabalho específico voltado para a dêixis em textos persuasivos.

Ainda que os alunos tenham invocado a audiência, em nossa pesquisa, constatamos que a referência a ela ocorreu muitas vezes de modo difuso e impreciso. Essa discussão será desenvolvida nas subseções a seguir.

3.1.5 Especificação/Não Especificação da audiência

Nossa investigação se voltou até aqui para o modo como a audiência foi invocada, referida pelos alunos em seus anúncios. Passamos agora a analisar um aspecto importante relacionado à audiência nos textos, que diz respeito ao nível de precisão/imprecisão da identidade do interlocutor, que seria expresso pelo grau de especificação da referência.

Vimos que a maior parte dos alunos atentou para a invocação do seu interlocutor no anúncio que produziu; entretanto, nem sempre essa invocação foi acompanhada pela especificação da audiência. É importante lembrar que pedimos aos alunos do 6º ano do ensino fundamental para escreverem um texto direcionado não só aos colegas da sua escola, mas aos de uma outra que também deveriam ser motivados a participar do certame, com o intuito de motivá-los, convocá-los a participar da Olimpíada de Língua Portuguesa.

Na notícia, constava que alunos dos anos escolares 5º, 6º, 7º, 8º, 9º do ensino fundamental e 1º, 2º e 3º anos do ensino médio poderiam participar da olimpíada. Era informado também que, para cada dois anos escolares havia um gênero a ser produzido como

condição para concorrer aos prêmios (5º e 6º anos: poema; 7º e 8º anos: memórias; 9º e 1º anos: crônica; 2º e 3º anos: artigo de opinião). Essa distribuição dos gêneros pelas respectivas séries foi uma informação à qual os alunos aparentemente não dispensaram muita atenção. Conforme mostra o quadro a seguir, em apenas 9 dos 51 textos analisados ela aparece de forma completa.

Para termos uma noção geral da especificação/não especificação da audiência, decidimos investigar esse problema não somente nos textos que invocaram diretamente a audiência, mas também naqueles cuja audiência foi invocada de forma indireta. Computamos no quadro abaixo os resultados, distribuindo os textos em três colunas, considerando primeiro a presença/ausência de menção às séries; segundo, a especificação do que cada ano escolar faria; e, terceiro, a identificação adequada da audiência.

Textos	Especificação das séries escolares	Especificação do que cada série faria na OLP	Identificação adequada da audiência
TA 1	Em parte	Não	Sim
TA 2	Sem referência	Sem referência	Sem referência
TA 3	Sim	Sim	Sim
TA 4	Sim	Não	Sim
TA 5	Em parte	Não	Sim
TA 6	Sem referência	Sem referência	Sem referência
TA 7	Sim	Não	Sim
TA 8	Em parte	Em parte	Sim
TA 9	Sem referência	Sem referência	Sem referência
TA 10	Em parte	Não	Sim
TA 11	Em parte	Não	Sim
TA 12	Sem referência	Sem referência	Sem referência
TA 13	Em parte	Não	Sim
TA 14	Não	Não	Sim
TA 15	Em parte	Em parte	Sim
TA 16	Em parte	Em parte	Sim
TA 17	Sim	Sim	Sim
TA 18	Sim	Não	Sim
TA 19	Em parte	Em parte	Sim
TA 20	Sim	Em parte	Sim
TA 21	Sim	Não	Sim
TA 22	Sim	Não	Sim
TA 23	Não	Não	Não
TA 24	Não	Não	Sim
TA 25	Não	Não	Sim
TA 26	Sim	Não	Sim
TA 27	Em parte	Não	Sim
TA 28	Em parte	Não	Sim
TA 29	Em parte	Não	Sim
TA 30	Em parte	Em parte	Sim
TA 31	Em parte	Não	Não
TA 32	Em parte	Não	Sim
TA 33	Em parte	Não	Sim
TA 34	Em parte	Não	Sim
TA 35	Em parte	Não	Não
TA 36	Em parte	Não	Não
TA 37	Não	Não	Sim
TA 38	Em parte	Não	Sim
TA 39	Em parte	Não	Sim
TA 40	Não	Não	Sim
TA 41	Em parte	Não	Sim
TA 42	Em parte	Não	Sim
TA 43	Em parte	Não	Sim
TA 44	Não	Não	Sim
TA 45	Em parte	Não	Sim
TA 46	Em parte	Não	Sim
TA 47	Em parte	Em parte	Sim
TA 48	Em parte	Não	Sim
TA 49	Em parte	Não	Sim
TA 50	Em parte	Não	Sim
TA 51	Em parte	Não	Sim

Quadro 1: Especificação/Não especificação da audiência

3.1.5.1 Especificação das séries escolares

Com relação aos alunos que fizeram referência às séries escolares em seus textos, constatamos que a maior parte não se preocupou em mencionar todas as séries por completo, totalizando 31 textos (61%) os que fizeram *referência em parte*. A nosso ver, eles demonstraram mais preocupação em interagir e persuadir o aluno-leitor a tomar parte do certame, invocando diretamente a audiência. Além dessa ideia, buscou também apresentar o processo da olimpíada e as vantagens que havia em participar do certame ao invés de especificar o que cada série iria fazer. Os exemplos (52) e (53) ilustram bem o que dizemos:

(52)

IMPORTANTE

Caros alunos dos anos escolares 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos. Está começando mais uma edição da Olimpíada da Língua Portuguesa e eu e o Ministério da Educação esperamos que todos vocês participem dessa olimpíada. As inscrições começaram no dia 02 de março e irão até o dia 14 de maio. As inscrições poderão ser feitas também pela internet. Nós iremos passar por 5 etapas que serão: escolares, municipais, estaduais e regionais e a última etapa que será a etapa nacional. Serão selecionados 500 textos semifinalistas na etapa estadual, 152 na regional e 20 na nacional. Serão premiados alunos e professores.

Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalha e livros, os 152 escolhidos na fase regional receberão medalhas e aparelhos de som e os 20 vencedores na fase nacional receberão medalhas microcomputadores e impressoras.

Obrigada pela sua atenção! (TA1)

(53)

Olimpíada da língua portuguesa

Você está sendo convidado(a) para a segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa. Todos os professores e alunos(as) das escolas públicas poderão participar, mas só quem quer. Pode participar são os *alunos do 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos* e os professores. Os 500 melhores textos que serão escolhidos ganharão prêmios como: medalhas e livros; os 152 ganhadores e finalistas ganharão: medalhas e aparelhos de som; os 20 vencedores ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras.

Não deixe de participar, aproveite essa oportunidade!!! (TA49).

Considerando que a escola pesquisada tem como público-alvo somente os alunos dos ensinos fundamental I e II, presumimos que, por causa desse fator, é que os alunos não fizeram referência a todas as séries elencadas na notícia. Além disso, retomando o que já dissemos apoiado em Biber (1989), entendemos que a interação requerida pelo gênero textual anúncio exige um maior envolvimento entre os interlocutores, deixando para segundo plano conteúdos que seriam mais próprios de um texto com função informativa, no caso, a especificação a todas as séries contempladas no concurso.

Algo observado por nós nos textos é que dos 9 (18%) que *identificaram todas as séries* contempladas no concurso, 7 não invocaram a audiência; apenas reproduziram boa parte das informações da notícia. Isso indica, a nosso ver, que essa menção completa às séries poderia estar relacionada à não efetividade da transformação textual (retextualização), ou seja, os alunos não tiveram o trabalho cognitivo de organizar informações da notícia para adequá-las ao novo contexto, e por isso, não houve mudança dêitica, só aconteceu a reprodução dos dados de um texto no outro. É o que vemos nos textos abaixo:

(54) A olimpíada da Língua Portuguesa

A Olimpíada de Língua Portuguesa recebe inscrições a partir desta terça-feira, dia 02 de março, na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. Podendo participar professores e alunos dos seguintes *anos escolares: 5º, 6º, 7º, 8º, 9º do ensino fundamental e 1º, 2º, 3º ano do ensino médio*. Os alunos e professores participarão das etapas escolares, municipais, estaduais, regionais e nacionais. Mas adesões de secretarias de educação e inscrições de professores poderão ser feitas até 14 de maio pela internet. Nesta etapa estadual, neste ano foi criado o gênero “Crônica” para estudantes do 9º ano do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio. (TA20);

(55) Sobre a olimpíada

Eu li o anúncio e achei muito interessante a olimpíada da língua portuguesa. [Ela] inclui várias séries como: *5º, 6º, 7º, 8º e 9º do ensino fundamental e o 1º, 2º, 3º do ensino médio*. Dos 500 textos escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros; dos 152 escolhidos ganharão medalhas e aparelhos de som. E os 20 vencedores da etapa nacional ganharão microcomputadores e impressoras, e o melhor, o concurso acontece em dois em dois anos. (TA22).

Quanto aos textos que *não fizerem referência* às séries escolares, que somam um total de 7 textos (14%), eles se apresentaram em sua maioria generalizando a audiência, como é o caso dos exemplos (56) e (57):

(56) Olimpíadas de Língua Portuguesa.

Alunos, a partir desta terça-feira (2) o concurso será lançado na terça-feira, 2 de março. A pasta espera receber inscrições de 9 milhões de alunos e 300 mil professores. A expectativa é que 80 mil escolas participem. É necessário que as redes de ensino façam sua adesão ao concurso. (TA40);

(57) Vem, vem participar da Olimpíada da língua portuguesa

Venham, é até o dia 16 de maio, os que participarem vão ganhar medalhas e livros, e os 152 [finalistas] vão ganhar medalhas e aparelhos de som para vocês escutarem suas músicas preferidas e os vinte [finalistas] ganharão medalhas e microcomputadores. Vai ser muito legal e, ainda mais, você vai aprender mais e fazer poema e aí você não errará mais os seus poemas. *Vem* participar dessa segunda olimpíada da língua portuguesa e com seu microcomputador e participar mais e mais e aí você terá mais vontade de participar. *Vem, vem*. (TA44).

Neste último exemplo, ocorre uma pequena confusão com o emprego dos verbos. Percebemos que a referência generalizada aos alunos está implicada nas desinências do verbo “Venham”, porém, no decorrer do texto, o uso do verbo “Vem” no singular, aponta, de modo contrário o que foi dito antes, que essa ideia de pluralidade não evolui para uma menção às diversas séries. Pensamos que essa forma de referência, por ser implícita, torna-se vaga e, por isso, dificulta para o leitor a identificação do referente.

3.1.5.2 Especificação dada a cada série escolar

Entre os textos que mencionaram as séries escolares, achamos também importante para a efetividade da persuasão o grau de especificação expresso pelas formas linguísticas usadas nessas menções.

Dos 51 textos, 38 (75%) não fizeram especificação ao que cada série escolar iria fazer no certame. Os redatores utilizaram com mais frequência duas estratégias para persuadir quem ia ler os textos: uma delas foi a referência a quem poderia participar, no caso os alunos; e outra foi mostrar as vantagens que havia em fazer parte do concurso. É o que podemos perceber nos exemplos (58) e (59):

(58) VAMOS BRINCAR DE “POEMAS”

Caros alunos, estamos fazendo esse anúncio para vocês sobre a Olimpíada de Língua Portuguesa. Os alunos de 5º e 6º anos participarão do gênero “Poema”; os alunos do 7º e 8º do gênero “Memórias”. Os 500 escolhidos receberão medalhas e livros. (TA15);

(59) Recadinho legal

Oi, meu nome é X, eu participei da O.L.P.

Agora chegou sua vez, participe conosco. Venha concorrer vários presentes com O.L.P. Ok. Valeu pela sua atenção. (TA37).

Com relação aos textos que *especificaram completamente a audiência*, isto é, precisaram o que cada série escolar faria no certame, encontramos a ocorrência de apenas 2 textos (4%). Desses dois textos, num deles a audiência foi invocada (60) e noutro não (61), como podemos ver nos textos logo abaixo:

(60) Como fazer para que outras pessoas participem

A Olimpíada de Português é um tipo de olimpíada que fica em primeiro e segundo e terceiro ganha prêmios, mas muitos. O Ministério da Educação quer pelo menos 9 milhões de alunos e 300 mil professores participem. Se você participar, igual

eu, você tem chance de ganhar prêmios, mas todas as crianças, crianças ou pré-adolescentes só pode participar quem estiver estudando nas seguintes séries: 5ª, 6ª, 7ª, 8ª, 9ª do ensino fundamental e 1ª, 2ª, 3ª do ensino médio. Mas para cada um tem seu tema tipo 5º e 6º anos participam do gênero “poema”; 7º e 8º anos desenvolve textos do gênero memória “memórias”; e os de 2º e 3º anos do ensino médio trabalha com o gênero “artigo de opinião”. Mas foi criado o gênero “crônica” para alunos do 9º ano do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio. Se você ganhar, você [receberá] medalhas, livros, aparelhos de som, microcomputadores e impressoras. O concurso acontece a cada dois anos e a primeira edição realizada em 2008, teve a participação de 6 mil alunos. Participe também, faça igual eu.

(61) Vamos brincar como entrevista

A Olimpíada de Língua Portuguesa tem várias novidades. A pasta espera receber inscrições de 9 mil alunos e de 300 mil professores. A expectativa é que 80 mil escolas participem. Alunos e professores participarão de todas as etapas escolares, municipais, estaduais e regionais e da nacional. Neste ano foi criado o gênero “Crônica” para os estudantes do 9º ano do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio, os alunos de 5º e 6º anos participam no gênero “Poema”. Os [alunos] de 7º e 8º anos desenvolvem texto de gênero “Memórias”, e os [alunos] de 2º a 3º anos do ensino médio trabalham com o gênero “Artigo de Opinião”.

No texto (61), percebemos que o aluno não consegue se desprender do texto base para assumir uma nova postura de enunciador, que agora convida/chama alguém a participar. Consequentemente, a repetição dos dados da notícia acaba sendo a única saída que lhe resta para “escrever” o texto.

Os textos que apresentam *especificação em parte* do que cada série escolar somaram 7 (14%), 5 dos quais a audiência foi invocada, como é o caso do exemplo (62) e (63):

(62) Ei, você é um poeta!

Ei, *você*

Você mesmo aluno do 6º, 7º e 8º anos

Você do 6º ano, participa do gênero “poema”.

Já você do 7º e 8º, você vai fazer um texto com o gênero “memórias”.

O concurso é escolar, municipal, estadual, regional e nacional.

Se você for um dos 500 finalistas da regional, você ganha um prêmio que é medalhas e livros.

Se você passar da 1ª fase, que é regional, já a 2ª fase ganha um prêmio que é medalhas e aparelhos de som.

Se você passar para a 3ª, que é nacional, você ganha um prêmio que é medalhas, computador e impressoras. (TA30).

(63) Olimpíada da Língua Portuguesa

A olimpíada da língua portuguesa chama *vocês alunos* da 5ª, 6ª e 7ª séries do ensino fundamental, para participar da 2ª edição da olimpíada da língua portuguesa.

Os alunos do 5º e 6º anos participam do gênero “poema”; os de 7º e 8º anos desenvolvem textos do gênero “memórias”.

Serão selecionados 500 textos semifinalista na etapa estadual, 152 na regional e 20 na nacional. Estudantes e professores serão premiados.

Os 500 escolhidos na fase estadual receberam medalhas e livros, os 152 finalistas medalhas e aparelhos de som. Os 20 vencedores da etapa nacional ganharam medalhas, microcomputadores e impressoras. (TA47).

Observando os textos acima, percebemos que, embora não mencione todas as séries, os redatores invocam diretamente a audiência, através do dêitico pessoal “você”, mostrando-se também preocupados em informar o que as séries iriam passar no certame.

3.1.5.3 Identificação equivocada da audiência

Consideramos como identificação equivocada da audiência aqueles textos cuja invocação não foi referida ao público-alvo definido por nós em sala, durante a aula. Conforme já dissemos, procuramos deixar bem claro aos redatores que o texto que eles iam produzir teria como audiência os alunos, e não os professores, embora na notícia houvesse a informação de que os professores também participariam do concurso. Outro dado importante dito por nós em sala foi que o texto seria veiculado não só na escola deles, mas também em outra. Vejamos os textos que se enquadram nessa categoria:

(64) Venha conferir

Atenção, *professores e alunos do Colégio A. N. B.*, que estamos fazendo o concurso de olimpíada da língua portuguesa. Alunos e professores [passarão por] etapas, municipais, estaduais e regionais e da nacional. Serão selecionados 500 textos semifinalista na etapa estadual, 152 na regional, estaduais e nacional e docentes e serão estadual premiados. Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e aparelhos de som. Os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas e microcomputadores e impressoras. (TA23).

No texto acima, vemos que a audiência é definida com a invocação a professores e alunos. Além disso, a audiência se torna ainda mais específica com a referência ao colégio de que os alunos fazem parte.

Nos três exemplos abaixo, vemos que os alunos marcam como audiência somente os alunos do colégio em que estudam, por consequência, acabam limitando a participação de todas as séries que deveriam estar envolvidas, restringindo a três anos escolares:

(65) O convite para OLP para os alunos do ANB

Alunos do A. N. B., eu estou fazendo um convite para OLP (Olimpíada da Língua Portuguesa) e para as séries (6º, 7º, 8º) para participar da OLP. O tema é “O lugar onde vivo”. Serão selecionados 500 textos para os semifinalistas. O campeão estadual ganhará medalhas e livros e o campeão nacional ganhará medalhas, microcomputadores. Venha participar das olimpíadas da Língua Portuguesa. (TA31);

(66) Compareçam a O. L. P

Alunos das series 6º, 7º, 8º anos da Escola N. B., que compareça à O. L. P: Olimpíada da Língua Portuguesa nesta terça-feira dia 02/04/2010.

Comparecer somente os alunos de 6º, 7º, 8º anos.

Os prêmios serão livros, medalhas e microcomputadores. (TA35);

(67) Compareça à Olimpíada da Língua Portuguesa

Alunos do Colégio A. N. B. do 6º, 7º, 8º anos, que comparecer à O.L.P: Olimpíada da Língua Portuguesa dia 02/04/2010.

Comparecer somente os alunos dos 6º, 7º e 8.

Vai ter uma premiação de vários prêmios, livros, medalhas, sons, microcomputadores. (TA36).

Supomos que, no ato da produção, os alunos esqueceram as orientações dadas que falavam que a veiculação dos textos não ocorreria somente na escola deles, mas também em outra. Isso, a nosso ver, prejudicou na definição da identidade do leitor, não a deixando clara.

3.2 A organização dêitica temporal

No que tange à dêixis temporal, selecionamos para analisar os textos cuja audiência foi invocada, pois nesses ficou mais evidente a atenção que os alunos dispensaram ao fenômeno da mudança das coordenadas dêiticas.

Nosso objetivo foi perceber de que modo a perspectiva dêitica temporal foi organizada pelos redatores com o fim de persuadir a audiência. Dividimos esta seção em duas partes para melhor explicitar como se deu esse fenômeno nos textos, investigando as semelhanças encontradas na configuração temporal dos textos e focando, em seguida, algumas especificidades no uso da dêixis de tempo.

3.2.1 Os dêiticos temporais nos textos dos alunos

Nossos alunos expressaram a relação temporal em seus textos empregando tempos verbais diversos, consoante suas intenções comunicativas. Os tempos verbais, segundo Levinson (2007, p. 94), são elementos essenciais à compreensão dos textos, porque “asseguram que quase todas as sentenças, quando enunciadas, estão deiticamente ancoradas a um contexto de enunciação”. Entre os textos analisados, verificamos que poucos foram os que apresentaram outros marcadores de tempo, como os advérbios. Os verbos prevaleceram no desempenho dessa função.

Em muitos casos, o tempo presente foi utilizado nos textos para apresentar o concurso, ou seja, situar o concurso para os leitores compreenderem o que passa. Vejamos alguns trechos nos anúncios:

(68) Caros alunos dos anos escolares 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos. *Está começando* mais uma edição da Olimpíada da Língua Portuguesa e eu e o Ministério da Educação *esperamos* que todos vocês participem dessa olimpíada. (TA1).

O emprego da locução verbal “está começando” marca a manipulação adequada da coordenada dêitica temporal. Nesse caso, como afirma Levinson (2007, p. 89), o centro dêitico foi projetado para a perspectiva do leitor, para “*o tempo de recebimento*” (grifos do autor).

Vemos que o aluno atualiza no tempo presente, em seu texto, o evento que na notícia ainda iria ocorrer, como podemos notar no seguinte trecho do texto fonte: “O concurso será lançado na terça-feira, 2 de março, na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro”. Com esse uso, ele demonstra competência retórica: na medida em que aproxima o evento no tempo, estabelece uma certa intimidade com o que é anunciado. Podemos concluir que o efeito discursivo da dêixis temporal tem, no caso, como fim, a persuasão do leitor, mostrando que está no momento certo de este fazer parte do concurso.

Os exemplos abaixo mostram também como os alunos se apropriaram do noticiário para construir seu texto, atualizando o tempo verbal para o momento da recepção (LEVINSON, 2007), tendo em mente o leitor do texto:

(69) Caros alunos, *estamos fazendo* esse anúncio para vocês sobre a Olimpíada de Língua Portuguesa. (TA15);

(70) Atenção, professores e alunos do Colégio A.N.B., que *estamos fazendo* o concurso de olimpíada da língua portuguesa. (TA23);

(71) Está começando mais uma edição da Olimpíada da Língua Portuguesa. (TA1).

Com relação aos verbos no passado, podemos dizer que essa escolha ocorreu com a finalidade de lembrar ao leitor que a Olimpíada de Língua Portuguesa 2010 já havia iniciado, persuadindo-o para não perder seu tempo e se inscrever no certame. Nos dois textos a seguir, os alunos se mostram conscientes da nova cena enunciativa, uma vez que atentam para a mudança dêitica temporal, projetando o centro dêitico para o tempo do interlocutor (LEVINSON, 2007; SEGAL, 1995):

(72) As inscrições *começaram* no dia 02 de março e irão até o dia 14 de maio. (TA1);

(73) A segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa já *começou*, a partir desta terça-feira, as inscrições já estão abertas, então, não perca seu tempo e se inscreva, a expectativa é que 80 mil participem. (TA16);

O tempo futuro foi empregado com bastante frequência. É importante lembrar que esse tempo verbal já estava presente no corpo da notícia, havendo, portanto, uma certa repetição dele pelos alunos. Entretanto, entendemos que os alunos que conseguiram fazer a retextualização de forma coerente, manipularam a coordenada dêitica de tempo projetando o centro dêitico com a estratégia discursiva de persuadir seus leitores, mostrando-lhes de que modo ocorreria a olimpíada e quais seriam os prêmios que os prováveis vencedores iriam receber, conforme notamos nos exemplos abaixo:

(74) Uma dessas pessoas será escolhida para as etapas escolares, municipais, estaduais. Você terá que passar por todas as etapas. Será selecionado um semifinalista, um desses finalistas poderá ser você. Você [poderá] ganhar um microcomputador e uma impressora. (TA13);

(75) Os alunos de 5º e 6º anos participarão do gênero “Poema”; os alunos do 7º e 8º do gênero “Memórias”. Os 500 escolhidos receberão medalhas e livros. (TA15);

(76) Os escolhidos receberão medalhas e livros, os 152 finalistas receberão medalhas e aparelhos de som e os 20 [finalistas] ganharão na etapa nacional medalhas, microcomputadores e impressoras. (OTA51).

Dos três exemplos acima, o número (74) mostra que o autor manipulou com mais habilidade as coordenadas dêiticas porque usou o verbo no futuro, relacionando-o com a invocação direta da audiência, por meio do dêitico “você”.

3.2.2 Particularidades do uso dos dêiticos temporais

Os dêiticos temporais, como já discutidos, são os responsáveis por situar temporalmente, no momento da enunciação, os interlocutores. Nos textos em que não houve a

invocação da audiência e, por consequência, não ficou expressa a mudança dêitica, vimos que todas as marcas linguísticas temporais são as mesmas encontradas na notícia. Isso indica uma certa dificuldade que os alunos tiveram em mudar as coordenadas dêiticas pessoais, temporais e espaciais, como podemos ver em dois exemplos, os de número (77) e (78):

(77)

ENTREVISTA

A segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa 2010 receberá inscrições a partir *desta terça-feira*, podem participar somente professores e alunos.

A pasta espera receber inscrições de 9 milhões de alunos e de 300 mil professores. O concurso será lançado na *terça-feira, 2 de março*, na Academia Brasileira de Letras.

Os alunos de 5º e 6º anos participaram no gênero “Poema”. Neste ano foi criado o gênero “Crônica” para os alunos do 9º ano do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio. (TA8);

(78)

Vamos brincar com as letras

A segunda edição da olimpíada da língua portuguesa *recebe* inscrições a partir da etapas escolares municipais, regional e da nacional. *Serão* selecionados 500 textos semifinalista na etapa estadual. Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros; os 152 finalistas medalhas e aparelhos e som e medalhas e microcomputadores impressoras. O concurso *acontece* a cada dois anos e a primeira edição realizado em 2008 teve 6 milhões de estudantes. (TA6).

Como vemos, o redator do texto (77) demonstra estar preso à informação da notícia ao repetir o dêitico temporal na expressão “desta terça-feira”. Nas circunstâncias em que está usada no texto, a expressão “nesta terça-feira” será calculada sempre como a terça-feira do dia, caso o texto seja lido em uma terça-feira, ou então a terça-feira que virá, ocasiona uma confusão ao leitor do texto. Por ter sido simplesmente transposta do campo dêitico da notícia para o que seria o campo dêitico do anúncio, a expressão em foco torna o texto confuso, na medida em que não provê um contexto para sua interpretação. Essa confusão é ainda reforçada pelo uso da expressão definida “a pasta”, copiada também da notícia que serviu de fonte. Enquanto no texto original essa forma retomava o referente MEC - que havia sido citado antes - no texto do aluno, ela gera problema de compreensão, uma vez que o contexto não é reconstruído. Ao que parece, a atividade funcionou para o aluno como uma simples tarefa escolar, na qual os efeitos de sentido foram pouco considerados.

No que diz respeito ao texto (78), as referências temporais expressas pelos verbos “recebe”, “receberão” e “acontece” são as mesmas que constam na notícia. Esses dados apontam também para a não reorganização discursiva, o que acarreta problemas de compreensão.

Mostraremos em (79) um texto em que, diferentemente do que ocorre nos dois exemplos comentados acima, vemos uma apropriação das informações da notícia por parte do aluno e, por consequência, a efetivação da mudança do campo dêitico:

(79)

IMPORTANTE

Caros alunos dos anos escolares 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos. Está começando mais uma edição da Olimpíada da Língua Portuguesa e eu e o Ministério da Educação esperamos que todos vocês participem dessa olimpíada. As inscrições começaram no dia 02 de março e irão até o dia 14 de maio. As inscrições poderão ser feitas também pela internet. Nós iremos passar por 5 etapas que serão: escolares, municipais, estaduais e regionais e a última etapa que será a etapa nacional. Serão selecionados 500 textos semifinalistas na etapa estadual, 152 na regional e 20 na nacional. Serão premiados alunos e professores.

Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalha e livros, os 152 escolhidos na fase regional receberão medalhas e aparelhos de som e os 20 vencedores na fase nacional receberão medalhas microcomputadores e impressoras.

Obrigada pela sua atenção! (TA1).

No texto acima, vemos que o aluno atentou para a mudança do campo dêitico; primeiro, ao optar pelo uso de uma expressão capaz de marcar o aspecto duradouro, conforme a expressão verbal no tempo presente denuncia: “Está começando mais uma edição [...]”; e segundo, por atualizar a forma de registro da data, informando aos leitores que as inscrições já “começaram no dia 02” do mês de março. Diferentemente do que faz o autor do texto (77), que apenas repete esse dado, o autor do texto retextualiza essa informação, precisando-a com o acréscimo do dia do mês, evitando assim que o leitor se confunda com as datas.

Outro aspecto interessante visto por nós em alguns dos textos é que, embora a audiência tenha sido invocada, os dêiticos temporais não foram transpostos (COUTINHO, 2008) para o outro texto, assim como os dêiticos pessoais, sendo apenas reproduzidos na nova cena enunciativa. Atentemos para os exemplos abaixo:

(80)

Olimpíadas de Língua Portuguesa

Alunos, a partir desta terça-feira (2) o concurso será lançado na terça-feira, 2 de março. A pasta espera receber inscrições de 9 milhões de alunos e 300 mil professores. A expectativa é que 80 mil escolas participem. É necessário que as redes de ensino façam sua adesão ao concurso. (TA40);

(81)

A segunda edição de língua portuguesa

A expectativa é que 80 mil escolas participem. Então participe. Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros; os 152 finalistas medalhas e aparelhos de som. Os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras. Se inscrevam. (TA25).

Em ambos os textos acima, percebemos a dificuldade dos alunos em se apropriar dos dados presentes na notícia e reorganizá-los. O autor do texto (80) começa invocando o leitor por meio do termo “Alunos”, estabelecendo de início uma interação; no entanto, no decorrer do seu texto, só há reprodução em parte do primeiro parágrafo da notícia. Situação semelhante ocorre no texto (81), a despeito de a audiência estar evocada pelas desinências verbais “participe” e “Se inscreva”. Percebemos que o autor apresenta dificuldade na organização, nesse caso, a temporal; como consequência, ele deixa seu texto. Se lermos diretamente o parágrafo do texto, sem atentarmos para o título do anúncio, certamente, não entenderemos o que foi dito.

Diferentemente do que presenciemos nos textos acima, encontramos nos próximos exemplos a presença do dêitico temporal de forma atualizada, em que o tempo do escritor e o tempo do autor foi representado pelo dêitico “agora”. O uso deste dêitico, nos dois casos, evidencia a intenção dos alunos em projetar o centro dêitico para o momento da recepção (LEVINSON, 2007) na tentativa de conduzir o leitor a participar da olimpíada. No texto (82), o aluno busca conquistar a adesão do seu leitor a partir de sua vivência no certame:

(82)

Recadinho legal

Oi, meu nome é X, eu participei da O.L.P.

Agora chegou sua vez, participe conosco. Venha concorrer vários presentes com O.L.P. Ok. Valeu pela sua atenção. (TA37).

No anúncio 83, o autor persuade seu leitor dizendo que todas as escolas públicas estão participando do evento, valendo-se, para isso, da dêixis temporal. Observemos:

(83)

Venha participar da:

Olimpíada de língua portuguesa. Alunos de todos os colégios e das escolas públicas estão participando, *agora* só falta você. Para alunos do 6º, 7º e 8º anos a premiação são medalhas e aparelhos de som, e os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras. E os professores que estarão do seu lado aqui no colégio serão o X e a Y. Venha participar, vai até o dia 16 de agosto. (TA39).

O dêitico de tempo “agora” reforça a persuasão, na medida em que é parte da frase de advertência ao leitor: “só falta você”. Mais do que situar o discurso em um momento, o termo funciona como um ultimato: o interlocutor não deve perder tempo.

3.3 A organização dêitica espacial

Nesta seção, analisamos o modo como o espaço escolar foi marcado ou não com os dêiticos espaciais. Na busca de perceber como se deu a persuasão por meio dos dêiticos temporais, ressaltamos que foram investigados apenas os anúncios cuja audiência foi evocada, pois, como já afirmamos, foi nesses textos que ocorreu a mudança das coordenadas dêiticas. Nosso intuito é compreender de que modo a perspectiva dêitica espacial foi organizada discursivamente pelos redatores a fim de persuadir os leitores do anúncio.

3.3.1 Os dêiticos espaciais nos textos dos alunos

Não constava na notícia que divulgava a olimpíada uma informação explícita do lugar onde ocorreria o certame; talvez por isso, quase a metade dos textos não fizeram referência ao espaço escolar. Entendemos que esse baixo número ou mesmo a ausência de dêiticos espaciais foi, de certa forma, compensado(a) pelo conhecimento pragmático que os alunos possuíam sobre o local da realização da olimpíada. Tal conhecimento lhes teria possibilitado a criação de uma moldura espacial, ou seja, um espaço mental para a produção/compreensão do texto. Do ponto de vista da Teoria da Acessibilidade, podemos dizer que o espaço seria uma entidade tida como altamente acessível pelos redatores, uma vez que estaria “no mesmo frame/mundo/ponto de vista” de algum(ns) possível(is) antecedente(s)⁴⁹ (COSTA, 2007, p. 122).

Dos 35 anúncios que evocaram a audiência, 19 não marcaram linguisticamente esse espaço, como vemos nos exemplos (84) a (86):

(84)

Olimpíada da Língua Portuguesa

A segunda edição da olimpíada da língua portuguesa, você pode participar e alunos dos seguintes anos (5º, 6º, 7º e 8º) participarão das etapas escolares, municipais, estaduais e regionais e da nacional. Serão selecionados 500 textos semifinalistas na etapa estadual.

⁴⁹ Convém esclarecer que, para Ariel (2001), um antecedente, conforme explica Costa (2007, p. 127), “não seria necessariamente linguístico”, mas emergiria de qualquer fonte de *givenness* ou da mesclagem das diversas fontes.

Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros, os 152 finalistas medalhas e aparelhos de som. (TA38);

(85) Sem título

Você aluno do 6º, 7º, 8º, participem da segunda edição da olimpíada da língua portuguesa de 2010. As inscrições a partir desta terça-feira. Os 500 escolhidos ganharão medalhas e livros, os 152 finalistas medalhas e aparelhos de som. (TA46);

(86) Olimpíada da língua portuguesa

Você está sendo convidado(a) para a segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa. Todos os professores e alunos(as) das escolas públicas poderão participar, mas só quem quer. Pode participar são os alunos do 5º, 6º, 7º, 8º e 9º ano e os professores. Os 500 melhores textos que serão escolhidos ganharão prêmios como: medalhas e livros; os 152 ganhadores e finalistas ganharão: medalhas e aparelhos de som; os 20 vencedores ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras.

Não deixe de participar, aproveite essa oportunidade!!! (TA49).

Identificamos, nos textos acima, que não há uma marca formal em que se perceba, claramente, a construção de um centro dêitico, porém, apoiando-nos em Hanks (2008), entendemos que a cena enunciativa criada pelos alunos faz parte do campo social, nesse caso, o espaço escolar, em que os redatores assumem a posição de agente neste campo para persuadir os alunos. Daí concluirmos que os produtores apostam na capacidade do leitor de inferir o local, que estaria implícito.

3.3.2 Particularidades do uso dos dêiticos espaciais

Mesmo sem fazer referência ao espaço nos anúncios, alguns alunos parecem ter sentido a necessidade de fazer com que sua audiência se direcionasse a um lugar. Assim é que, entre os 35 informantes que invocaram a audiência em seus textos, 16 (46%) atentaram para criação de um centro espacial. Ao que nos parece, essa marca explícita da dêixis espacial funciona mais como um chamamento ao leitor do que como elemento “informativo”, responsável pela localização física do evento; o leitor é convidado a “vir” para a escola tomar parte do certame, a aderir, mais do que a identificar um determinado espaço físico.

Os textos que explicitaram os dêiticos espaciais operaram a mudança dêitica ao estabelecer, como um novo centro espacial modificado, a escola em que os leitores estudavam. Vejamos o exemplo (87) a seguir, que ilustra esse fenômeno:

(87) Vamos brincar com a língua portuguesa

Esse título foi criado para que você venha brincar com as palavras, você terá que construir vários textos: crônicas, poemas, memórias. Cada um destas séries 5ª, 6ª, 7ª, 8ª, 9ª. Uma dessas pessoas será escolhida para as etapas escolares, municipais, estaduais. Você terá que passar por todas as etapas. Será selecionado um semifinalista, um desses finalistas poderá ser você. Você [poderá] ganhar um microcomputador e uma impressora.

Se você quer participar, venha logo porque a próxima será só em 2011. Venha participar. Vamos brincar com a língua portuguesa. Venha logo, [a Olimpíada de Língua Portuguesa] está esperando você. (TA13).

O texto acima já demonstra no título um direcionamento a um espaço, isto é, o verbo “ir” aponta para criação de um centro espacial compartilhado pelos interlocutores. Há uma forte presença de verbos diretivos que buscam persuadir o leitor a ir participar do concurso: “Esse título foi criado para que você *venha* brincar com as palavras”. Consoante Hanks (2008, p. 216), os dêiticos “especificamente em seus usos exofóricos [...] possuem um força diretiva, frequentemente expressa em gestos coarticulados”.

É importante notar que o redator, não contente com a possibilidade de o chamamento convencer o leitor, tenta tornar mais claro o próprio discurso, explicitando a finalidade da criação do título. O uso do verbo “vir”, nesse contexto, marca mais fortemente o lugar, que no caso não é apenas físico, mas sociointeracional. No enunciado: “[...] venha logo porque a próxima será só em 2011”, vemos que a estratégia persuasiva é associar a questão do espaço com o tempo, chamado o leitor para vir logo participar.

É interessante observar que, dos 35 textos que invocaram a audiência, 15 empregaram o verbo diretivo “vir” para persuadir o leitor orientando-o espacialmente. Convém lembrar que esse é um verbo dêitico, na medida em que orienta o movimento de um lugar distante para outro próximo ao falante. Vejamos os exemplos (88) e (89), que também mostram esse fenômeno:

(88) Venha conhecer a O.L.P.

Eu vou fazer um anuncio para você conhecer a Olimpíadas da Língua Portuguesa de 2010.

Quem pode participar.

Podem participar professores e alunos dos seguintes anos escolares 5º, 6º, 7º, 8º e do 9º [e] do ensino médio.

Vem participar da O. L. P, é muito legal.

Vem participar, não perca tempo. (TA26);

(89) O anúncio

Venha, venha, alunos, vamos participar da Olimpíada da Língua Portuguesa. O tema para todas as categorias é “O lugar onde vivo”.

Participa os alunos do 5º, 6º, 7º, e 8º anos. Os alunos serão premiados com medalhas, livros, aparelhos de som e microcomputadores e impressoras.

Vamos participar alunos e professores.

Vamos participar! FIM... (TA34).

Somente em um texto encontramos referência - por meio do dêitico “aqui” - ao espaço da escola, como é caso do texto (90):

(90) Venha participar da:

Olimpíada de língua portuguesa. Alunos de todos os colégios e das escolas públicas estão participando, agora só falta você. Para alunos do 6º, 7º e 8º anos a premiação são medalhas e aparelhos de som, e os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras. E os professores que estarão do seu lado aqui no colégio serão o X e a Y. Venha participar, vai até o dia 16 de agosto. (TA39).

É interessante observar a estratégia usada pelo redator, que pareceu estar atento ao caráter de dependência do advérbio “aqui”, o qual, sendo uma forma dêitica tem a interpretação dependente da localização do falante. Percebemos que, ao acrescentar a expressão “no colégio”, o redator, de certa maneira, enfraquece essa dependência, na medida em que restringe as possibilidades de interpretação. Desse modo, o texto acaba não se enquadrando na ação social para a qual seria destinado, que era circular não apenas no ambiente restrito da escola do redator.

O texto abaixo sinaliza no próprio título o local do acontecimento do certame. Mesmo sem haver nenhuma referência ao espaço escolar, o aluno se preocupa em situar seu leitor para garantir a adesão deste ao concurso. Observemos:

(91) Preste atenção na novidade que está na sua *escola*.

Atenção, atenção. Você, é você mesmo do 6º, 7º, 8º anos. Você sabia que na sua *escola* está tendo a O. L. P? Você não sabe o que é a O. L. P.? O.L.P significa “Olimpíadas de Língua Portuguesa”, alunos e professores participam das etapas escolares, municipais, estaduais, regionais e da nacional. Serão selecionados 500 na etapa estadual, 152 na regional e 20 na nacional. Você sabia que estudantes e docentes serão premiados? Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros; os 152 finalistas medalhas e aparelhos de som. Os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras. É isso, venha participar. (TA32).

É importante observar que o redator do texto acima menciona a escola, não como um ambiente comum a ele e ao leitor, mas na “sua escola”, ou seja, na escola do leitor. Com essa

estratégia, ele estabelece o campo dêitico adequado, isto é, atende à instrução, demonstrando que entendeu bem a ideia de que o texto circularia não somente em seu próprio ambiente escolar, mas em outros também. O uso do possessivo “sua”, de segunda pessoa, exclui a primeira, isto é, deixa fora a pessoa do redator. Com essa construção, ele consegue deixar clara a ideia de que os alunos participarão do evento em suas respectivas escolas.

3.4 Os tipos de títulos encontrados nos textos

Ao instruímos os alunos sobre a produção de texto, pedimos-lhes que criassem títulos criativos, capazes de convencer os leitores a fazerem parte do concurso.

Ao entramos em contato com os textos, chamou-nos a atenção a grande diversidade de títulos, o que nos levou a tentar observar se haveria alguma relação entre o grau de persuasão impresso nos títulos e o que estaria expresso no corpo dos respectivos textos. Para isso, tentamos construir um *continuum* que varia dos títulos que consideramos mais interativos aos que julgamos menos interativos, ou seja, distribuímos os títulos em níveis de interação com o leitor do texto.

Levando em conta esse aspecto, analisamos todos os textos, inclusive os que não invocaram a audiência, com o fim de percebermos como os alunos atentaram para esse recurso - o título - o que, a nosso ver, é importante na construção de sentidos em um do texto.

Dos 51 anúncios produzidos, 47 foram intitulados. Desses 47 títulos, 20 (43%) estariam mais voltados para a interação direta com os leitores, marcada pela presença do dêitico pessoal e pela desinência verbal, enquadrando-se no nível de interatividade mais elevado, por nós considerados de Nível A; 6 (13%) se achariam dirigidos de forma indireta ao leitor por meio de uma predicação, qualificando o certame, ajustando-se ao que chamamos de Nível B; já 21 (44%) estariam mais inclinados a expor informações do que propriamente a alertar, chamar atenção, convocar seus interlocutores a fazerem parte do certame, encaixando-se no Nível C por apresentar baixa interatividade.

Vejamos no quadro abaixo como ficou distribuída nossa contagem:

TEXTOS	TÍTULOS	CONTINUUM – NÍVEIS DE INTERATIVIDADE		
		A	B	C
TA1	IMPORTANTE		x	
TA2	Língua Portuguesa			x
TA3	Vamos brincar como entrevista	x		
TA4	Importante		x	
TA5	Olimpíadas da Língua Portuguesa			x
TA6	Vamos brincar com as letras	x		
TA7	Anúncio importante		x	
TA8	ENTREVISTA			x
TA9	O que eu tenho pra falar			x
TA10	Sem Título			
TA11	A Língua Portuguesa			x
TA12	Sem Título			
TA13	Vamos brincar com a língua portuguesa	x		
TA14	Brincando e Aprendendo		x	
TA15	VAMOS BRINCAR DE “POEMAS	x		
TA16	Olimpíadas Da Língua Portuguesa			x
TA17	Como fazer para que outras pessoas participem			x
TA18	Como participar do concurso da língua portuguesa			x
TA19	Convite para a Olimpíada da Língua Portuguesa			x
TA20	A olimpíada da Língua Portuguesa			x
TA21	Importante		x	
TA22	Sobre a olimpíada			x
TA23	Venha conferir	x		
TA24	Venha, galera, participar da Olimpíada de Português	x		
TA25	A segunda edição de língua portuguesa			x
TA26	Venha conhecer a O.L.P.	x		
TA27	Venham participar do O.L.P	x		
TA28	Para os alunos aprenderem literatura			x
TA29	Venha participar da O.L.P	x		
TA30	Ei, você é um poeta!	x		
TA31	O convite para OLP para os alunos do ANB			x
TA32	Preste atenção na novidade que está na sua escola	x		
TA33	Abre inscrições da língua portuguesa			x
TA34	O anúncio			x
TA35	Compareçam a O. L. P	x		
TA36	Compareça à Olimpíada da Língua Portuguesa	x		
TA37	Recadinho legal		x	
TA38	Olimpíada da Língua Portuguesa			x
TA39	Venha participar da:	x		
TA40	Olimpíadas de Língua Portuguesa			x
TA41	Venham concorrer vários prêmios legais	x		

TA42	Acredite em você	x
TA43	OLIMPÍADA DA LÍNGUA PORTUGUESA	x
TA44	Vem, vem participar da Olimpíada da língua portuguesa	x
TA45	Inscriva-se na Olimpíada da Língua Portuguesa	x
TA46	Sem Título	
TA47	Olimpíada da Língua Portuguesa	x
TA48	Participem do O.L. P	x
TA49	Olimpíada da língua portuguesa	x
TA50	Você pode gostar! Venha participar da O.L.P.	x
TA51	Sem Título	

Quadro 2: *Continuum* de interatividade nos títulos

3.4.1 Análise dos títulos do Nível A

Como já informamos, utilizamos o critério da invocação direta da audiência para categorizarmos os títulos que consideramos mais interativos, os quais, em nossa contagem, somaram 20 ocorrências (43%). Os títulos que invocaram a audiência, como por exemplo: “Vamos brincar com as letras” (TA6); “Venha conferir” (TA23) e “Participem do O.L.P” (TA48), lançaram mão de um recurso bem próprio de anúncios publicitários que é a linguagem conativa/apelativa.

Investigamos a correlação do título com o que foi expresso no texto, a fim de sabermos se a interatividade do título corresponderia ao que está dito no anúncio. Identificamos que boa parte dos anúncios apresentou títulos que mantinham relação com o que estava dito nos anúncios. Vejamos os exemplos (92) a (94):

(92) Olimpíada da língua portuguesa

Você está sendo convidado(a) para a segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa. Todos os professores e alunos(as) das escolas públicas poderão participar, mas só quem quer. Pode participar são os alunos do 5º, 6º, 7º, 8º e 9º ano e os professores. Os 500 melhores textos que serão escolhidos ganharão prêmios como: medalhas e livros; os 152 ganhadores e finalistas ganharão: medalhas e aparelhos de som; os 20 vencedores ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras.

Não deixe de participar, aproveite essa oportunidade!!!

(93) Vamos brincar com a língua portuguesa

Esse título foi criado para que você venha brincar com as palavras, você terá que construir vários textos: crônicas, poemas, memórias. Cada um destas séries 5ª, 6ª, 7ª, 8ª, 9ª. Uma dessas pessoas será escolhida para as etapas escolares, municipais,

estaduais. Você terá que passar por todas as etapas. Será selecionado um semifinalista, um desses finalistas poderá ser você. Você [poderá] ganhar um microcomputador e uma impressora.

Se você quer participar, venha logo porque a próxima será só em 2011. Venha participar. Vamos brincar com a língua portuguesa. Venha logo, [a Olimpíada de Língua Portuguesa] está esperando você. (TA13);

(94) Venha participar da O.L.P. Você pode gostar!

Caros alunos, venham participar da O.L.P (Olimpíada da Língua Portuguesa). Estamos chamando vocês pra participar. Essa olimpíada só acontece de dois em dois anos. Venham caros alunos, Poderá participar somente alunos do 6º, 7º, 8º [anos]. Você pode ganhar prêmios, livros, computadores, impressoras e aparelhos de som. Venham conosco, caros alunos.

Obrigado pela sua atenção!!!

Vemos nos textos acima que os autores buscam chamar a atenção do leitor desde o título. No desenvolvimento de cada texto, percebemos que a interatividade é mantida com a invocação do locutor ao interlocutor - através do emprego do dêitico pessoal “eu”, “você” e a presença deste implicado no pronome “sua” – persuadindo-o a participar da olimpíada, como ocorre nos trechos: “eu e o Ministério da Educação esperamos que todos vocês participem” (TA1); “Se você quer participar, venha logo porque a próxima será só em 2011” (TA13); “Agora chegou sua vez, participe conosco” (TA37).

Porém, nem sempre essa continuidade da interação proposta pelo título foi alcançada. Há casos em que, apesar de tentarem criar algo diferente da notícia, os redatores ficaram presos a ela no momento de escrever seus anúncios, conforme podemos verificar no texto (95):

(95) Vamos brincar com as letras

A segunda edição da olimpíada da língua portuguesa recebe inscrições a partir das etapas escolares municipais, regional e da nacional. Serão selecionados 500 textos semifinalistas na etapa estadual. Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros; os 152 finalistas medalhas e aparelhos e som e medalhas e microcomputadores impressoras. O concurso acontece a cada dois anos e a primeira edição realizado em 2008 teve 6 milhões de estudantes. (TA6);

No texto (95), temos um título bem lúdico e também interativo ao convidar o leitor a brincar. No entanto, quando passamos para o corpo do texto percebemos uma quebra na marcação explícita da interatividade com o leitor, havendo somente exposição das informações: “A segunda edição da olimpíada da língua portuguesa recebe inscrições a partir das etapas escolares municipais, regional e da nacional”; “O concurso acontece a cada dois anos e a primeira edição realizada em 2008 teve 6 milhões de estudantes.” Apesar de a

audiência ser invocada no título, por meio do verbo no imperativo “Vamos”, no decorrer do texto não há sequer nenhuma referência a ela. As coordenadas dêiticas – de modo especial a pessoal -, tão relevantes, segundo a visão de Carol Hosenfeld, Judith Duchan e Jeffery Higginbothan (1995), para a na construção do discurso persuasivo, são esquecidas, dando lugar à mera exposição dos fatos.

3.4.2 Análise dos títulos de Nível B

Bem próximo dos títulos que estabeleceram com o leitor um maior grau de interatividade, tivemos os títulos que caracterizaram o evento. Categorizamos esses títulos de Nível B, porque mesmo não estabelecendo diretamente o contato com o leitor, eles direcionam e atraem a atenção deste por meio de alguns recursos linguísticos, como por exemplo, o emprego de palavras adjetivas qualificando o evento como “IMPORTANTE” (TA1, TA4, TA21), “Anúncio importante” (TA5) e “legal” em “Recadinho legal” (TA37).

Além do recurso adjetival, percebemos que a forma verbal no gerúndio, presente no título “Brincando e Aprendendo” (TA14), de certo modo, predica o concurso como algo interessante a ser vivenciado.

Dos seis textos em que encontramos títulos dessa natureza, percebemos que apenas em dois há marcação explícita de interação com a audiência, uma vez que esta passou a ser invocada diretamente:

(96)

IMPORTANTE

Caros alunos dos anos escolares 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos. Está começando mais uma edição da Olimpíada da Língua Portuguesa e eu e o Ministério da Educação esperamos que todos vocês participem dessa olimpíada. As inscrições começaram no dia 02 de março e irão até o dia 14 de maio. As inscrições poderão ser feitas também pela internet. Nós iremos passar por 5 etapas que serão: escolares, municipais, estaduais e regionais e a última etapa que será a etapa nacional. Serão selecionados 500 textos semifinalistas na etapa estadual, 152 na regional e 20 na nacional. Serão premiados alunos e professores.

Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalha e livros, os 152 escolhidos na fase regional receberão medalhas e aparelhos de som e os 20 vencedores na fase nacional receberão medalhas microcomputadores e impressoras.

Obrigada pela sua atenção!

(97)

Recadinho legal

Oi, meu nome é X, eu participei da O.L.P.

Agora chegou sua vez, participe conosco. Venha concorrer vários presentes com O.L.P. Ok. Valeu pela sua atenção.

No texto (96), a invocação da audiência aparece logo no início no texto “Caros alunos”, chamando a atenção dos alunos para o evento que já se iniciou. A audiência é mantida pelo dêitico pessoal “você” e reforçada no fim do texto com o pronome possessivo “sua” na despedida “Obrigado pela sua atenção”, em que o dêitico “você” está implicado. No texto (97), o interlocutor também é identificado por meio do pronome possessivo “sua” em que o “você” da audiência se encontra implicado: “Agora chegou sua vez” e “Valeu pela sua atenção”. Portanto, a preocupação com a audiência demonstra a atenção dos redatores em dialogar com o leitor.

Por outro lado, nos textos (98) a (101), a seguir, encontramos um descompasso entre a predicação, a atratividade do título e o que foi anunciado. Apesar de empregarem títulos que fogem à simples exposição, os alunos se restringiram a copiar as informações da notícia e transcrever em seu texto, não se desprendendo das informações do texto base, ou então, como no caso do texto (98), nada dizendo a respeito do concurso. Vejamos:

(98) Brincando e Aprendendo

A olimpíada de língua portuguesa está abrindo muitas oportunidades para todos os alunos e também a língua portuguesa é muito importante para o desempenho dos alunos.

(99) Importante

A segunda edição da olimpíada da língua portuguesa de 2010. Quem participa entre 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental e 1º, 2º, 3º anos do ensino médio. Os alunos do 6º ano participam [com o gênero] “Poema”. Eu gostei, teve numa hora que eu não queria fazer, mas quando eu soube que era importante, eu me interessei fazer a segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa.

(100) Anúncio importante

A segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa de 2010. As inscrições podem ser feitas até o dia 14 de maio pela internet. Poderão participar as seguintes séries 5º, 6º, 7º, 8º, 9º ano do ensino fundamental e 1º, 2º, 3º ano do ensino médio.

Trazem com prêmios os 500 finalistas escolhidos na etapa estadual, 152 na etapa regional e 20 na etapa nacional.

Seguintes prêmios para os 500 escolhidos receberão medalhas e livros; os 152 [selecionados] receberão medalhas e aparelhos de som; os 20 vencedores receberão medalhas, microcomputadores e impressoras.

O concurso acontece a cada 2 anos, ano de 2008 foram 6 milhões de estudantes.

(101)

Importante

É aprende mais a segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa a partir desta terça-feira (2). O concurso será lançado no dia 2 de março, na Academia Brasileira de Letras no Rio de Janeiro. As inscrições de professores poderão ser feitas até 14 de maio pela internet, 9 milhões de alunos e de 300 mil professores não querem perder, e você também, eu sei. 80 mil escolas participam. É necessário que as redes de ensino façam sua adesão ao concurso.

Para quem pode participar

Podem participar professores e alunos dos seguintes anos: 5º, 6º, 7º, 8º, 9º ano do ensino fundamental e os alunos de 1º, 2º, 3º do ensino médio.

Beijos para todos e eu agradeço.

Nos textos acima, encontramos muitas informações e pouca interação estabelecida com o leitor. Não há uma marca que aponte um contato direto com leitor, seja através de dêiticos ou não, há somente o uma referência indireta a ele: “oportunidades para todos os alunos”, “Poderão participar as seguintes séries”, “Podem participar professores e alunos”. Dessa forma, podemos concluir que nos títulos de Nível B a interação sugerida pela predicação e pelo aspecto lúdico, em sua maior parte, não se refletiu no corpo do texto.

3.4.3 Análise dos títulos de Nível C

Diferentes dos títulos que consideramos mais interativos, que dão ênfase ao que poderíamos chamar de uma “atitude dialógica”, os títulos que classificamos como menos interativos não põem em foco a relação entre enunciador e o co-enunciador (que seria o leitor). São, em sua maioria, voltados para o tópico tratado no texto, sem aparente preocupação com o efeito perlocucionário do discurso, limitando-se a expor a informação.

Resolvemos categorizar os títulos que mais se prenderam às informações dos textos ou então que não estabeleceram um diálogo direto com os leitores - muitas vezes até fugindo ao tema do que seria anunciado - como Nível C. Esses títulos apareceram com mais frequência do que os mais interativos, totalizando 21 (44%). São exemplos desse tipo os seguintes títulos: “Olimpíadas da Língua Portuguesa” (TA5); e “Sobre a olimpíada” (TA22).

Vale ressaltar que, entre os títulos considerados de Nível C, encontramos ainda outro tipo, que nem têm como foco o conteúdo (a olimpíada), nem a interação, mas algo mais ligado à própria tarefa. Exemplos desse tipo são: “ENTREVISTA” (TA8), que evidencia o gênero que o redator julga ter lido, e “O que eu tenho pra falar” (TA9), que demonstra a preocupação do locutor com o próprio discurso ou com a própria tarefa que lhe fora apresentada. Supomos

que o aluno criador do primeiro título se enganou ao misturar as informações dadas por nós sobre a pesquisa que realizaríamos, a qual incluiria uma entrevista com alguns alunos. Desse modo, esse título em nada deixa claro ao leitor sobre o quê e como será essa entrevista. Já o segundo título se apresenta num tom mais confessional, que assim como o anterior, em nada se relaciona com o que deve ser anunciado ao leitor sobre o certame.

Em muitos casos esse caráter expositivo dos títulos teve continuidade no corpo do anúncio, o que interpretamos como sinal de dificuldade de assinalar a mudança do campo dêitico, isto é, de manipular as coordenadas dêiticas pessoal, temporal e espacial. Vejamos no exemplo (102):

(102) A Língua Portuguesa

A Olimpíada [da Língua] Portuguesa recebe inscrições de 9 milhões de alunos para participar. Para participar da olimpíada de 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental para participar do concurso.

Os estudantes e adolescentes serão premiados e escolhidos para receberem os brindes, como medalhas, aparelhos de som ou microcomputadores, por isso neste ano é [foi] criado o gênero “Crônica” para estudantes do 9º ano do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio. (TA11);

(103) Como participar do concurso da língua portuguesa

A segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa de 2010 recebe inscrições a partir desta terça-feira (2). O concurso será lançado no dia 02 de março na Academia Brasileira de Letras no Rio de Janeiro. Adesões de secretarias de educação e inscrição receberá inscrições de 9 milhões de alunos e de 300 mil professores. A expectativa é que 80 mil escolas participem. É necessário que as redes [de ensino participem].

Quem pode participar?

Podem participar todos os professores e alunos das seguintes anos escolares: 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental, e 1º, 2º, 3º anos do ensino médio. O tema para todas as categorias é “O lugar onde vivo”.

Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros; os 152 finalistas, medalhas e aparelhos de som; os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras.

A primeira edição, realizada em 2008, teve 6 milhões de estudantes.

Nos textos acima, podemos observar que há uma “carência” na marcação linguística da interação com o leitor por falta da invocação da audiência. Em ambos os textos, vemos mais a preocupação em expor os dados presentes na notícia do que convocar, alertar, persuadir de forma explícita o seu leitor a participar da olimpíada.

Como podemos ver até aqui, os textos analisados, de alguma maneira, confirmam nossa hipótese de que títulos interativos correspondem a marcas de mudança dêitica, de persuasão, de interação. Apenas dois textos que apresentam títulos com foco na informação, os quais constituem os exemplos (104) e (105), fogem a esse padrão. Apesar de o viés informativo se prenunciar nos títulos, vemos nestes no corpo de cada um desses textos uma certa quebra de expectativa. Como podemos observar, essa “mudança do foco informativo para o persuasivo” é gerada pelo diálogo do redator com o leitor, alertando-o sobre o fato de a olimpíada já ter tido início e, a partir daí, exortando-o a não demorar a fazer parte dela.

(104) Olimpíadas da Língua Portuguesa

A segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa já começou, a partir desta terça-feira, as inscrições já estão abertas, então, não perca seu tempo e se inscreva, a expectativa é que 80 mil participem. Os participantes são alunos e professores dos anos escolares seguintes: 5º, 6º, 7º, 8º, 9º do ensino fundamental. Os gêneros serão 5º e 6º anos é gênero “Poema”; 7º e 8º “Memórias”; e no 9º [ano] é que neste ano foi criado [o gênero] “Crônicas”.

O concurso é assim: os alunos e professores participarão de etapas escolares, municipais, estaduais, regionais e nacionais.

Serão 500 os escolhidos na fase estaduais, ganharão medalhas e livros, os 152 finalistas ganharão medalhas e aparelhos de som, os 20 vencedores ganharão medalhas, micro computadores e impressoras. A competição é realizada em parceria com o MEC e com a Fundação Social Itaú. Então, participe. (TA16).

Já no texto (105), percebemos que o escritor se inclui como participante do evento e, a partir dessa auto-inclusão, invoca a audiência, conclamando-a a também participar:

(105) OLIMPÍADA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Nós [vamos] estamos participar da O. L. P, nós estamos chamando vocês alunos do 5º, 6º, 7º e 8º anos para participar. Serão selecionados 500 textos semifinalistas na etapa estadual, 152 na regional e 20 na nacional. Estudantes e docentes serão premiados.

Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros, os 20 vencedores da etapa nacional ganharam medalhas e microcomputadores e impressoras, os 152 finalistas medalhas e aparelhos de som. Vocês, alunos do 5º, 6º, 7º e 8º anos. Participar SIM ou NÃO. (TA43).

É importante observar ainda a preocupação desse autor em especificar as séries participantes, algo não comum, como vimos, na maior parte dos textos.

Até aqui, neste capítulo – seções (3.1) a (3.4) –, tratamos dos aspectos que selecionamos como marcadores da mudança de campo dêitico nos textos produzidos pelos alunos: uso da dêixis pessoal, temporal e espacial na nova organização discursiva em suas diversas particularidades. Conforme foi evidenciado por meio do grande número de exemplos discutidos, a maioria dos alunos (73%) demonstrou algum nível de percepção no tocante à

mudança de perspectiva que ocorre quando da transmutação de um texto em que predomina a função informativa em outro que tem como foco a persuasão expressa de maneira explícita.

Na próxima seção (3.5), relatamos a interação que desenvolvemos com quatro dos sujeitos pesquisados (alunos autores dos textos). Nessa ocasião, discutimos com cada um, individualmente, seu próprio texto, levantando questionamentos sobre as estratégias usadas na construção do discurso persuasivo e sobre possíveis reformulações a serem feitas a fim de tornar mais efetiva a nova função retórica proposta na tarefa de retextualização.

3.5 A reescrita dos textos pelos alunos

Conforme vimos nas seções anteriores deste capítulo, a marcação das coordenadas dêiticas, considerada por Hosenfeld, Duchan e Higginbothan (1995) um recurso fundamental na estruturação do discurso persuasivo, está presente na maioria dos textos, o que denuncia algum conhecimento intuitivo dos alunos pesquisados a esse respeito. Nesta seção, relatamos nossa tentativa de extrapolar os limites da análise do produto (os textos em sua materialidade) e voltar nossa atenção para os processos de reorganização discursiva subjacentes a esse produto.

Conforme já informamos na primeira parte do capítulo, encontramos nos textos analisados algumas especificidades, no tocante à marcação da mudança dêitica, que julgamos merecedoras de maior esclarecimento, o que entendemos seria conseguido por meio de uma atividade de revisão mediada pelo professor/pesquisador.

Preocupamo-nos em relatar o processo de refacção textual com a intenção de captar a reação dos alunos diante de nossos questionamentos e de nossas intervenções. Acreditamos que nossa participação nesse evento seria importante, na medida em que contribuiria para o entendimento das estratégias que os alunos haviam utilizado na produção textual e, de certa forma, poderia subsidiar os educadores no tocante à maneira de se aproximar do processo da construção da escrita.

Tendo essas questões consideradas, escolhemos quatro alunos para reescreverem seus textos. Essa escolha não foi aleatória. Além de percebermos nos textos desses alunos certas peculiaridades que consideramos dignas de serem discutidas, lembramos que, durante a

primeira fase do experimento, que constou da transformação de um texto informativo para um persuasivo, eles estavam entre os que reclamaram de dificuldade ao tentarem cumprir a tarefa.

Diante disso, um melhor entendimento do fenômeno, a nosso ver, seria possível através da interação com o próprio aluno no momento da sua reescrita do texto. Para isso, gravamos a conversa que tivemos com ele, a qual nos serviu de apoio na análise.

É importante destacar que todos os alunos convidados a reescrever o texto se dispuseram a conversar e a refazer o que achassem conveniente. A reação de cada um foi distinta e marcante, merecendo comentários que serão expostos no decorrer da análise de cada processo de revisão de cada texto.

3.5.1 Análise do texto TA14

Escolhemos o texto do aluno 14 porque nele o educando não sinalizou a invocação direta da audiência, isto é, a marcação desta foi referida de forma indireta, de forma generalizada, algo semelhante ao que ocorreu na notícia. Façamos a leitura do texto:

(106)

Brincando e Aprendendo

A olimpíada de língua portuguesa está abrindo muitas oportunidades para todos os alunos e também a língua portuguesa é muito importante para o desempenho dos alunos.

O título do texto “Brincando e Aprendendo” indica ao leitor que algo lúdico virá a ser dito, provocando nele certa expectativa. Todavia essa implicada promessa de aprendizagem, por meio da brincadeira, não é alcançada pelo redator, que não interage com o leitor; refere-se a este apenas indiretamente, mostrando-lhe como participar, brincando na olimpíada.

A falta de interação é evidenciada pela não invocação direta à audiência, como se estivesse se referindo a uma terceira pessoa tal qual está na notícia. Esta referência indireta acontece quando é mencionada a palavra “alunos”. Julgamos que essa referência à audiência fica pouco evidente, na medida em que o termo genérico “alunos” não possibilita a interação direta com o interlocutor do texto, que seria alcançada através do emprego do dêitico pessoal ou de outras expressões referenciais a segunda pessoa na função de vocativa.

Algo interessante a ser observado no texto foi a preocupação que o aluno teve em falar da olimpíada e de comentar sobre a importância de os alunos participarem. Essa preocupação resultou na mudança da coordenada dêitica temporal, o que evidencia a atualização dos dados da notícia para mostrar ao leitor que aquela informação era recente e importante. Convém

observar o efeito de sentido gerado pelo aspecto durativo expresso na forma verbal composta: “*está abrindo* muitas oportunidades”.

Com relação à dêixis espacial, não encontramos nenhuma marca linguística que mostre a criação de um novo centro dêitico, distinto daquele construído na notícia.

Antes de mostrarmos como ficou o texto depois de nossa intervenção, é importante destacar o modo como o aluno se comportou durante o processo da entrevista. Com o objetivo de fazê-lo lembrar o que ele havia realizado, primeiramente procedemos à leitura do texto por ele escrito e da notícia que serviu de base para a produção.

Quando foi preciso começar a reescrita do texto, o aluno se mostrou resistente, alegando não saber como iniciá-lo. A cada parágrafo que ele teria que construir, já se adiantava dizendo que não sabia. No entanto, durante a interação, as dúvidas e as dificuldades foram se dissipando, dando lugar a ações de (re)escrita que culminaram com a refacção completa.

Vejamos em (107) como ficou o texto do aluno após a interação:

(107)

Brincando e Aprendendo

Alunos e alunas, a olimpíada de língua portuguesa está abrindo muitas oportunidades para todos vocês.

Só podem participar os alunos dos 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental e 1º, 2º e 3º anos do ensino médio.

Os alunos dos 5º e 6º anos participarão com o gênero “poema”; os de 7º e 8º anos serão “memórias”; os de 2º e 3º anos do ensino médio trabalharão com o “artigo de opinião” e 9º e 1º anos do ensino fundamental e ensino médio ficarão com o gênero “crônica”.

Os prêmios serão: medalhas, livros, aparelhos de som, microcomputadores e impressoras.

No texto acima, já podemos observar que houve uma melhora significativa não apenas na quantidade e na qualidade das informações, mas sobretudo na identificação e especificação da audiência por meio das expressões referenciais “Alunos e alunas” e “vocês” (dêitico pessoal).

Analisando o título do novo texto, vemos que o aluno não o desejou modificar, optando ainda pelo caráter lúdico que ele desperta ao associar o prazer de estudar a brincadeira. Vejamos como a aluna explicou sua escolha em nossa interação:

P - Quando você pensou esse título, você pensou em quê quando colocou “Brincando e aprendendo”?

A - Eu pensei assim, que a pessoa no momento, mais ou menos ela está brincando, mas também ela está aprendendo.

No que diz respeito à audiência, vimos que o aluno teve uma preocupação em invocá-la diretamente “Alunos e alunas” já no início do texto. Ao percebermos no primeiro texto que a audiência foi referida de forma indireta, tentamos chamar a atenção do aluno para a importância de invocar seu auditório logo no começo do texto. Com essa intervenção, conseguimos fazer com que ele iniciasse o texto de forma diferente. Na refacção, além de se preocupar com a referência à audiência, o aluno também considerou o gênero ao mencionar não só o masculino:

P - [...] uma maneira interessante, direta de falar com eles [alunos] qual seria? Como é que seria começar esse texto?

A - Só botando aqui alunos e alunas, aí deixando esse resto aqui [...].

[...]

P - Por que você pensou assim em alunos e alunas?

A - Porque vai se referir aos alunos e alunas.

Ao ser questionado sobre o emprego do dêitico “vocês”, o aluno mostrou-se atento com a referência no texto ao dizer:

P - Por que você pensou colocar aqui o “vocês”, “oportunidade para todos vocês”

A - Porque vai ficar se referindo aos alunos e às alunas.

Considerando a carência de informações no texto, interpelamos o aluno a dizer se ele queria continuar com o que havia feito ou acrescentar novas informações presentes na notícia. Nesta intervenção, o aluno atentou para a referência às séries escolares, conforme podemos ver no diálogo:

P - O que é que tem na notícia que você acha que está faltando aqui, que é importante você colocar nesse seu novo texto?

A - Dizendo quem pode participar.

Algo interessante por nós colhido nessa interação foi a atenção que o aluno deu à especificação do que cada série escolar faria no certame:

P - Diga outra informação que você achou bem interessante aqui na notícia que você gostaria de colocar nesse seu novo anúncio? Que acha que vai ser importante mostrar pra eles que vão participar.

A - Que é que eles vão escrever, sobre o quê.

Outro aspecto, apontado pelo aluno como relevante, a ser destacado em seu texto foi a premiação que seria dada a quem concorresse:

P – Tem mais uma coisa interessante que você achou na notícia que você deve colocar aqui no seu anúncio?

A – As premiações.

Uma das nossas preocupações foi levar o aluno a não repetir as informações, mas retextualizá-las no outro texto. Ao ser questionado sobre a repetição dos dados presentes na notícia da forma que em estavam veiculadas, o aluno se apressou em dizer que não faria tal e qual, mas adaptaria:

P - [...] se você colocar do que jeito que tá aqui, você vai repetir do jeito que está na notícia.

A - Não, eu não vou dizer assim, dizer do jeito que está aqui, mas mais ou menos.

Essa preocupação em retextualizar as informações tem implicações sérias na mudança do centro dêitico. No que diz respeito à dêixis temporal, vemos algumas alterações do tempo verbal, diferenciando-se daquele usado na notícia. A relação temporal foi expressa pelo redator com construções do tempo presente associado com a forma nominal gerúndio (está abrindo) e futuro (participarão, serão, trabalharão, ficarão). Essas marcas linguísticas - mudança dos tempos verbais - apontam uma mudança dêitica da perspectiva temporal.

Assim como na primeira versão do texto, nesta última também não ocorreu uma referência à dêixis espacial. Supomos que a moldura espacial, construída a partir do lugar em que o concurso se realizou, serviu de base para a não explicitação do local onde ocorreria o concurso. Também nos apoiamos em Hanks (2008) para justificar essa certa ausência de informação do espaço. Como já dissemos em outro momento, a cena enunciativa criada pelo novo texto é amparada pelo campo social escolar em que a dêixis se incorpora.

3.5.2 Análise do texto TA18

O que motivou nossa escolha por esse texto foi o fato da não operacionalização da mudança do centro dêitico do texto expositivo para o persuasivo. Vejamos no exemplo (108) que o aluno simplesmente cumpre uma tarefa escolar e não cumpre o propósito comunicativo de envolver, persuadir o leitor:

(108) Como participar do concurso da língua portuguesa

A segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa de 2010 recebe inscrições a partir desta terça-feira (2). O concurso será lançado no dia 02 de março na

Academia Brasileira de Letras no Rio de Janeiro. Adesões de secretarias de educação e inscrição receberá inscrições de 9 milhões de alunos e de 300 mil professores. A expectativa é que 80 mil escolas participem. É necessário que as redes [de ensino participem].

Quem pode participar?

Podem participar todos os professores e alunos das seguintes anos escolares: 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental, e 1º, 2º, 3º anos do ensino médio. O tema para todas as categorias é “O lugar onde vivo”.

Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros; os 152 finalistas, medalhas e aparelhos de som; os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras.

A primeira edição, realizada em 2008, teve 6 milhões de estudantes.

Como podemos ver no texto acima, o aluno apenas copiou a notícia quase em sua totalidade. A tentativa de fugir do texto base, para evitar que seu texto se confundisse com uma simples cópia da notícia, é revelada na alteração do título, no emprego do sinal de interrogação em “Quem pode participar?” e na supressão de alguns dados do texto fonte.

Embora tente não reproduzir tal e qual a notícia, o aluno demonstra não conseguir projetar as coordenadas dêiticas (eu/tu-aqui-agora) para outra realidade discursiva (anúncio), cujo novo centro dêitico seria diferente do primeiro (notícia).

A nosso ver, essa dificuldade pode ser creditada ao modo como produção textual costuma ser desenvolvida na esfera escolar. Vemos que, apesar de todas as críticas que têm sido feitas à artificialização das atividades escolares, a escrita escolar ainda permanece desvinculada de função social - sem circulação no ambiente da escola ou mesmo fora dele - e promovida muito mais com interesse em atribuir nota do que com propósito de melhorar a qualidade da aprendizagem dos alunos. Consequentemente, a carência desta função gera a não ação na/pela linguagem, retirando dela a dimensão política, tornando-a distante da dimensão reivindicada por Rajagopalan (2007, p. 12), para quem “atuar na linguagem passa a ser sinônimo de agir politicamente”.

Supomos que seja isso, portanto, que muitos alunos, supomos, acostumaram-se, inclusive o aluno deste texto, a não deixar a folha em branco, escrevendo nem que seja algo totalmente desvinculado do propósito comunicativo.

Antes de analisarmos a segunda versão do texto do aluno, cabem algumas observações que surgiram como nota de campo durante a nossa conversação:

Ao ser questionado se gostaria de participar da entrevista, o aluno respondeu positivamente e se demonstrou entusiasmado. Assim como o primeiro aluno da entrevista, este também hesitou em vários momentos em que havia de reconstruir seu texto. No entanto, percebemos que na troca de idéias, na interação professor-aluno, a reelaboração textual fluiu, aconteceu.

Leiamos agora a segunda versão do texto produzido pelo aluno mediante a nossa interação:

(109) Querem participar desta olimpíada?

Vamos participar da olimpíada da língua portuguesa. Os alunos que poderão participar são aqueles dos seguintes anos: 5º, 6º, 7º, 8º, 9º do ensino fundamental e 1º, 2º, 3º anos do ensino médio.

Os alunos do 5º [e] 6º anos participarão do gênero “poemas”; os de 7º e 8º desenvolverão o gênero “memória”; os de 2º e 3º anos do ensino médio vão trabalhar com o gênero artigo de opinião e os alunos do 9º e 1º vão criar “crônicas”.

Os 500 alunos semifinalistas receberão medalhas e aparelhos de som e os 20 vencedores da etapa nacional vão receber medalhas, microcomputadores e impressoras.

Venham que ainda dá tempo!!!

Antes de adentrarmos nas considerações sobre o emprego do título, vale destacar mais uma nota de campo que fizemos ao nos depararmos com a dificuldade do aluno:

Intitular não foi um processo fácil para o redator. No início, ele deu sugestões de títulos, porém estes ainda estavam bastante presos às informações da notícia. Então, sugerimos a ele que deixasse para o final da atividade a colocação do título. Ao final do texto, ele mostrou ainda uma certa dificuldade em intitular-lo, mas ao reler o que havia escrito e ser interpelado por nós, encontrou um título condizente com o seu texto.

Passando para a análise do título do texto, já percebemos dois recursos empregados pelo autor para persuadir seu leitor: primeiro, ao invocar a audiência (vocês) diretamente, por meio da desinência verbal “Querem”; segundo, ao valer-se de uma pergunta retórica para o leitor. É interessante observar que no título o redator não se colocou como participante da olimpíada, isso somente foi feito no início do texto.

No que tange à audiência, vimos no título que ela é invocada implicitamente pelo dêitico pessoal “você” na desinência verbal, e que o mesmo também aconteceu no restante do texto. O redator, em nenhum momento, invocou a audiência com a palavra “aluno(s)”, somente refere-se indiretamente a ela ao especificar quem poderá fazer parte da olimpíada e o que as séries escolares farão no certame.

Ao ser indagado sobre a forma de atrair, de persuadir o leitor para o texto que produzia, o redator encontrou como saída a invocação da audiência, incluindo sua participação no evento, ao empregar a 1ª pessoa do plural em “Vamos” do modo imperativo:

P – Como é que você pode começar esse texto chamando a atenção de quem vai ler? Quem vai ler, vão ser os alunos, né. Então, como é que você pode chamar a atenção deles? Certo? Como é que você acha que pode começar a chamar a atenção deles?

A – Vamos participar, né?

Ainda com relação à audiência, ao ser questionado sobre a sua especificação, ou seja, sobre o que cada série escolar faria no evento; o aluno decidiu precisar cada série atuante do certame, além de indicar quais os gêneros textuais que cada ano escolar faria durante o processo. Como vemos nos dois diálogos abaixo:

P - O que você acha agora que é bem importante, olha aí pro seu... pro, pro...

A – Quem poderão participar...

[...]

P – Você acha que é importante você dizer o que o 5º e o 6º ano vai fazer, que o 7º e o 8º ano, ou não? Você acha que não precisa colocar isso? Aqui nós vimos que eles vão participar, quem pode participar, quer dizer, né. Agora aqui, vai dizer o que cada um vai fazer no concurso. Você acha que é importante colocar no anúncio? Por quê? Não, quero saber. Você acha que é importante? Porque se você achar que não é importante não precisa colocar, porque o anúncio é seu. Você acha que é importante? Pense aqui, pra quê, por quê?

A – Pra eles trabalhar com os temas que eles ficaram, com o poema do 5º e o 6º.

P – Então, você acha que é importante dizer isso no anúncio? Porque eles vão trabalhar com isso.

A – Pra eles trabalhar mais rápido e desenvolverem mais o texto.

No que diz respeito à dêixis temporal, vemos uma forte presença dos verbos no futuro, mostrando o evento e enfatizando os benefícios de fazer parte da olimpíada. Ao empregar os verbos no futuro, percebemos que o aluno projetou a perspectiva dêitica temporal diferentemente daquela da notícia, mostrando mais consciência ao perceber que o centro dêitico temporal do novo texto já não é mais o mesmo que o do texto fonte.

Durante a construção do texto, algo interessante sobre a questão temporal foi vista por nós. Quando indagado sobre uma informação relevante que deveria aparecer no texto, o aluno fez referência à data de quando seria o concurso. Porém, na notícia não há informação de quando ocorreria o certame, mas apenas a data do lançamento deste. Embora tenha se equivocado na compreensão desta passagem do texto, é válido considerar a preocupação do redator com a questão do tempo.

No que tange à dêixis espacial, encontramos marcas dessa no texto através dos verbos diretivos “Vamos” (ir) e “Venha” (vir) que apontam para a vinda de um lugar que não é descrito, todavia é tacitamente compreendido pelo leitor como sendo a escola. Desse modo, concluímos que houve a criação de um novo centro dêitico.

3.5.3 Análise do texto TA39

A razão de nossa escolha pelo texto do aluno 39 foi o fato de, diferentemente do que acontece nos três anteriores, ele apresentar de modo explícito/marcado as três coordenadas dêiticas pessoal, temporal e espacial. Interessava-nos questionar o aluno sobre o porquê da presença de tais elementos nos textos, a fim de entendermos a função discursiva desses elementos na persuasão.

(110)

Venha participar da:

Olimpíada de língua portuguesa. Alunos de todos os colégios das escolas públicas estão participando, agora só falta você. Para alunos do 6º, 7º e 8º anos a premiação são medalhas e aparelhos de som, e os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras. E os professores que estarão do seu lado aqui no colégio serão o X e a Y. Venha participar, vai até o dia 16 de agosto.

Iniciando nossa investigação pelo título do texto “Venha participar da:” conseguimos perceber a preocupação do redator em não só evocar a audiência, mas também em direcioná-la a um lugar. Lugar esse já discutido por nós enquanto campo social (HANKS, 2008). Apesar de ser uma forma inusitada, para nós, essa forma pode funcionar como um recurso retórico.

No que diz respeito à audiência, percebemos que, em princípio, ela é identificada por meio da desinência verbal “Venha”, sendo que nesta há um ‘você’ implícito. Já no decorrer do texto, vemos a presença explícita do dêitico pessoal “você”. Na tentativa de persuadir o aluno da importância de participar do concurso, o redator escreveu: “agora só falta você”.

Ainda sobre a audiência, conseguimos identificar um problema de especificação. Ao destacar apenas três séries como participantes do evento, o aluno acaba limitando o envolvimento de outras turmas. Supomos que o aluno privilegiou essas três séries, porque ele sabia que até aquele momento, em sua escola, havia apenas essas classes participando do concurso. Além disso, o aluno não se preocupou em indicar o que cada série faria no certame.

Com relação aos dêiticos temporais, percebemos o uso destes nos tempos verbais e no advérbio “agora”. O tempo presente foi usado para informar o leitor do certame, persuadindo-o, visto que faltava apenas ele (o leitor) fazer parte; ao passo que o tempo futuro

foi empregado para induzir que mais à frente ele poderia ser contemplado com as premiações. Já o advérbio “agora” representa no texto persuasivo o tempo em que o texto foi produzido e o tempo que ele foi lido, induzindo o leitor a uma participação imediata no concurso.

Um aspecto interessante - ainda sobre o tempo - foi a preocupação do aluno em precisar a data de encerramento da olimpíada na escola, sendo que essa informação não estava presente na notícia, mas foi dita por nós nas aulas anteriores.

No que tange ao dêitico espacial, encontramos-lo implicado no modo imperativo com o fito de convocar e direcionar a participação dos alunos. O verbo “venha”, empregado pelo aluno, juntamente com o dêitico “aqui”, aponta e situa o espaço escolar onde ocorreria o certame.

Até aqui, vimos no texto o quanto foi importante a presença dos dêiticos de pessoa, de tempo e de espaço na construção da persuasão; porém, com relação à audiência, percebemos alguns problemas na sua identificação e especificação. Foi percebendo essas lacunas que focamos nossa interlocução com o aluno.

Antes de adentrarmos na análise, queremos destacar que o aluno não mostrou resistência em participar da entrevista, mas assim como os outros estudantes, também revelou dificuldades em refazer seu texto, as quais foram sendo enfrentadas durante o processo de refacção. Vejamos como ficou a segunda versão do texto após a nossa intervenção:

(111) Venha participar da Olimpíada da Língua Portuguesa

Alunos das escolas públicas estão participando, agora só falta você. Participam alunos do 5º, 6º, 7º, 8º e 9º do ensino fundamental e os do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio.

Os alunos do 5º e 6º participarão no gênero “poema”; 7º e 8º no gênero “memória”; 2º e 3º anos do ensino médio no gênero “artigo de opinião”; 9º e 1º no gênero “crônica”. O tema para todos os anos é “o lugar onde vivo”.

Você poderá ganhar medalhas, livros, aparelhos de som, microcomputadores e impressoras. Os professores que estarão do seu lado aqui no colégio serão o X e a Y. Venha participar, vai até o dia 16 de agosto.

O que de imediato nos chama a atenção no texto, em comparação com a primeira versão, foi o fato de o aluno ter complementado o título com a expressão “Olimpíada da Língua Portuguesa”.

Assim como na primeira versão, há um “você” implicado no título (presente da desinência verbal) invocando o leitor a fazer parte do concurso. Esse “você” invocado no título se materializa, no corpo do texto, como forma de reforçar a persuasão do leitor através da interação. Ao questionarmos sobre o porquê do uso desse termo, o aluno mostra-se atento com a audiência:

...

P – E por que você empregou o você? Você quis se referir a quem?

A – À pessoa que tava lendo.

Essa preocupação com o leitor também se refletiu quando perguntamos ao aluno sobre o público-alvo da olimpíada. O aluno negou que qualquer pessoa poderia participar do certame. Essa reflexão provocou uma nova especificação da audiência, que, na primeira versão, limitou-se a três séries escolares “6º, 7º e 8º anos”. Na segunda versão, a especificação da audiência foi ampliada, contemplando todas as séries escolares. Também alertamos o aluno sobre a necessidade da não repetição da notícia tal e qual, estimulando-o a retextualizar, a mudar o centro dêitico, saindo de um discurso expositivo, para outro, neste caso, o injuntivo, projetando assim, as coordenadas dêiticas para uma nova realidade discursiva (FONSECA, 1996; COUTINHO, 2008).

P – Agora, sem copiar do jeito que está na notícia, né. Como é que você pode colocar no seu anúncio? Você tem que pensar sempre assim: que ele vai ter que ser um texto bem atraente, bem diferente, assim pra pegar o leitor, né.

A – Tem que botar (+) acho que teria que botar todas as séries que poderia participar.

Com relação à dêixis temporal, os tempos verbais em nada foram alterados de uma versão para outra. Todavia, o que mais nos chamou a atenção foi o emprego do dêitico “agora”, e desejando saber os motivos de tal uso, questionamos o aluno:

P – Por que você quis colocar esse “agora”? O que é que você pensa assim? Num pense que é coisa do outro mundo não, sabe. É algo bem simples mesmo do dia a dia que a gente faz, né. Mas quando você quis colocar esse agora, você tinha a intenção de quê?

A – Para falar que só falta ele agora.

Percebemos que a finalidade do emprego do dêitico “agora” era, de fato, persuadir o leitor, alertando-o para não deixar passar a oportunidade de fazer parte do concurso. Vale notar que essa resposta do aluno veio confirmar a interpretação que demos ao emprego dessa forma dêitica quando analisamos o texto, antes da entrevista com o aluno/autor.

Não houve diferença de uma versão para outra com relação aos dêiticos espaciais. No entanto, achamos importante perguntar ao aluno sobre os usos destes elementos. No que concerne ao uso do verbo diretivo “Venha”, vejamos o diálogo que se desenvolveu entre o pesquisador e o aluno, autor do texto:

P – Por que você escreveu o verbo venha? Qual foi a intenção? ... Por que você não escreveu outro verbo, por exemplo: corra ou então chegue. Você colocou o venha porquê?

A – Para eles participar, vir participar.

É interessante observar que, nessa fala, o uso do verbo diretivo, empregado no modo imperativo, persuade o leitor a vir para um novo centro dêitico (SEGAL, 1995). Isso só foi possível pela reorganização das coordenadas dêiticas, cuja *origo* não é mais a da notícia, pois os termos dêiticos estão ancorados em uma nova cena enunciativa, o anúncio.

É importante também destacar o emprego do dêitico “aqui” no texto. Ao indagarmos sobre o uso desse elemento, não obtivemos respostas fora do comum, pelo contrário, o aluno apenas disse que usa o “aqui” para dizer que o concurso aconteceria na escola.

P – Por que você colocou aqui no colégio?

A – Pra falar que era no colégio.

Isso nos faz entender que o aluno, ao produzir seu texto, considera o contexto em que está inserido. Embora em nenhum momento a notícia informe o local onde será realizada a olimpíada, ele marcou no texto esse espaço com o dêitico “aqui” mais o especificador “na escola”.

3.5.4 Análise do texto TA42

O critério elencado por nós ao optar por esse texto foi a ausência da especificação do leitor. Tendo em vista o papel essencial da audiência na efetivação do texto persuasivo (HOSENFELD; DUCHAN; HIGGINBOTHAN, 1995) - algo já bastante discutido nos segmentos anteriores desta dissertação - buscamos orientar o aluno a refazer o texto com o fim de precisar o público-alvo. Vejamos a primeira versão seguida da análise:

(112)

Acredite em você

Gente, vocês alunos, por favor, participem da Olimpíada da Língua Portuguesa. Gente, vocês só têm a ganhar, além de tudo isso, você vai aprender muito mais e vocês só tem a ganhar. E de tudo isso, vocês ainda vão ganhar várias coisas como, por exemplo: os prêmios, você só tem a ganhar com isso. Gente, acredite em você.

Começando nossa análise pelo título “Acredite em você”, percebemos que o redator se preocupou em persuadir o leitor, alertando-o sobre a necessidade imperiosa de acreditar em si. Para tanto, além de empregar o verbo no modo imperativo, buscou invocar o público-alvo se valendo do tão comum indicador de audiência o dêitico “você” (HOSENFELD; DUCHAN; HIGGINBOTHAN, 1995). Impressiona a frequência da repetição do dêitico “você” e do termo “gente”, referindo-se a segunda pessoa, no caso o leitor. Retomando a afirmação de Biber (1989), associamos esse uso linguístico à ideia de que essa referência é própria de textos com alto nível de interação.

Além deste dêitico, também colaboram para a identificação da audiência as expressões “gente” e “alunos”. Conquanto a audiência tenha sido evocada, a referência generalizada causaria, de certa forma, imprecisão ao leitor sobre quem poderia participar do concurso.

Com referência à dêixis temporal, vemos que o emprego do verbo no imperativo “Acredite” e no presente do indicativo “têm” reforçam o convite ao leitor a fazer parte do certame. Em alguns casos, a presença da locução verbal (presente do indicativo + verbo no infinitivo) foi empregada para exprimir ideia de futuro, mostrando ao leitor os possíveis benefícios advindos da ação que ele estava sendo convidado a realizar: inscrever-se na olimpíada.

No que diz respeito à dêixis espacial, não há marcas da construção de um centro dêitico, seja através do uso de verbos, seja por meio do recurso a advérbios que possam direcionar o leitor a se deslocar para um determinado espaço. Como falamos em outras ocasiões, a moldura textual, juntamente com o campo social (HANKS, 2008) onde circula o texto, permite ao leitor inferir que o lugar de realização do certame é a escola. Essa seria uma construção pressuposta pelo redator, decorrente de sua inserção cultural.

Antes de nos voltarmos para a análise detalhada da segunda versão, vale observar uma nota de campo, a qual reflete o trabalho que temos em produzir um texto, que é um processo árduo, custoso e bem diferente do que muitas vezes nos fizeram acreditar:

Nessa entrevista sentimos, por parte do aluno, uma maior dificuldade, comparando com os alunos anteriores, em construir seu texto, prova disso foi o silêncio em boa parte da interação. O aluno hesitava bastante e demonstrava não saber como expressar suas ideias. Foi por isso que em um momento dissemos para ele que a produção de um texto, por mais que seja pequeno, não é algo simples, fácil de construir, mas complexo e que precisa de idas e vindas para alcançarmos o nosso propósito comunicativo.

Passemos à análise da segunda versão do texto, o exemplo (113):

(113)

Acredite em você

Gente, vocês alunos, por favor, participe da Olimpíada da Língua Portuguesa. Participarão os seguintes anos escolares: 5º, 6º, 7º, 8º e 9º do ensino fundamental e 1º, 2º e 3º anos do ensino médio.

Gente, vocês só têm a ganhar, além de tudo isso, vão aprender muito mais. Os vencedores ganharão livros medalhas, aparelhos de som, microcomputadores e impressoras.

Alunos, acreditem em você!

O título foi o primeiro aspecto abordado por nós na interação com o aluno. Nele, o aluno revela a necessidade de persuadir o leitor, tentando provocar neste a competitividade e a autoconfiança. O uso do verbo no imperativo, mais a explicitação do dêitico “você” reforça a persuasão. Como bem alerta Citelli (1991, p. 14), persuadir não é em todo caso enganar, “mas também o resultado de certa organização do discurso que o constitui como verdadeiro para o receptor”, e é isso que o redator demonstrou pretender passar ao leitor. Vejamos o trecho da entrevista em que o aluno respondeu sobre a não alteração do título:

P – O título é assim: acredite em você. Você acha que esse título está interessante? Aquela pessoa que vai passar na sua escola que vai ver e em outras também, o título assim: acredite em você, você acha que fica bom ainda? Pretende mudar ou não?

A – Fica porque assim, tipo, uma competição entre eles, e ele precisa acreditar nele, pra fazerem um texto legal, assim essas coisas...

Com relação à audiência, vimos que na primeira versão esta não foi especificada. Chamando a atenção do aluno para esse aspecto, em nossa interação, perguntamos:

P – Agora eu te pergunto: são todos os alunos que podem participar?

A – Não.

Com base em nossa intervenção, a aluna resolveu alterar seu texto precisando a sua audiência, ou seja, elencando todas as séries escolares. É interessante destacar que não houve mudança no que concerne à substituição de termos - estes continuaram os mesmos da primeira versão: “você, gente e alunos”. A aluna optou por apenas especificar a audiência.

Ainda com relação à audiência, convém apontar algo que nos chamou atenção durante a entrevista. Ao interrogarmos o aluno sobre a necessidade de dizer o que cada série escolar faria no certame, o aluno respondeu da seguinte maneira:

A – Eu acho que não precisa, se um aluno concorrer, ele já vai ficar sabendo... já basta ele saber assim...

P – Ah, você acha, você está dizendo que em sala de aula o professor vai dizer pra ele o que ele vai escrever, né?

A – Já basta ele querer ter a vontade dele, dele participar, dele querer assim que também a gente precisar perder, né... mas, ah eu quero ganhar, eu vou ganhar, (incompreensível) eu me informar mais.

P – Aaah tá certo, entendi. Tá legal, então ele pode obter essa informação depois, né. No anúncio você acha que não é tão necessário.

A – Eu acho.

No trecho acima, podemos ver que o aluno conta também com a participação do leitor na construção do texto, achando desnecessário explicitar mais informações à audiência. O aluno se preocupou mais com o efeito perlocucionário, demonstrando que o seu propósito comunicativo era fazer o leitor participar.

Com relação à dêixis temporal, encontramos uma pequena mudança da primeira para a segunda versão, que foi o emprego do verbo no tempo futuro “ganharão”. Como já comentamos, esse tempo foi usado com a ideia de apresentar ao leitor a premiação que o certame oferecia e, assim, “seduzi-lo” a se inscrever na olimpíada.

No que tange à dêixis espacial, não há nenhuma marca na segunda versão que aponte um ajuste do texto ao novo centro dêitico. No entanto, mantemos nossa argumentação de que a nova cena enunciativa implica em um espaço cujo centro está apoiado numa moldura textual.

Cabe ainda considerar que o aluno finaliza o texto reforçando sua atitude persuasiva ao invocar a audiência através do dêitico pessoal “você” para motivá-la a ter confiança em si própria: “Alunos, acreditem em você!”.

Como vimos nessa seção, apresentamos a interação que estabelecemos com quatro dos alunos pesquisados. Ao discutirmos com cada um dos educandos, encontramos algumas respostas relevantes para compreendermos certas estratégias mobilizadas na produção discursiva do texto persuasivo. Constatamos, por exemplo, que na refacção textual, os alunos tiveram uma preocupação maior em marcar/definir a audiência por meio de dêitico pessoal, seguido este muitas vezes de um sintagma nominal; além de especificar precisamente a audiência a fim de dar clareza ainda mais aos dados. Também constatamos que na reescrita os dêiticos temporais e espaciais foram utilizados para reforçar a persuasão à audiência. Diante disso, confirmamos nossa hipótese de que os alunos reformulariam seus textos a partir da interação com o professor; tendo como fim persuadir o leitor do texto, os redatores se preocuparam em marcar deiticamente as coordenadas pessoal, espacial e temporal do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho percorrido por nós ao longo desta pesquisa foi uma forma que encontramos para buscar entender melhor o modo como nossos alunos operariam a mudança dêitica numa atividade de retextualização, visando a persuadir uma audiência.

Para isso, seguimos uma abordagem teórica que desse conta desse fenômeno cognitivo-social. Partimos da contribuição dos estudos sociocognitivista da linguagem relacionando-o com os pressupostos da referenciação, até chegarmos propriamente à Teoria da Mudança Dêitica (ZUBIN, HEWITT, 1995; SEGAL, 1995).

Tendo em vista a orientação de Hosenfeld, Duchan e Higginbothan (1995) de que a manipulação competente das perspectivas dêiticas no texto persuasivo é fundamental para sua efetivação, fizemos um breve panorama dos estudos sobre a dêixis, indo da perspectiva tradicional (LAHUD, 1979; BÜHLER, 1982; CERVONI, 1989; BENVENISTE, 1995; LEVINSON, 2007) até as mais contemporâneas (FONSECA, 1989, 1996; DUCHAN; BRUDER; HEWITT, 1995; SEGAL, 1995; HANKS, 2008).

A relação estabelecida entre as diversas abordagens do conceito de dêixis nos permitiram enxergar o fenômeno da mudança dêitica de modo global, não limitado somente ao discurso narrativo (ZUBIN; HEWITT, 1995), mas compreendendo-o como parte essencial de todo e qualquer discurso, haja vista a dêixis ser um referencial basilar na organização discursiva, pois não há como usar a língua sem levar em conta os aspectos dêíticos.

Considerando o importante papel da manipulação das coordenadas dêíticas no discurso persuasivo (HOSENFELD; DUCHAN; HIGGINBOTHAN, 1995), objetivamos neste trabalho tentar compreender a quais estratégias os alunos recorreriam e, além disso, de que maneira, com a intervenção do professor-pesquisador, modificariam seus textos tendo em mente o propósito de imprimir ao discurso um caráter mais efetivamente persuasivo. Embora reconheçamos ainda limitado o foco dos autores em destacar o papel das formas dêíticas na construção do texto persuasivo, consideramos que, em termos de aspectos a serem explorados no ensino, a marcação dêitica representa uma boa contribuição significativa para os problemas que encontramos no cotidiano escolar.

Como vimos nas análises, quando nos detivemos no problema da mudança dêitica nos textos escritos, pudemos constatar alguns dados interessantes sobre o modo como as coordenadas dêíticas foram marcadas pelos alunos.

No que tange aos textos dos alunos em que não houve nenhuma referência a audiência, seja por meio de dêiticos pessoais ou não, confirmamos nossa hipótese de que alguns alunos teriam dificuldade em manipular as perspectivas dêiticas ao produzirem um texto persuasivo a partir de um texto expositivo, enfraquecendo a audiência pretendida.

Diferente do que ocorreu na pesquisa de Hosenfeld, Duchan e Higginbothan (1995), em que grande parte dos sujeitos pesquisados não invocaram diretamente a audiência, em nosso estudo o mesmo não aconteceu; como vimos, dos 51 textos, 37 invocaram de forma direta o leitor. Creditamos essa diferença ao fato de os sujeitos pesquisados pelos autores escreverem o texto em uma língua estrangeira, enquanto os alunos sujeitos de nossa pesquisa escreveram em língua materna. O indiscutível maior domínio da língua foi, a nosso ver, um fator importante para que nossos sujeitos usassem estratégias mais “eficientes” que os da pesquisa de Hosenfeld, Duchan e Higginbothan (1995).

Com relação aos textos que invocaram diretamente a audiência, encontramos uma ocorrência considerável de referência dêitica pessoal, de modo específico, o uso do dêitico “você”; assim também como outras expressões referenciais que mencionaram o público leitor. No entanto, em muitos casos, a mudança de perspectiva dêitica não foi acompanhada da retextualização das informações da notícia, o que interpretamos como desatenção à cena enunciativa criada pelo novo campo dêitico (SEGAL, 1995; FONSECA, 1996).

Ainda sobre a audiência, algo interessante que verificamos nos textos dos alunos foi a diversidade de maneiras pelas quais eles se referiram à audiência, com o uso do pronome pessoal; do pronome pessoal seguido de um especificador e da desinência verbal referindo-se ao aluno-leitor. Entendemos que, por ser de uso mais familiar/coloquial, o emprego da forma dêitica pessoal “você” foi o que mais apareceu. Comparando com a pesquisa de Hosenfeld, Duchan e Higginbothan (1995), encontramos semelhanças quanto à variedade de formas, embora, segundo os autores, a forma predominante em seus textos tenha sido a referência de terceira pessoa. Esse detalhe vem também reforçar nossa hipótese de que nossos sujeitos foram favorecidos pelo fato de estarem escrevendo em língua materna.

Cabe destacar, porém, que, embora a audiência tenha sido invocada diretamente pelos alunos em seus textos, constatamos que ela foi mencionada de forma bastante difusa e imprecisa, chegando em alguns casos a ser equivocada.

Com relação à dêixis temporal, vimos que a maior parte dos alunos que invocou diretamente a audiência, atentando para a nova cena enunciativa, atualizou em seu novo texto

os dêiticos de tempo. A não projeção das coordenadas dêiticas para um novo centro foi um dos fatores para a não atualização da questão temporal nos textos. Somente em dois casos, encontramos o dêitico “agora” fazendo referência ao tempo do leitor do texto.

No que diz respeito à dêixis espacial, percebemos o quanto foi reduzida à referência ao espaço físico onde ocorreria a olimpíada. Entendemos que essa baixa ocorrência, ou até mesmo ausência - na grande maioria dos casos - dos dêiticos espaciais, foi de certa forma compensada pelo conhecimento pragmático que os alunos possuíam sobre o local da realização da olimpíada, criando o que chamamos de uma moldura espacial para o texto. Vale ressaltar que essa moldura espacial só foi possível ser criada porque o campo social, neste caso o escolar, era compartilhado pelos alunos; consoante Hanks (2008), é no campo social que os dêiticos são incorporados pelos interlocutores nas práticas cotidianas.

Sobre a relação entre os títulos e o que havia escrito no corpo do texto, a variedade dos títulos nos levou a categorizá-los em um *continuum* de interatividade com o leitor do texto. Verificamos que a invocação direta da audiência nos textos não coincidiu em muitos casos com a interação proposto pelo título.

A interação vivenciada durante a entrevista entre professor-pesquisador e quatro alunos que apresentaram em seus textos problemas específicos na marcação da mudança dêitica foi positiva, uma vez que a mediação do professor resultou em uma expressiva melhora na segunda versão do texto, não somente na retextualização, mas sobretudo, quanto à atenção dispensada à projeção das coordenadas dêiticas pessoal, temporal e espacial, a fim de provocar a persuasão ao interlocutor.

Ao escolhermos textos que apresentaram problemas particulares de marcação da mudança dêitica, não tivemos acesso às explicações dos alunos que demonstraram maior proficiência no trato dessa questão sobre as estratégias que adotaram na escrita do texto. Fica aqui registrada uma lacuna a ser pesquisada no futuro. Uma outra proposta de pesquisa que julgamos importante seria junto à atuação do professor enquanto mediador do processo de construção da aprendizagem pelo aluno. Conforme revelaram os resultados da interação que tivemos com os alunos, estes foram capazes de, com a mediação do professor, identificar problemas em seus textos e solucioná-los.

Com este trabalho, focalizamos um fenômeno bem específico da linguagem: a dêixis, que é elemento fundamental para a compreensão e a produção de discursos. Ao investigá-la nos textos dos alunos pesquisados, constatamos que muitos deles têm um caminho longo a percorrer até chegar a produzir textos persuasivos de acordo a estrutura canônica do discurso persuasivo. Também acreditamos que para o aluno escrever com mais proficiência, o

professor precisa estar ciente da manipulação das coordenadas dêiticas em todo e qualquer discurso, não somente no persuasivo, que foi o abordado por nós. Cremos que a interação pode ser um bom começo para juntos, professor e aluno, construir conhecimento.

Finalizamos o trabalho, destacando o aprendizado que esta pesquisa nos proporcionou. A ideia que tínhamos de uma metodologia rígida, pronta e acabada facilmente deu lugar à mobilidade inquietante que só uma pesquisa em campo oferece. Ao percebermos que o fenômeno que investigávamos não era tão simples como imaginávamos, fomos tomando novas rotas em buscando entender um pouco mais o fenômeno da dêixis.

Foi propriamente na interação com os alunos que vimos várias demandas surgirem e com elas novas formas de tentar compreender a linguagem. A interação vivenciada com os alunos ao longo da pesquisa foi tão importante que pudemos sentir uma transformação, não somente da parte deles, mas também de nossa parte, o que resultou em envolvimento e cumplicidade na construção mútua do saber.

REFERÊNCIAS

ABRAÇADO, J. **Dêixis**: uma gramática de referência deveria começar por aí. Disponível em: <http://www.mundoalfal.org/ProjCamacho.htm>. Acesso em: 15 abr. 2010.

ARAÚJO, I. L. **Do signo ao discurso**: introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola, 2004.

ARIEL, M. Linguistic marking of physical givenness. In: **Second Colloquium on Deixis**. Nancy, 1996. Disponível em: <http://www.loria.fr/~romary/Deixis/PapersDeixis> . Acesso: 12 abr. 2010.

_____. Accessibility theory: an overview. In: SANDERS T; SCHILPEROORD, J.; SPOOREN, W. **Text representation**: linguistics and psycholinguistics aspects. Amsterdam/Philladelphia:Benjamins, 2001, p. 29-89.

AUSTIN, J.L. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAZERMAN, C. Introdução do Autor: o estudante como agente. In: **Gênero, agência e escrita**. HOFFNAGEL, J. C.; DIONÍSIO, A. P. (Org.). São Paulo: Cortez, 2006, p. 9-21.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina de Almeida P. Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BEAUGRANDE, R-.; DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics**. London and New York: Longman, 1981.

BELEI, R.A. *et al.* O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação**. Pelotas, v. 30, 187 – 199, jan./jun. 2008.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luiza Nori; revisão Isaac N. Salum. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

_____. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BIBER, D. **Variation across speech and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser, ou a fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix, 1983.

BORTONI-RICARDO, S.M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BÜHLER, K. The deitic field of language and deictic words. In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. (eds.) **Speech, place and action: studies in deixis and related topics**. New York: John Wiley and Sons, 1982, p. 9-30.

CHALHUB, S. **Funções da Linguagem**. São Paulo: Ática, 1995.

CARDOSO, S. H. B. **A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão dos discursos**. São Paulo: Autores Associados, 2003.

CAVALCANTE, M. M. **Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos**. 2000. 204f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

_____. **Referenciação: sobre coisa ditas e não-ditas**. (no prelo, a)

_____. **Texto e Discurso**. (no prelo b)

CERVONI, J. **A enunciação**. Tradução de L. Garcia dos Santos; revisão do Valter Kehdi. São Paulo: Ática, 1989.

CITELLI, A. **Linguagem e Persuasão**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

CIULLA, A. **Os processos de referências e suas funções discursivas: o universo literário dos contos**. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

_____. **A referenciação anafórica e dêitica** – com atenção especial para os dêiticos discursivos. 2002. 90f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

COSTA, M. H. A. O fenômeno dêitico e seu alcance na interpretação do discurso. In: **Discurso e práticas sociais** – ANAIS – III Colóquio ALED Brasil (CD-rom). Recife, 2010.

_____, M.H.A. Linguagem como interlocução, aprendizagem como cognição situada. **Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 151-167, 2010.

_____, M.H.A. **Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão**. 2007. 214f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

_____, M.H.A. **De quadrinhos a narrativas**: a recontextualização do discurso na escrita infantil. 2000. 130f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

COURA-SOBRINHO, J.; SILVA, S.R.E. da. Considerações básicas sobre pesquisa em sala de aula. **Revista de Estudos da linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 51-58, 1998.

COUTINHO, M. A. A deixis fictiva na prosa poética. In Oliveira, F.; Duarte, I. M. (orgs). *O Fascínio da linguagem*. Actas do Colóquio de homenagem a Fernanda Irene Fonseca. Porto: CLUP/FLUP, 2008, p. 297-308. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6711.pdf>. Acesso em: 03 set. 2010.

DÖRNYEI, Z. Introduction: what is research and how does this book approach it? **Research Methods in Applied Linguistics**. Oxford University Press, 1992, p. 15-23.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FILLMORE, C. **Lectures on deixis**. Berkeley: University of California, 1971.

FILLMORE, C. Towards a descriptive framework for spatial deixis. In: JARVELLA, RJ.; KLEIN, W. (eds.) **Speech, place and action**: studies in deixis and related topics. New York: John Wiley and Sons, 1982, p. 31-59.

FLORES, V. N. *et al.* **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.

FONSECA, F. I. **Dêixis, tempo e narração**. (Tese de doutorado). Porto: UP, 1989.

FONSECA, F. I. Dêixis e pragmática lingüística. In: FARIA, I. H.; PEDRO, E. R.; GOUVEIA, C. A. M. **Introdução à lingüística geral e portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1996, p. 437-445.

GALBRAITH, M. Deictic shift theory and the poetics of involvement in narrative. In: DUCHAN, F. J. BRUDER, G. A.; HEWITT, L. E. **Deixis in narrative**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995. p. 19-59.

HANKS, W. F. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourieu e Bakhtin. Org. Anna Christina Bentes, Renato C. Rezende, Marco A. R. Machado. Tradução Anna Christina Bentes; revisão técnica Anna Christina Bentes, Maurizio Gnerre. São Paulo: Cortez, 2008.

HOSENFELD, C.; DUCHAN, J. F.; HIGGINBOTHAM, J. Deixis in persuasive texts written by bilinguals of differing degrees of expertise. In: DUCHAN, J. F.; BRUDER, G. A.; HEWITT, L.E. **Deixis in narrative**: a cognitive science perspective. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995. p. 407-420.

KOCH, I.G.V.; CUNHA-LIMA, M.L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KOCH, I.V.; ELIAS, V.M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, I.G.V. A construção dos sentidos no discurso: uma abordagem sociocognitiva. **Investigações**: linguística e teoria literária, Recife, v. 18, n. 2, p. 9-37, jul. 2005.

KOCH, I.G.V. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I.G.V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez: 2002.

LAHUD, M. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LYONS, J. **Semantics**. London: Cambridge University Press. 2.v., 1977.

LYONS, J. Deixis and subjectivity: loquor, ergo sum? In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. (eds.) **Speech, place and action: studies in deixis and related topics**. New York: John Wiley and Sons, 1982, p. 101-23.

MARTINS, A. C. O lugar da dêixis na descrição da língua. **Forum Media**, 2, Revista do Curso de Comunicação Social, ISPV. Disponível em: <http://www.ipv.pt/forumedia/Forum_2.htm> Acesso em: 05 abr. 2010.

McKAY, S.L. **Researching second language classroom**. Mahwah, NJ : Lawrence Erlbaum Associates, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita** : atividades de retextualização. São Paulo : Cortez, 2001.

MONDADA E DUBOIS. Construção dos objetos do discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

MOREIRA, E. O. **O processo de revisão da escrita**: o que o docente privilegia no trabalho com o texto (Tese de Doutorado). Fortaleza: UFC, 2009.

OTTONI, P. R. **Visão performativa da linguagem**. Campinas: UNICAMP, 1998.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução Maria Ermantina de Almeida P. Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes: 2005.

PINKER, S. **Como a mente funciona**. (Tradução de Laura T. Motta). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

POSSENTI, S. **Questões para analista do discurso**. São Paulo: Parábola, 2009.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1998.

RAJAGOPALAN, K. **Nova Pragmática**: fases e feições de um fazer. São Paulo: Parábola, 2010.

RAJAGOPALAN, K. Prefácio. In: FERREIRA, R. **Guerra na língua**: mídia, poder e terrorismo. Fortaleza: EdUECE, 2007.

SEGAL, E.M. Narrative comprehension and the Role of Deictic Shift Theory. In: DUCHAN, J. F; BRUDER, G. A.; HEWITT, L.E. **Deixis in narrative**: a cognitive science perspective. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995, p. 3-17.

SERAFINI, M.T. **Como escrever textos**. Tradução de Maria Augusta B. de Matos; adaptação de Ana Maria M. Garcia. 9ª ed. São Paulo: Globo, 1998.

THEREZO, G. P. **Como corrigir redação**. Campinas, SP: Alínea, 2008.

VARELA, F., THOMPSON, E. e ROSCH, E. **The embodied mind**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1991.

ZUBIN, D.A.; HEWITT, L.E. The deictic center: a theory of deixis in narrative. In: DUCHAN, J. F; BRUDER, G. A.; HEWITT, L.E. **Deixis in narrative**: a cognitive science perspective. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995, p. 129-155.

ANEXOS

ANEXO A

Notícia utilizada no estudo piloto

02/03/2010 - 07h07 - Da Redação em São Paulo

Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/ultnot/2010/03/02/ult105u9128.jhtm>> - Acesso em: 05/04/10

A segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa 2010 recebe inscrições a partir desta terça-feira (2). O concurso será lançado na terça-feira, 2 de março, na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. Adesões de secretarias de educação e inscrições de professores poderão ser feitas até 14 de maio pela internet. A pasta espera receber inscrições de 9 milhões de alunos e de 300 mil professores. A expectativa é que 80 mil escolas participem. É necessário que as redes de ensino façam sua adesão ao concurso.

Quem pode participar

Podem participar professores e alunos dos seguintes anos escolares: 5º, 6º, 7º, 8º e 9º do ensino fundamental e 1º, 2º e 3º anos do ensino médio. Os alunos de 5º e 6º anos participam no gênero "poema", os de 7º e 8º anos desenvolvem textos do gênero "memórias"; e os de 2º e 3º anos do ensino médio trabalham com o gênero "artigo de opinião". Neste ano foi criado o gênero "crônica", para estudantes do 9º ano do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio. O tema para todas as categorias é "o lugar onde vivo".

Como é o concurso

Alunos e professores participarão de etapas escolares, municipais, estaduais e regionais e da nacional. Serão selecionados 500 textos semifinalistas na etapa estadual, 152 na regional e 20 na nacional. Estudante e docente serão premiados. Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros; os 152 finalistas, medalhas e aparelhos de som. Os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras. O concurso acontece a cada dois anos e a primeira edição, realizada em 2008 teve 6 milhões de estudantes. A competição é realizada em parceria do MEC com a Fundação Itaú Social e o Cenpec (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária).

ANEXO B

TA1

IMPORTANTE

Caros alunos dos anos escolares 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos. Está começando mais uma edição da Olimpíada da Língua Portuguesa e eu e o Ministério da Educação esperamos que todos vocês participem dessa olimpíada. As inscrições começaram no dia 02 de março e irão até o dia 14 de maio. As inscrições poderão ser feitas também pela internet. Nós iremos passar por 5 etapas que serão: escolares, municipais, estaduais e regionais e a última etapa que será a etapa nacional. Serão selecionados 500 textos semifinalistas na etapa estadual, 152 na regional e 20 na nacional. Serão premiados alunos e professores.

Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalha e livros, os 152 escolhidos na fase regional receberão medalhas e aparelhos de som e os 20 vencedores na fase nacional receberão medalhas microcomputadores e impressoras.

Obrigada pela sua atenção!

TA2

Língua Portuguesa

A partir de terça-feira, a segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa de 2010 recebe inscrições, terça-feira 2 de março, na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. As adesões de secretarias de educação e inscrições de professores poderão ser feitas até 14 de maio pela internet.

TA3

Vamos brincar como entrevista

A Olimpíada de Língua Portuguesa tem várias novidades. A pasta espera receber inscrições de 9 mil alunos e de 300 mil professores. A expectativa é que 80 mil escolas participem. Alunos e professores participarão de todas as etapas escolares, municipais, estaduais e regionais e da nacional. Neste ano foi criado o gênero "Crônica" para os estudantes do 9º ano do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio, os alunos de 5º e 6º anos participam no gênero "Poema". Os [alunos] de 7º e 8º anos desenvolvem texto de gênero "Memórias", e os [alunos] de 2º a 3º anos do ensino médio trabalham com o gênero "Artigo de Opinião".

TA4

Importante

A segunda edição da olimpíada da língua portuguesa de 2010. Quem participa entre 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental e 1º, 2º, 3º anos do ensino médio. Os alunos do 6º ano participam [com o gênero] "Poema". Eu gostei, teve numa hora que eu não queria fazer, mas quando eu soube que era importante, eu me interessei fazer a segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa.

TA5

Olimpíadas da Língua Portuguesa

A Olimpíada da Língua Portuguesa de 2010 é para os alunos e professores das seguintes séries: 5º, 6º, 7º, 8º, 9º anos. Ele serve para os alunos criarem poemas, anúncios e etc.

Os alunos participarão de 5 etapas, escolares, municipais, estaduais, regionais e nacionais.

Os alunos também receberão prêmios como medalhas, livros e muito mais.

Essa competição é realizada com a parceira com o MEC, com a Fundação Itaú Social e o CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária).

Essa olimpíada é muito importante para os alunos desenvolverem mais na leitura e ter um bom desempenho em sala de aula.

TA6

Vamos brincar com as letras

A segunda edição da olimpíada da língua portuguesa recebe inscrições a partir da etapas escolares municipais, regional e da nacional. Serão selecionados 500 textos semifinalista na etapa estadual. Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros; os 152 finalistas medalhas e aparelhos e som e medalhas e microcomputadores impressoras. O concurso acontece a cada dois anos e a primeira edição realizado em 2008 teve 6 milhões de estudantes.

TA7

Anúncio importante

A segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa de 2010. As inscrições podem ser feitas até o dia 14 de maio pela internet. Poderão participar as seguintes séries 5º, 6º, 7º, 8º, 9º ano do ensino fundamental e 1º, 2º, 3º ano do ensino médio.

Trazem com prêmios os 500 finalistas escolhidos na etapa estadual, 152 na etapa regional e 20 na etapa nacional.

Seguintes prêmios para os 500 escolhidos receberão medalhas e livros; os 152 [selecionados] receberão medalhas e aparelhos de som; os 20 vencedores receberão medalhas, microcomputadores e impressoras.

O concurso acontece a cada 2 anos, ano de 2008 foram 6 milhões de estudantes.

TA8

ENTREVISTA

A segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa 2010 receberá inscrições a partir desta terça-feira, podem participar somente professores e alunos.

A pasta espera receber inscrições de 9 milhões de alunos e de 300 mil professores. O concurso será lançado na terça-feira, 2 de março, na Academia Brasileira de Letras.

Os alunos de 5º e 6º anos participaram no gênero “Poema”. Neste ano foi criado o gênero “Crônica” para os alunos do 9º ano do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio.

TA9

O que eu tenho pra falar

Eu acho a Olimpíada de Língua Portuguesa muito boa. Gosto participo. Eu adoro a Olimpíada de Língua Portuguesa, por exemplo, eu gostei quando o professor X falou da pesquisa sobre as olimpíadas. Eu gosto demais. Só isso que tenho para falar.

TA10

Obs.: Alunos de todo Brasil, a partir desta terça-feira (2) o concurso será lançado na Academia Brasileira de Letras. Alunos, façam as suas inscrições: anos escolares 5º, 6º, 7º, 8º, 9º do ensino fundamental. Alunos, façam suas inscrições da Olimpíada [de Língua] Portuguesa.

TA11

A Língua Portuguesa

A Olimpíada [da Língua] Portuguesa recebe inscrições de 9 milhões de alunos para participar. Para participar da olimpíada de 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental para participar do concurso.

Os estudantes e adolescentes serão premiados e escolhidos para receberem os brindes, como medalhas, aparelhos de som ou microcomputadores, por isso neste ano é [foi] criado o gênero “Crônica” para estudantes do 9º ano do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio.

TA12

A partir de terça-feira, a segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa de 2010 recebe inscrições a partir desta terça-feira. O concurso será lançado na terça-feira, 2 de março, na academia de professores. Poderão ser feitas até 14 de maio pela internet.

A pasta espera receber inscrições de 9 milhões de alunos e 300 mil professores. A expectativa é que 80 mil escolas participem. É necessário que as redes de ensino façam sua adesão ao concurso.

TA13

Vamos brincar com a língua portuguesa

Esse título foi criado para que você venha brincar com as palavras, você terá que construir vários textos: crônicas, poemas, memórias. Cada um destas séries 5ª, 6ª, 7ª, 8ª, 9ª. Uma dessas pessoas será escolhida para as etapas escolares, municipais, estaduais. Você terá que passar por todas as etapas. Será selecionado um semifinalista, um desses finalistas poderá ser você. Você [poderá] ganhar um microcomputador e uma impressora.

Se você quer participar, venha logo porque a próxima será só em 2011. Venha participar. Vamos brincar com a língua portuguesa. Venha logo, [a Olimpíada de Língua Portuguesa] está esperando você. (TA13)

TA14

Brincando e Aprendendo

A olimpíada de língua portuguesa está abrindo muitas oportunidades para todos os alunos e também a língua portuguesa é muito importante para o desempenho dos alunos.

TA15

VAMOS BRINCAR DE “POEMAS”

Caros alunos, estamos fazendo esse anúncio para vocês sobre a Olimpíada de Língua Portuguesa. Os alunos de 5º e 6º anos participarão do gênero “Poema”; os alunos do 7º e 8º do gênero “Memórias”. Os 500 escolhidos receberão medalhas e livros.

TA16

Olimpíadas Da Língua Portuguesa

A segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa já começou, a partir desta terça-feira, as inscrições já estão abertas, então, não perca seu tempo e se inscreva, a expectativa é que 80 mil participem. Os participantes são alunos e professores dos anos escolares seguintes: 5º, 6º, 7º, 8º, 9º do ensino fundamental. Os gêneros serão 5º e 6º anos é gênero “Poema”; 7º e 8º “Memórias”; e no 9º [ano] é que neste ano foi criado [o gênero] “Crônicas”.

O concurso é assim: os alunos e professores participarão de etapas escolares, municipais, estaduais, regionais e nacionais.

Serão 500 os escolhidos na fase estaduais, ganharão medalhas e livros, os 152 finalistas ganharão medalhas e aparelhos de som, os 20 vencedores ganharão medalhas, micro computadores e impressoras. A competição é realizada em parceria com o MEC e com a Fundação Social Itaú. Então, participe.

TA17

Como fazer para que outras pessoas participem

A Olimpíada de Português é um tipo de olimpíada que fica em primeiro e segundo e terceiro ganha prêmios, mas muitos. O Ministério da Educação quer pelo menos 9 milhões de alunos e 300 mil professores participem. Se você participar, igual eu, você tem chance de ganhar prêmios, mas todas as crianças, crianças ou pré-adolescentes só pode participar quem estiver estudando nas seguintes séries: 5ª, 6ª, 7ª, 8ª, 9ª do ensino fundamental e 1ª, 2ª, 3ª do ensino médio. Mas para cada um tem seu tema tipo 5º e 6º anos participam do gênero “poema”; 7º e 8º anos desenvolve textos do gênero memória “memórias”; e os de 2º e 3º anos do ensino médio trabalha com o gênero “artigo de opinião”. Mas foi criado o gênero “crônica” para alunos do 9º ano do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio. Se você ganhar, você [receberá] medalhas, livros, aparelhos de som, microcomputadores e impressoras. O concurso acontece a cada dois anos e a primeira edição realizada em 2008, teve a participação de 6 mil alunos. Participe também, faça igual eu.

TA18

Como participar do concurso da língua portuguesa

A segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa de 2010 recebe inscrições a partir desta terça-feira (2). O concurso será lançado no dia 02 de março na Academia Brasileira de Letras no Rio de Janeiro. Adesões de secretarias de educação e inscrição receberá inscrições de 9 milhões de alunos e de 300 mil professores. A expectativa é que 80 mil escolas participem. É necessário que as redes [de ensino participem].

Quem pode participar?

Podem participar todos os professores e alunos das seguintes anos escolares: 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental, e 1º, 2º, 3º anos do ensino médio. O tema para todas as categorias é “O lugar onde vivo”.

Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros; os 152 finalistas, medalhas e aparelhos de som; os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras.

A primeira edição, realizada em 2008, teve 6 milhões de estudantes.

TA19

Convite para a Olimpíada da Língua Portuguesa

Olá, alunos do 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos, venham participar da Olimpíada da Língua Portuguesa. Como é o concurso. Serão selecionados 500 textos semifinalistas na etapa estadual, 152 na regional e 20 na estadual. Estudantes e docentes serão premiados. Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros; os 152 finalistas, medalhas e aparelhos de som. Os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras. O concurso acontece a cada dois anos, e a primeira edição realizada em 2008 teve 6 milhões de estudantes. Os alunos de 5º e 6º anos participarão no gênero “Poema”, os de 7º e 8º anos desenvolvem textos do gênero “Memórias”. A pasta espera [receber] 9 milhões de alunos. Podem participar professores e alunos. Venha participar da Olimpíada de Língua Portuguesa. Você poderá ganhar muitos prêmios legais.

TA20

A olimpíada da Língua Portuguesa

A Olimpíada de Língua Portuguesa recebe inscrições a partir desta terça-feira, dia 02 de março, na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. Podendo participar professores e alunos dos seguintes anos escolares: 5º, 6º, 7º, 8º, 9º do ensino fundamental e 1º, 2º, 3º ano do ensino médio. Os alunos e professores participarão das etapas escolares, municipais, estaduais, regionais e nacionais. Mas adesões de secretarias de educação e inscrições de professores poderão ser feita até 14 de maio pela internet. Nesta etapa estadual, neste ano foi criado o gênero “Crônica” para estudantes do 9º ano do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio.

TA21

Importante

É aprende mais a segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa a partir desta terça-feira (2). O concurso será lançado no dia 2 de março, na Academia Brasileira de Letras no Rio de Janeiro. As inscrições de professores poderão ser feitas até 14 de maio pela internet, 9 milhões de alunos e de 300 mil professores não querem perder, e você também, eu sei. 80 mil escolas participam. É necessário que as redes de ensino façam sua adesão ao concurso.

Para quem pode participar

Podem participar professores e alunos dos seguintes anos: 5º, 6º, 7º, 8º, 9º ano do ensino fundamental e os alunos de 1º, 2º, 3º do ensino médio.

Beijos para todos e eu agradeço.

TA22

Sobre a olimpíada

Eu li o anúncio e achei muito interessante a olimpíada da língua portuguesa. [Ela] inclui várias séries como: 5º, 6º, 7º, 8º e 9º do ensino fundamental e o 1º, 2º, 3º do ensino medo. Dos 500 textos escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros; dos 152 escolhidos ganharão medalhas e aparelhos de som. E os 20 vencedores da etapa nacional ganharão microcomputadores e impressoras, e o melhor, o concurso acontece em dois em dois anos.

TA23

Venha conferir

Atenção, professores e alunos do Colégio A. N. B., que estamos fazendo o concurso de olimpíada da língua portuguesa. Alunos e professores [passarão por] etapas, municipais, estaduais e regionais e da nacional. Serão selecionados 500 textos semifinalista na etapa estadual, 152 na regional, estaduais e nacional e docentes e serão estadual premiados. Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e aparelhos de som. Os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas e microcomputadores e impressoras.

TA24

Venha, galera, participar da Olimpíada de Português

Nunca feche os olhos para o mundo, pois alguém espera pelo brilho do seu olhar.

Vamos participar, galera, e ganhar muitos prêmios legais, como: um computador, um aparelho de som. Vem galera, vem participar da Olimpíada de Português.

TA25

A segunda edição de língua portuguesa.

A expectativa é que 80 mil escolas participem. Então participe. Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros; os 152 finalista medalhas e aparelhos de som. Os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras. Se inscrevam.

TA26

Venha conhecer a O.L.P.

Eu vou fazer um anuncio para você conhecer a Olimpíadas da Língua Portuguesa de 2010.

Quem pode participar.

Podem participar professores e alunos dos seguintes anos escolares 5º, 6º, 7º, 8º e do 9º [e] do ensino médio.

Vem participar da O. L. P, é muito legal.

Vem participar, não perca tempo. (TA26)

TA27

Venham participar do O.L.P.

A olimpíada da língua portuguesa é um incentivo para as pessoas que gostam de concorrer com outras pessoas.

Participam os anos 5º, 6º, 7º. Como é o concurso. Alunos e professores participaram de etapas escolares, municipais, estaduais, regional e da nacional.

E o tema para todas as categorias é “O lugar onde vivo”.

TA28

Para os alunos aprenderem literatura

Eu vou convidar os alunos da escola para se interessar na língua portuguesa e para aprender muito e se interessar para aprender e conhecer o texto se interessar muito na olimpíada de português e aprender coisas interessantes. E se vocês do 6º, 7º, 8º, quem se interessar, ganharão prêmios e se vocês se interessarem vocês vão aprender muitas coisas com o professore de literatura. E preste atenção, para vocês aprenderem muito mais, frequentem as aulas do dia e não falem.

TA29

Venha participar da O.L.P

A Olimpíada da Língua Portuguesa convida você para participar, as séries 5ª, 6ª, 7ª, 8ª para incentivar o seu conhecimento com ela, você pode aprender a realizar em parceria com o MEC, com a Fundação Itaú Social e o CEPEC (Centro de Estudo e Pesquisa em Educação Cultural) é “O lugar onde vivo”.

TA30

Ei, você é um poeta!

Ei, você

Você mesmo aluno do 6º, 7º e 8º anos

Você do 6º ano, participa do gênero “poema”.

Já você do 7º e 8º, você vai fazer um texto com o gênero “memórias”.

O concurso é escolar, municipal, estadual, regional e nacional.

Se você for um dos 500 finalistas da regional, você ganha um prêmio que é medalhas e livros.

Se você passar da 1ª fase, que é regional, já a 2 fase ganha um prêmio que é medalhas e aparelhos de som.

Se você passar para a 3ª, que é nacional, você ganha um prêmio que é medalhas, computador e impressoras.

TA31

O convite para OLP para os alunos do ANB

Alunos do A. N. B., eu estou fazendo um convite para OLP (Olimpíada da Língua Portuguesa) e para as séries (6º, 7º, 8º) para participar da OLP. O tema é “O lugar onde vivo”. Serão selecionados 500 textos para os semifinalistas. O campeão estadual ganhará medalhas e livros e o campeão nacional ganhará medalhas, microcomputadores. Venha participar das olimpíadas da Língua Portuguesa.

TA32

Preste atenção na novidade que está na sua escola.

Atenção, atenção. Você, é você mesmo do 6º, 7º, 8º anos. Você sabia que na sua escola está tendo a O. L. P? Você não sabe o que é a O. L. P.? O.L.P significa “Olimpíadas de Língua Portuguesa”, alunos e professores participam das etapas escolares, municipais, estaduais, regionais e da nacional. Serão selecionados 500 na etapa estadual, 152 na regional e 20 na nacional. Você sabia que estudantes e docentes serão premiados? Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros; os 152 finalistas medalhas e aparelhos de som. Os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras. É isso, venha participar.

TA33

Abre inscrições da língua portuguesa.

Nesta segunda vez da Olimpíada da língua portuguesa 2010 recebe inscrição nesta terça-feira (2). O concurso podem participar professores e alunos das escolas dos seguintes anos escolares: 5º, 6º, 7º, 8º e neste concurso tem premiação. Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros e os vencedores da etapa nacional ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras, e bom que o 7º e 8º anos participam, pois podem ganhar prêmios.

TA34

O anúncio

Venha, venha, alunos, vamos participar da Olimpíada da Língua Portuguesa. O tema para todas as categorias é “O lugar onde vivo”.

Participa os alunos do 5º, 6º, 7º, e 8º anos. Os alunos serão premiados com medalhas, livros, aparelhos de som e microcomputadores e impressoras.

Vamos participar alunos e professores.

Vamos participar! FIM... (TA34)

TA35

Compareçam a O. L. P

Alunos das series 6º, 7º, 8º anos da Escola N. B., que compareça à O. L. P: Olimpíada da Língua Portuguesa nesta terça-feira dia 02/04/2010.

Comparecer somente os alunos de 6º, 7º, 8º anos.

Os prêmios serão livros, medalhas e microcomputadores.

TA36

Compareça à Olimpíada da Língua Portuguesa

Alunos do Colégio A. N. B. do 6º, 7º, 8º anos, que comparecer à O.L.P: Olimpíada da Língua Portuguesa dia 02/04/2010.

Comparecer somente os alunos dos 6º, 7º e 8.

Vai ter uma premiação de vários prêmios, livros, medalhas, sons, microcomputadores.

TA37

Recadinho legal

Oi, meu nome é X, eu participei da O.L.P.

Agora chegou sua vez, participe conosco. Venha concorrer vários presentes com O.L.P. Ok. Valeu pela sua atenção.

TA38

Olimpíada da Língua Portuguesa

A segunda edição da olimpíada da língua portuguesa, você pode participar e alunos dos seguintes anos (5º, 6º, 7º e 8º) participarão das etapas escolares, municipais, estaduais e regionais e da nacional. Serão selecionados 500 textos semifinalistas na etapa estadual.

Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros, os 152 finalistas medalhas e aparelhos de som.

TA39

Venha participar da:

Olimpíada de língua portuguesa. Alunos de todos os colégios e das escolas públicas estão participando, agora só falta você. Para alunos do 6º, 7º e 8º anos a premiação são medalhas e aparelhos de som, e os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras. E os professores que estarão do seu lado aqui no colégio serão o X e a Y. Venha participar, vai até o dia 16 de agosto.

TA40

Olimpíadas de Língua Portuguesa.

Alunos, a partir desta terça-feira (2) o concurso será lançado na terça-feira, 2 de março. A pasta espera receber inscrições de 9 milhões de alunos e 300 mil professores. A expectativa é que 80 mil escolas participem. É necessário que as redes de ensino façam sua adesão ao concurso.

TA41

Venham concorrer vários prêmios legais.

Estamos convidando a todos do 6º, 7º, 8º para participarem da O.L.P.

Alunos e professores participarão de etapas escolares municipais, estaduais e regionais e da nacional e 20 na nacional. Estudantes e docentes serão premiados.

Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros; os 152 finalistas, medalhas e aparelhos de som; os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras. O concurso acontece a cada dois anos. Venha concorrer a vários prêmios legais.

TA42

Acredite em você

Gente, vocês alunos, por favor, participem da Olimpíada da Língua Portuguesa. Gente, vocês só têm a ganhar, além de tudo isso, você vai aprender muito mais e vocês só tem a ganhar. E de tudo isso, vocês ainda vão ganhar várias coisas como, por exemplo: os prêmios, você só tem a ganhar com isso. Gente, acredite em você.

TA43

OLIMPÍADA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Nós [vamos] estamos participar da O. L. P, nós estamos chamando vocês alunos do 5º, 6º, 7º e 8º anos para participar. Serão selecionados 500 textos semifinalistas na etapa estadual, 152 na regional e 20 na nacional. Estudantes e docentes serão premiados.

Os 500 escolhidos na fase estadual receberão medalhas e livros, os 20 vencedores da etapa nacional ganharam medalhas e microcomputadores e impressoras, os 152 finalistas medalhas e aparelhos de som.

Vocês, alunos do 5º, 6º, 7º e 8º anos. Participar

SIM ou NÃO.

TA44

Vem, vem participar da Olimpíada da língua portuguesa

Venham, é até o dia 16 de maio, os que participarem vão ganhar medalhas e livros, e os 152 [finalistas] vão ganhar medalhas e aparelhos de som para vocês escutarem suas musicas preferidas e os vinte [finalistas] ganharão medalhas e microcomputadores. Vai ser muito legal e, ainda mais, você vai aprender mais e fazer poema e aí você não errará mais os seus poemas. Vem participar dessa segunda olimpíada da língua portuguesa e com seu microcomputador e participar mais e mais e aí você terá mais vontade de participar. Vem, vem.

TA45

Inscreva-se na Olimpíada da Língua Portuguesa

Inscreva-se, os alunos do 5º, 6º, 7º e 8º ano do ensino fundamental para participar da olimpíada portuguesa de 2010. A expectativa é de 80 mil alunos participem. Então participem. Os 500 escolhidos na fase estadual ganharão medalhas e aparelhos de som. Os 20 vencedores na etapa nacional ganharão microcomputadores e impressoras. A competição é do MEC [e do] Centro de Estudo em Educação.

TA46

Você aluno do 6º, 7º, 8º, participem da segunda edição da olimpíada da língua portuguesa de 2010. As inscrições a partir desta terça-feira. Os 500 escolhidos ganharão medalhas e livros, os 152 finalistas medalhas e aparelhos de som.

TA47

Olimpíada da Língua Portuguesa

A olimpíada da língua portuguesa chama vocês alunos da 5ª, 6ª e 7ª séries do ensino fundamental, para participar da 2ª edição da olimpíada da língua portuguesa.

Os alunos do 5º e 6º anos participam do gênero “poema”; os de 7º e 8º anos desenvolvem textos do gênero “memórias”.

Serão selecionados 500 textos semifinalista na etapa estadual, 152 na regional e 20 na nacional. Estudantes e professores serão premiados.

Os 500 escolhidos na fase estadual receberam medalhas e livros, os 152 finalistas medalhas e aparelhos de som. Os 20 vencedores da etapa nacional ganharam medalhas, microcomputadores e impressoras.

TA48

Participem do O.L. P

Alunos dos 6º, 7º, 8º [anos], participem da olimpíada de língua portuguesa. Os alunos que participarem e forem vencedores ganharão prêmios também, e [se] os professores lhe ajudarem, também ganharão prêmios, também como os professores de Português e Literatura. Os prêmios são para os escolhidos na fase estadual, receberão medalhas e livros; os 152 finalistas ganharão medalhas e aparelhos de som. Os 20 vencedores da etapa nacional ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras. Venham participar, isso são para vocês, alunos do 6º, 7º, 8º [anos]. Venham participar.

TA49

Olimpíada da língua portuguesa

Você está sendo convidado(a) para a segunda edição da Olimpíada da Língua Portuguesa. Todos os professores e alunos(as) das escolas públicas poderão participar, mas só quem quer. Pode participar são os alunos do 5º, 6º, 7º, 8º e 9º ano e os professores. Os 500 melhores textos que serão escolhidos ganharão prêmios como: medalhas e livros; os 152 ganhadores e finalistas ganharão: medalhas e aparelhos de som; os 20 vencedores ganharão medalhas, microcomputadores e impressoras.

Não deixe de participar, aproveite essa oportunidade!!!

TA50

Venha participar da O.L.P. Você pode gostar!

Caros alunos, venham participar da O.L.P (Olimpíada da Língua Portuguesa). Estamos chamando vocês pra participar. Essa olimpíada só acontece de dois em dois anos. Venham caros alunos, Poderá participar somente alunos do 6º, 7º, 8º [anos]. Você pode ganhar prêmios, livros, computadores, impressoras e aparelhos de som. Venham conosco, caros alunos.

Obrigado pela sua atenção!!!

TA51

Você está sendo convidado a participar da Olimpíada da Língua Portuguesa.

Alunos e alunas de (5º, 6º, 7º 8º [anos]) estão convidados para participar da olimpíada de português.

As premiações serão no dia 16 de agosto. Os escolhidos receberão medalhas e livros, os 152 finalistas receberão medalhas e aparelhos de som e os 20 [finalistas] ganharão na etapa nacional medalhas, microcomputadores e impressoras.